

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Mestrado em Comunicação

CORPO, CONSUMO E ESPETÁCULO

**Mídia e Comportamento de Crianças e Adolescentes
nos Textos de Rosely Sayão**

TATIANA DE BRUYN FERRAZ TEIXEIRA

São Paulo, 2012

TATIANA DE BRUYN FERRAZ TEIXEIRA

CORPO, CONSUMO E ESPETÁCULO
Mídia e Comportamento de Crianças e Adolescentes
nos Textos de Rosely Sayão

Dissertação apresentada à Faculdade Cásper Líbero como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, área de concentração “Comunicação na contemporaneidade”, linha de pesquisa “*Produtos midiáticos, jornalismo e entretenimento*”.

Orientador: Prof. Dr. Dimas Antônio Künsch

São Paulo, 2012

Teixeira, Tatiana De Bruyin Ferraz

Corpo, Consumo e Espetáculo – Mídia e Comportamento de Crianças e Adolescentes nos textos de Rosely Sayão/ Tatiana de Bruyin Ferraz Teixeira. – São Paulo, 2012.

127f; 30 cm

Orientador: Prof. Dr. Dimas Antônio Künsch
Dissertação (mestrado) - Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação

1. Comunicação. 2. Escola. 3. Consumo. 4 Espetáculo. 5. *Folha de S. Paulo*. 6. Rosely Sayão. | Luis Mauro Sá Martino. || Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação. ||| Título.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTORA: TATIANA DE BRUYN FERRAZ TEIXEIRA

**“CORPO, CONSUMO E ESPETÁCULO – MÍDIA E
COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES
NOS TEXTOS DE ROSELY SAYÃO”.**



Profa. Dra. Gisela Grangeiro da Silva Castro
Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM



Profa. Dra. Simonetta Persichetti
Faculdade Cásper Líbero



Prof. Dr. Dimas Antônio Kunsch
Faculdade Cásper Líbero

Data da Defesa: - 13 de dezembro de 2012.

*À minha avó bibliotecária
Anair Monteiro de Lima de Bruyn, a “Mamy” (In memoriam)*

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos, Lucília e Francisco, que me mataram no dia de seus nascimentos fazendo surgir em mim uma nova pessoa, a que descobriria o amor incondicional.

Aos meus pais, que desde muito cedo ensinaram que educação é um ato de liberdade com responsabilidade.

Ao meu marido Agostinho Teixeira, com quem divido amores, angústias, dúvidas e alegrias todos os dias.

À Faculdade Cásper Líbero, que nestes 8 últimos anos tem sido uma verdadeira casa: Onde estudo, ensino, faço amigos e tenho tido excelentes momentos de descobertas.

Aos meus professores queridos Dimas A. Künsch, Roberto Chiachiri e Simonetta Persichetti, que me ensinaram, entre outras coisas, que é possível falar de ciência com um largo sorriso no rosto.

“O mundo é o laboratório. E nós somos os ratos.”

Simonetta Persichetti

RESUMO

O presente trabalho de dissertação de Mestrado em Comunicação tem por objeto a coluna semanal da psicoterapeuta Rosely Sayão para o caderno Equilíbrio, da Folha de S.Paulo. Em um conjunto de 34 textos, foram destacados conceitos e problemas relacionados a questões educacionais que têm a ver direta ou indiretamente com o campo de estudo da comunicação. Tais questões, por sua vez, são associadas a temas recorrentes nos textos: o corpo, o consumo, o espetáculo. A ótica é a do ambiente escolar, tendo como objeto dessas preocupações as crianças e os adolescentes dos ensinos fundamental e médio. Os conteúdos contidos na coluna semanal são analisados à luz de referenciais teóricos que incluem nomes de autores como Guy Debord, Christopher Lasch, Naomi Klein, Vilém Flusser, Edgar Morin, Norval Baitello Jr., entre outros. Como resultados, espera-se contribuir para um melhor entendimento das relações, cada vez mais evidentes e numerosas, entre mídia e escola, num ambiente em que a mídia faz parte do diálogo com professores e pais, disputando a atenção e a adesão da audiência infanto-juvenil.

Palavras-chave: comunicação. Comunicação. Escola. Consumo. Espetáculo. Folha de S. Paulo. Rosely Sayão.

RESUMÉ

Le texte qui suit, fruit d'un Master en communication, a comme objet les articles hebdomadaires de l'écrivaine et psychologue Rosely sayão dans le quotidien "Folha de S. Paulo". Selon un ensemble de 34 textes publiés entre août 2011 et mai 2012, on trouvera des questions ayant directement ces thèmes de la communication dans leurs contenus. Ces thèmes sont ils associés a d'autres trois sujets spécifiques: le acorps, la consommation excessive et le spectacle. Cette étude se fait dans l'ambiance scolaire, ayant ces préoccupations devant les enfants et les adolescents entre 8 et 17 ans. Les contenus de ces 34 textes sont analysés aux référentiels théoriques d'auteurs consacrés comme Guy Débord, Christopher Lash, Naomi Klein, Vilém Flusser, Néstor Canclini Garcia, Norval Baitello Jr, entre autres. La recherche prévoit aussi des interviews avec Roselyne Sayao. L'objectif de ce travail est de contribuer à une meilleure compréhension des relations, chaque fois plus importantes, entre les médias et l'école, dans un contexte dans lequel les médias se trouvent en concurrence avec les professeurs et les parents, se disputant l'attention et l'adhésion d'un public d'enfants et d'adolescents.

Mots clefs: Communication. École. Consommation. Spectacle. Folha de S.Paulo. Rosely Sayão.

LISTA DE TABELAS

Tabela1. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Agosto/2011.....	24
Tabela2. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Setembro/2011.....	25
Tabela3. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Outubro/2011.....	25
Tabela4. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Novembro/2011.....	26
Tabela5. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Dezembro/2011.....	27
Tabela6. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Fevereiro/2012.....	27
Tabela7. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Março/2012.....	28
Tabela8. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Abril/2012.....	28
Tabela9. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Maio/2012.....	29
Tabela10. Corpo, Consumo e Espetáculo nos textos de Rosely Sayão- 2011/2012.....	30
Tabela11. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Agosto/2011.....	40
Tabela12. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Setembro/2011.....	41
Tabela13. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Outubro/2011.....	41
Tabela14. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Novembro/2011.....	42
Tabela15. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Dezembro/2011.....	43
Tabela16. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Fevereiro/2012.....	44
Tabela17. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Março/2012.....	44
Tabela18. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Abril/2012.....	45
Tabela19. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Maio/2012.....	45
Tabela20. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Agosto/2011.....	58
Tabela21. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Setembro/2011.....	59
Tabela22. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Outubro/2011.....	59
Tabela23. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Novembro/2011.....	60

Tabela24. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Dezembro/2011.....	60
Tabela25. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Fevereiro/2012.....	60
Tabela26. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Março/2012.....	61
Tabela27. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Abril/2012.....	62
Tabela28. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Maio/2012.....	63
Tabela29. Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Agosto/2011.....	74
Tabela30. Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Setembro/2011.....	74
Tabela31. Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Outubro/2011.....	75
Tabela32. Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Novembro/2011.....	75
Tabela33. Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Dezembro/2011.....	76
Tabela34. Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Fevereiro/2012.....	76
Tabela35. Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Março/2012.....	77
Tabela36. Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Abril/2012.....	77
Tabela37. Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Maio/2012.....	77

SUMÁRIO

ANTECEDENTES

INTRODUÇÃO.....15

CAPÍTULO I - TEXTOS QUE COMUNICAM E INCOMODAM

1.1.A psicóloga que trabalha com educação.....18

1.2. Visão geral dos textos estudados.....23

CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO. O CORPO QUE EDUCA

2.1.O corpo gera, mas não educa. Comunica.....31

2.2.A mídia como corpo.....32

2.3.O corpo nos textos de Rosely Sayão.....38

CAPÍTULO III - O CONSUMO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

3.1.Consumo *versus* consumismo.....48

3.2. O consumismo, o individualismo e o ambiente escolar.....51

3.3. O consumismo nos textos de Rosely Sayão.....57

CAPÍTULO IV - A ADOLESCÊNCIA, O ESPETÁCULO E O MUNDO VIRTUAL

4.1.Guardamos nas máquinas. E na memória corporal?65

4.2.O diálogo mídia, escola, mundo e pais.....67

4.3.O espetáculo nos textos de Rosely Sayão.....72

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....80

REFERÊNCIAS.....82

ANEXOS.....86

ANTECEDENTES

8 de setembro de 2012. Em pleno feriado da independência, aproveitando os raros dias de folga em família em um hotel fazenda de Serra Negra, interior de São Paulo. Reparando nas raras figuras humanas que povoavam o local, eis que notamos um rapaz, novo, cabeludo, com algumas tatuagens pelo corpo. A maioria das figuras desenhadas na pele dele mal se distinguia, mas uma chamou atenção: Uma logomarca da "Ferrari", com cavalinho e tudo, em amarelo e vermelho, tal como vem estampada nos automóveis.

No dia seguinte, passa pelas ruelas do hotel uma caranga velha, um modelito anos 80, barulhento e chamando muita atenção. E estaciona bem à nossa frente. E quem é o motorista que abre a porta e sai andando? O cabeludo da tatuagem da Ferrari. Inevitável a pergunta da minha filha mais velha, de 12 anos, por pura curiosidade e quase nenhuma maldade:

- Mãe, ele tem aquela tatuagem porque ele queria ter uma Ferrari?

E a minha resposta:

- Filha, responder a sua pergunta renderia uma dissertação de mestrado...

É claro que o assunto morreu ali. Discutir o que faríamos depois do café da manhã naquele lindo sábado ensolarado parecia muito mais interessante.

Os aborígenes da Polinésia, onde o navegador James Koch encontrou as primeiras peles tatuadas, costumavam dizer que os adornos cravavam na pele aquilo que os homens tinham na alma. Será exagero imaginar que o tal cabeludo de Serra Negra confirmaria esta tese?

Talvez para Naomi Klein, Todd Giltlin, Guy Débord e outros autores escolhidos para este estudo não seja exagero.

A ideia do estudo sobre consumo, infância e espetáculo havia nascido tempos antes. Mais precisamente em dezembro de 2007. Saía aflita de mais um dia de trabalho – à época na Rádio Eldorado de São Paulo – de olho no relógio que teimava correr enquanto o trânsito insistia, como sempre, em não fluir. O objetivo naquele dia não era somente voltar para casa, mas chegar a tempo de assistir ao “Grande espetáculo de final de ano” proporcionado pela escola dos meus filhos, então com 7 e 6 anos.

Consegui chegar a tempo e vivenciar uma noite com cenas que me fizeram refletir muito sobre o significado de tudo aquilo. E, após chegar estressada em casa, não resisti: liguei o computador e escrevi um desabafo a quem achei que se interessaria pelo assunto: a psicóloga e escritora Rosely Sayão. Pelo jeito, ela gostou, pois publicou o texto na íntegra em

seu blog¹, como segue abaixo:

Desabafo de Mãe

Recebi o texto abaixo de Tatiana Ferraz, uma mãe que fez um desabafo tão interessante que achei que precisava compartilhar com vocês.

"Não sou psicóloga. Sou jornalista. Preciso contar a história que segue para ver se eu é que sou uma mãe 'anormal' ou as outras é que estão ficando malucas:

Estou vivendo a ressaca de um dia de 'festa' na escolinha das crianças, meus filhos de 7 e 6 anos. Um verdadeiro estresse.

Saí do meu trabalho mais cedo (com consentimento de chefes, claro, algo sempre constrangedor... não é todo mundo que se sensibiliza com festinha de filhos na escola) Demorei duas horas para chegar ao ginásio onde ocorreria o 'espetáculo de final de ano da educação infantil'.

Lugar para parar o carro? Esqueça... Cheguei atrasada. Mães, pais, avós, madrinhas se acotovelavam para tentar chegar ao local do show. Vi meu filho de longe, muito longe... tentando desviar das máquinas, flashes, filmadoras e pais mal-educados que só pensam em ilmar o próprio filho, esquecem que há pessoas que também têm o direito à visão.

Entram as crianças mais novinhas. Fantasias, muitas fantasias. Elas não dançam... andam, praticamente... olham assustadas para aquilo que, em tese, deveria lhes dar prazer, ser didático, sei lá... muitas choram. Não é pra menos: A fantasia deve ser incômoda. O local, assustador. Os pais e mães, histéricos. O barulho, ensurdecedor. Não é raro ver cenas de pais brigando para ter o melhor ângulo fotográfico da cena. Todos, sem exceção, se preocupam muito mais com o registro "eletrônico" do que com o registro 'cerebral'. Mas afinal de contas... fotos e filmagens não servem para que um dia possamos recordar aquilo que vimos? Nada disso... hoje, a prioridade é registrar na máquina... sem o simples prazer de olhar a cena... desfrutar, sentir, guardar...Ninguém se preocupa em observar a olho nu... ao pé da letra... o estresse do registro prevalece sobre o fato em si: As crianças, em tese, estão lá para mostrar algo que aprenderam ao longo do ano, ou algo que gostam de fazer. Em tese, estão lá para compartilhar com os pais algo prazeroso, gostoso de fazer, de aprender... definitivamente não é o que acontece.

Aí me pergunto: para quem é o espetáculo? Será que um 'show' desses, que mais serve de propaganda para a própria escola (com o 'uso' dos filhos) é mesmo importante, didático, faz parte de uma experiência curricular, sei lá...

Conclusão: Parentes 'desesperados', crianças exaustas e estressadas, pais brigando por espaço e egoísmo, dando um péssimo exemplo aos próprios filhos.

Eu amo meus filhos e faço questão de estar presente nos principais momentos da vida. Seria muito mais produtivo convidar pais e familiares para montar, juntos, no pátio da escola, uma enorme árvore de Natal com material reciclado que as próprias crianças trariam para a escola, sabendo da importância disso.... teria sido muito mais divertido. E estaríamos muito mais próximos.

Quer saber o pior? Eu era a única mãe insatisfeita. Enquanto me perguntava se aquilo realmente valia a pena, observava ao redor mães sorridentes e eufóricas com o 'desempenho' teatral de seus filhos.

Queria ter ficado em casa nesse dia... pediria uma enorme pizza de muzzarella e acabaríamos a noite lendo Ruth Rocha antes de dormir...eu dormiria mais feliz. Talvez eles também". Tatiana Ferraz (BLOG DA ROSELY SAYÃO, 2007).

¹ Blog da Rosely Sayão - UOL Blog: Disponível em: http://blogdaroselysayao.blog.uol.com.br/arch2007-12-16_2007-12-31.html

Seguiram-se comentários de mães solidárias e que concordavam com a maioria das minhas ideias. Várias mães manifestaram sua insatisfação com algumas realizações escolares que parecem querer agradar a um público ávido por espetáculos, shows, performances e videoclipes. As mães que comentaram o “texto desabafo” também questionavam se certas atividades escolares megalômanas faziam sentido, principalmente para crianças em idade pré-escolar.

A tirinha do cartunista Quino² resume bem o intuito deste estudo. Ironicamente, o colunista e escritor argentino provoca o leitor ao fazê-lo refletir que, diante da inocência de uma criança, algumas coisas podem assumir valores muito diferentes.

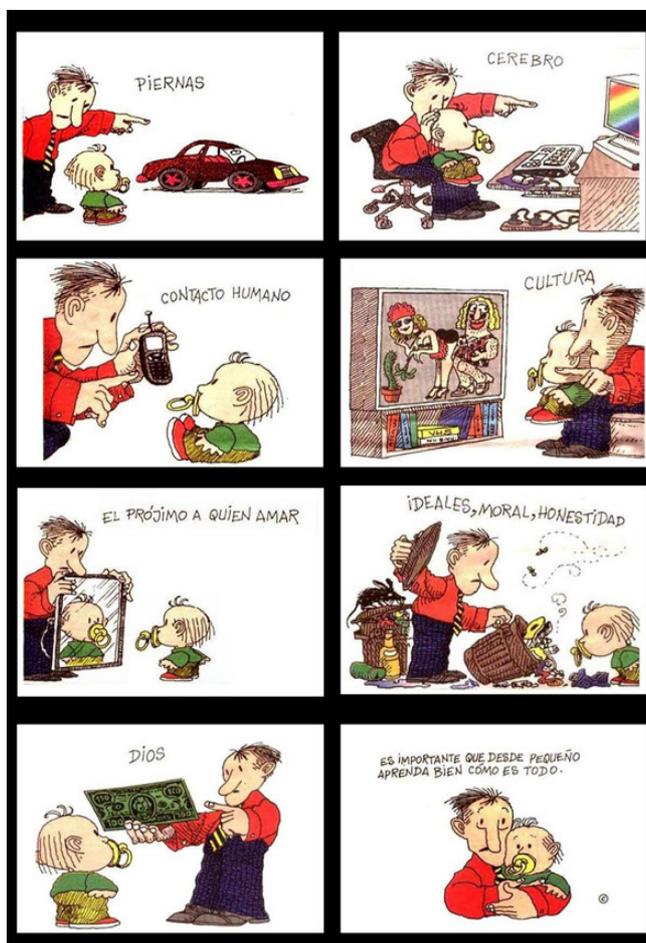


Figura 1. Charge Quino

² Joaquín Salvador Lavado, filho de imigrantes espanhóis da Andaluzia, nasceu em Mendoza (Argentina). Já ao nascer foi chamado de Quino, para distingui-lo de seu tio Joaquín Tejón, pintor e desenhista de publicidade. Disponível em: <http://www.quino.com.ar/>.

INTRODUÇÃO

Concluo a cada momento que a tarefa de educar nasce junto com o nascimento dos filhos. É dever dos pais dividir com eles conhecimentos sobre o mundo em que vão viver até o fim de seus dias. A comunicação, que começa no corpo da mãe, permanece em cada gesto do filho. Os filhos choram e comunicam sua fome, seu sono, seus medos. Até que, nas primeiras palavras e frases, conseguem construir códigos, decifrá-los e absorver seus conteúdos.

A questão, hoje premente, é identificar onde perdemos o controle sobre o que é assimilado por eles como sendo educação. A tarefa de educar e comunicar constantemente para a vida nos coloca – na era do espetáculo e da proliferação das mídias – em um dilema: e como fazer com que o nosso corpo, o nosso gesto, a nossa comunicação, converse com o bombardeio midiático dos discursos que vêm da televisão, da internet, dos games, dos celulares?

Organizar as ideias nesse contexto, tendo como base os textos de Rosely Sayão na Folha de S. Paulo que abordam frequentemente esses temas, é o objetivo deste trabalho de pesquisa.

Até que ponto nós, os pais, os educadores, somos exemplos e devemos nos preocupar e nos culpar pelo comportamento daqueles a quem devemos educar? E em que medida estudar a comunicação e seus mecanismos pode ajudar nossos corpos a se comunicarem melhor com os corpos de nossos filhos?

Mergulhar a fundo nos conteúdos comunicacionais presentes nos textos da psicóloga Rosely Sayão pode ajudar a entender melhor o diálogo que se pode travar dentro de casa, num universo de extrema riqueza e difusão de ideias, aceleradas pelas mídias, pela tecnologia e endossadas pelo próprio padrão de vida que o consumo e o consumismo moldaram ao longo dos anos.

O curioso é que a própria Rosely Sayão foi, de certa forma, “moldada” e construída pelos meios de comunicação. Ficou conhecida após passar a escrever periodicamente em jornais, e mais recentemente como colunista da Rádio Bandnews fm. Suas colunas, que vão ao ar seis vezes por semana, tratam principalmente de questões que – segundo ela própria – afligem os pais. A mesma educadora/psicóloga costuma dar palestras em grandes escolas particulares, tendo se tornado uma espécie de “grife” quando se trata de comportamento adolescente.

Os textos de Rosely Sayão, como se verificará ao longo desta pesquisa, não vêm com a

receita pronta para bem educar e orientar pais de crianças e adolescentes. Mas servem para questionar certas atitudes que pais e educadores cultivam em um mundo cada vez mais globalizado, mais consumista, mais espetacular, mais cheio de informações que se lençam e se esgotam praticamente no mesmo dia.

Notar que questões comunicacionais estão muito bem entrelaçadas com as questões de educação tornou este trabalho de pesquisa fascinante, deixando perceber que o campo da educação é farto, espinhoso, avassalador, apaixonante. E a comunicação e as questões a ela relacionadas estão cada vez mais no centro de discussões que pensam a educação.

O objetivo deste trabalho é investigar como a psicóloga Rosely Sayão relaciona a sociedade contemporânea e suas influências nas crianças e jovens na escola e em seu meio ambiente por meio das narrativas midiáticas. Evidenciar em suas narrativas na coluna semanal do caderno especial “Equilíbrio”, da Folha de S.Paulo, a discussão da relação entre as crianças e adolescentes com o consumo, a imagem, o corpo e a comunicação virtual (não real) como prioritária na vida cotidiana.

A metodologia consiste, em primeiro lugar, em observar nos textos de Rosely Sayão pontos de contato com questões teóricas levantadas pelos autores escolhidos. Depois disso, fez-se uma atenta leitura de todo o material selecionado à luz da comunicação. É feita, também, uma identificação dos temas escolhidos para este estudo (corpo, consumo e espetáculo) em cada um dos 34 artigos. Com estes dados, se produz um conjunto de quadros com os títulos das matérias, datas e a sinapse dos mesmos, discutindo cada um dos temas em particular. Além disso, quadros identificam cada um dos três temas estudados e como eles aparecem em cada uma das matérias. Por fim, se produz um quadro que faz um cruzamento da presença dos três temas nas diferentes matérias selecionadas. O objetivo é identificar pontos de contato entre os textos de Rosely Sayão e os textos dos autores selecionados, sempre à luz da comunicação. Assim se dá conta da tarefa de identificar e provar a existência de temas recorrentes nos textos de teóricos da comunicação com os artigos relacionados ao comportamento infanto juvenil publicados pela autora. Para isso, busca-se apoio na bibliografia especializada de autores como Vilém Flusser, Néstor Canclini, Giuseppe Mimini, entre outros. Também é feita uma entrevista, em profundidade, com a autora dos textos estudados, Rosely Sayão.

Assim foram estruturados os capítulos desta dissertação:

No primeiro deles, um perfil da psicóloga, levando em conta sua trajetória profissional, livros publicados, reportagens sobre ela e a entrevista pessoal realizada em outubro de 2012,

uma visão geral de seus textos publicados na Folha de S.Paulo.

O segundo capítulo ocupa-se com o binômio educação/corpo : como estes temas aparecem nos textos a serem analisados e como apontam para temas já abordados pelos autores. Crianças, adolescentes e seus pais: os laços de comunicação, os valores passados pelo corpo que comunica, o relacionamento entre pais, crianças, adolescentes a influência do “corpo mídia”.

O terceiro capítulo aborda o tema consumismo no mundo das crianças e dos adolescentes, diferenciando os conceitos de consumo e consumismo. O foco é o consumo exagerado entre crianças e adolescentes, o estímulo ao consumo que vem de casa ou do ambiente escolar, a mudança de comportamentos e nos relacionamentos provocada pelo consumismo.

No quarto e último capítulo, investiga-se a imagem que o jovem tem sobre si mesmo e o que as mídias provocam nesse comportamento. O corpo, aqui, também entra como fator determinante, pois, segundo Rosely Sayão, crianças e adolescentes valorizam desde cedo o corpo e a imagem dele projetada nas mídias. Em suma, o espetáculo presente na vida de crianças e adolescentes, “turbinado” por uma época de torrencial fluxo de informações midiáticas.

CAPÍTULO I - TEXTOS QUE COMUNICAM E INCOMODAM

1.1.A psicóloga que trabalha com educação

Segundo informações contidas em seu próprio blog, Rosely Sayão nasceu em São Paulo, em 1950. Cursou o primário em grupo escolar, fez cursinho e exame de admissão para entrar no ginásio, depois fez o curso científico, sempre em escola pública. Repetiu o primeiro ano do segundo grau e de acordo com ela, com “louvor e distinção”.

Prestou vestibular na PUC de Campinas e lá ficou por cinco anos, o tempo de duração do curso de psicologia. Durante esse período trabalhou como vendedora em livraria, substituiu professores em aulas de matemática para o ginásio em escolas particulares e trabalhou na faculdade em troca do valor da mensalidade. Quando se formou passou a trabalhar como professora de colegial, depois passou ao curso de terceiro grau. Casou-se logo após se formar e teve dois filhos: uma menina que nasceu em 1975 e um menino, nascido em 1978. Separou-se quando o divórcio chegou, no início dos anos 80.

Chegou a escrever em seu blog pessoal:

...pensei que o fato de estudar educação e ser psicóloga me ajudaria no ofício de mãe. Qual o quê! A educadora e psicóloga só me tomavam depois que as crianças estavam dormindo e, assim, só me permitia que eu soubesse tudo de errado que havia feito durante o dia, como qualquer mãe (BLOG DA ROSELY SAYÃO, 2012).

O trabalho de escrita pública começou no jornal *Notícias Populares*, em 1989. Lá, escreveu diariamente uma coluna de orientação sexual, chamada “Tudo sobre Sexo”, até que o jornal deixou de circular. Em 1993, passou a escrever também a coluna “Sexo” no caderno semanal “Folhateen”.

Publicou vários livros, alguns em parceria com o que chama de “um grande amigo e companheiro de idéias a respeito da educação”, Julio Groppa Aquino.

Hoje, escreve semanalmente no caderno “Equilíbrio”, da *Folha de S.Paulo*, a coluna “SOS Família”. Dá assessoria a algumas escolas, é chamada para fazer palestras para pais e professores, é colunista da rádio Band News FM, onde faz o programa “Momento Família” no UOL News e se reúne mensalmente com grupos de pais para refletir a respeito da educação familiar.

A seguir, uma breve descrição sobre os livros publicados:

Em *Sexo, prazer em conhecê-lo* (1995), há respostas sobre as principais questões que muitos adolescentes têm medo ou vergonha de perguntar. Em forma de bate-papo, Rosely Sayão esclarece as dúvidas que freqüentemente povoam a cabeça dos adolescentes quando começam a pensar em sexo. A autora ensina o adolescente a lidar com problemas como a Aids, gravidez, masturbação, prazer sexual e doenças. As ilustrações do livro são de Angeli.

Em *Sexo é sexo* (2002), Rosely Sayão utiliza uma linguagem simples voltada ao adolescente para abordar temas como iniciação sexual, masturbação, homossexualismo, namoro, métodos anticoncepcionais, sexo seguro, doenças sexualmente transmissíveis, orgasmo.

Em *Como educar meu filho* (2003), a psicóloga reúne artigos publicados na *Folha de S.Paulo* entre 2000 e 2002 sobre educação familiar. A autora não oferece receitas, mas propõe questionamentos para que pais e educadores possam criar, em relação à educação de crianças e adolescentes, um caminho próprio com mais consciência e responsabilidade.

A obra *Em defesa da escola* (2004) é o resultado do encontro entre a psicóloga Rosely Sayão e Julio Groppa Aquino, professor de graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). O debate gravado, transcrito e editado posteriormente pelos próprios autores aborda os temas atuais mais recorrentes na escola, como “obediência versus disciplina” e “inversão de papéis entre família e escola”. Em defesa da escola convida os professores e estudantes a refletir sobre a sala de aula. Reforça a ideia de que a é possível acreditar na capacidade transformadora da educação.

Em *Família: modos de usar* (2006), Rosely Sayão e Júlio Groppa Aquino falam sobre como lidar com algumas angústias e pais aflitos com a educação dos filhos poderiam buscar respostas a tantas dúvidas que os atormentam. Nesta obra, os autores fazem uma crítica ao discurso prescritivo geralmente dirigido aos pais e comentam os novos arranjos familiares vigentes na sociedade contemporânea.

Em *Professores: procuram-se narradores* (2009), Rosely Sayão e Júlio Groppa Aquino tocam em assuntos como marcas de autoridade, deserção escolar, rigor e generosidade, o aluno por vir e a desesperança como meta.

Em *Escola hoje: da caserna ao parque de diversões* (2009), Rosely Sayão e Júlio Groppa Aquino tocam em temas relacionados com a educação, como os rituais pedagógicos, a desregulamentação institucional, a cisão entre âmbitos público e privado, universalização versus analfabetização.

Em *Família e educação – quatro olhares* (2011), Júlio Aquino, Sérgio Rizzo, Rosely

Sayão e Yves de la Taille falam das transformações da família desde os anos 60, aliadas a características sociais, tais como o individualismo, a primazia do consumo, a busca da juventude permanente e da felicidade imediata, e como isso têm alterado radicalmente as relações entre pais e filhos e, conseqüentemente, os modos de educar os mais novos.

Na reportagem “Rosely Sayão dá dicas aos pais sobre educação das crianças” (VEJA SÃO PAULO ONLINE, 2012), publicada no suplemento da revista *Veja São Paulo*, em junho de 2012, escrita pelos repórteres Daniel Bergamasco, Cláudia Jordão e Jéssika Torrezan, Rosely Sayão é definida como “maior referência paulistana na formação de crianças e adolescentes” (VEJA SÃO PAULO ONLINE, 2012).

Eles contam, por exemplo, que questões como o que fazer se eu achar um cigarro de maconha escondido na gaveta do meu filho de 15 anos, como responder a uma menina que pede autorização para dormir em casa com o namorado, que limites devo impor aos garotos na hora de jogar videogame, são dilemas que, segundo a reportagem, costumam deixar pais de cabelo em pé. A reportagem descreve ainda que, na semana anterior, 300 pais lotaram o salão nobre do Colégio Marista Arquidiocesano, na Vila Mariana, zona sul de São Paulo, para assistir a uma palestra:

E a estrela do evento era a psicóloga paulistana Rosely Sayão, considerada a maior especialista nesse tema na cidade. Em duas horas de conversa, ela respondeu a tudo ao seu estilo, de forma direta, muitas vezes desmontando as premissas do interlocutor. “Fiz um combinado com minha filha...”, dizia uma das presentes, antes de ser rebatida pela palestrante: “Olha, essa história de ‘combinado’ me irrita muito. Com criança pequena, temos de dar ordem e não estabelecer tratos”. No fim do encontro, ela resumiu para o auditório a filosofia que considera mais eficiente para nortear as decisões em momentos difíceis: “Sejam potentes ao falar com o filho, mesmo sabendo que fatalmente errarão em uma coisa ou outra. Confie no próprio taco” (VEJA SÃO PAULO ONLINE, 2012).

Ainda segundo a reportagem da revista *Veja*:

Rosely tornou-se uma referência em relações familiares falando no programa “Seus Filhos”, que vai ao ar seis dias por semana na rádio BandNews FM, e escrevendo uma coluna para o jornal “Folha de S.Paulo” há quase vinte anos. Solicitada com frequência para consultoria e palestras em algumas das principais escolas da cidade, ela marca presença regular no Colégio Rainha da Paz, na Vila Madalena, e no Objetivo de Sorocaba, cidade a 100 quilômetros de São Paulo para a qual se mudou há um ano e meio, fugindo da correria daqui.

Conta ainda a reportagem que de duas a três vezes por semana a psicóloga é conduzida por seu motorista particular à capital, onde promove um tipo peculiar de atendimento: reúne

grupos de seis a dez pais na cozinha de um deles para prepararem juntos pratos como sopas e discutirem, diante do fogo brando, temas quentes sobre a criação de filhos. Ela cobra em torno de 1.000 reais por um encontro de duas horas (o cachê de palestras, bastante variável, pode passar dos 10.000 reais, segundo *Veja*).

Na entrevista realizada com Rosely Sayão no dia 4 de outubro de 2012³, em um dos estúdios da *Rádio Bandnews* em São Paulo, ela se autodefine como “uma psicóloga que trabalha com educação”. E revelou aspectos curiosos na sua conduta com relação ao que escreve no jornal de grande circulação. Deixa claro que gosta de incomodar os pais, de “cutucar”, de certa forma, os educadores para que pensem melhor nas atitudes com relação aos filhos. Rosely Sayão disse que as ideias que aparecem em seus textos vêm sempre por acaso, fruto de boas observações que ela faz em seu dia a dia: no supermercado, no shopping, nas escolas e nas reuniões periódicas que realiza com pais surgem as pautas para os textos que acabam encaixando direitinho em situações corriqueiras para a maioria das famílias, como drogas, namoros, sexo, superproteção, internet.

Rosely Sayão declarou que fica feliz quando tem a sensação de tirar, segundo ela mesma, “10 minutos do sono” de pais e mães. A intenção, segundo ela, é fazer com que eles repensem suas atitudes, deixem os filhos crescerem com liberdade e responsabilidade e que pais e mães sintam menos culpa por atitudes erradas, mesmo sabendo que, lá no fundo, a intenção é sempre nobre.

Mas nem só da coluna no caderno “Equilíbrio” vive a Rosely Sayão no *Folha de S. Paulo*. Ela também é chamada para dar seus “pitacos” como colunista do jornal sempre que um assunto envolvendo o comportamento de jovens e crianças ocupa as primeiras páginas do noticiário. Foi o caso, por exemplo, de quando a apresentadora Xuxa revelou no programa Fantástico, da Rede Globo, que havia sido abusada sexualmente na infância e adolescência (FOLHA UOL ILUSTRADA, 2012).

Em um texto analítico, intitulado “Na violência sexual, silêncio é a atitude mais comum”, Rosely Sayão chamou a atenção para o fato de que a violência sexual parte geralmente de pessoas bem próximas (como no caso da apresentadora Xuxa) e de que a exposição da mídia pode fazer com que crianças e adolescentes não percebam que o que estão fazendo com eles é “normal” ou não:

Tios, avós, amigos íntimos da família, padrastos, vizinhos que partilham da intimidade da casa etc. São esses, entre outros, os personagens principais, segundo os estudos

³ Entrevista completa disponível nos Anexos.

apontam, dos abusos sexuais contra os mais novos.

É um caso bem sério esse, principalmente quando nos lembramos de duas características de nosso mundo.

A primeira: os mais novos estão eroticamente hiperestimulados. Acham "normal" as cenas a que assistem nos canais de TV, as fotos que veem nas revistas e nos sites. Podem achar "normal" viver uma experiência desse tipo, portanto.

A segunda: nos tempos atuais, crianças e jovens não sabem mais que têm direito à intimidade. Aliás, eles nem sabem o que é isso.

Nos canais abertos, em horários que as crianças estão expostas à TV, há uma explosão de "reality shows". Eles não sabem, portanto, o que é intimidade (FOLHA UOL COTIDIANO, 2012).

Em outro caso mais recente um dos mais tradicionais colégios de São Paulo, o Rio Branco, decidiu instalar câmeras de segurança das salas de aula, o que causou protesto dos estudantes --107 deles foram suspensos. A direção da escola, localizada no bairro de Higienópolis (Centro), diz que pretende aumentar a segurança na instituição. E, indiretamente, melhorar a disciplina das turmas. A escola foi fundada em 1946 e cobra mensalidades de R\$ 1.900 no ensino médio (FOLHA UOL EDUCAÇÃO, 2012).

Rosely Sayão também entrou na discussão e escreveu um artigo, "Opinião: Câmera em sala de aula é um atestado de falência" (FOLHA UOL EDUCAÇÃO, 2012). Nele, ela elogia a atitude dos alunos, que protestaram contra a instalação das câmeras. Para Sayão, os alunos do colégio Rio Branco realizaram um protesto genial. E, por isso, foram punidos.

Para ela, as escolas estão se rendendo ao aparato tecnológico que vigia alunos e professores. A justificativa para o seu uso é semelhante em todos os lugares em que as câmeras são instaladas: segurança. Rosely Sayão lembra, no artigo, que a escola tem o dever de educar. Para a cidadania, inclusive, como costumam documentar a maioria dos projetos pedagógicos. E qualquer tipo de educação escolar só se concretiza a partir da relação entre professores e alunos.

É a partir dessa relação que tudo acontece: ensino, aprendizagem, embates, conflitos, conhecimentos etc. Podemos dizer que é essa relação, uma relação de confiança, que viabiliza a educação escolar. A psicóloga conclui:

...a presença de câmeras em sala de aula é um atestado de falência, assinado pela própria instituição, dessa relação.

Sinal de que imagens valem muito mais do que palavras, diálogos, conflitos, encontros e desencontros, regras e transgressões.

Transgressões, aliás, que costumamos aceitar e considerar como legítimas no futebol, esporte tão popular entre nós. Mas, na escola, não.

Depois do ato de resistência, os alunos envolvidos foram suspensos. Cento e sete alunos fora da sala de aula? Não sei porque, lembrei-me do conto "O Alienista", de Machado de Assis.

"Sorria, você está sendo filmado" tem sido um lema em nossas vidas. Sorrir de quê? Da situação de extremo controle e adestramento a que temos nos submetido, da desumanização das relações, da quebra de confiança no encontro que se dá entre pessoas?

Os alunos nos deram uma lição de cidadania com seu ato e receberam de volta um solene cala-boca. Oxalá eles não aprendam a se calar (FOLHA UOL EDUCAÇÃO, 2012).

1.2. Visão geral dos textos estudados

Os artigos estudados falam basicamente de educação e comportamento. Não à toa, estão publicados no caderno “Equilíbrio”, que contém reportagens com conteúdos relacionados a saúde, bem-estar, colunas que falam de comportamento sexual e novas descobertas da medicina. Na coluna semanal, que ocupa sempre uma página inteira em formato tablóide, Rosely Sayão sempre abusa de títulos que exaltam problemas enfrentados pelos jovens e, conseqüentemente, pelos seus pais. Ela quase sempre começa o texto com uma história real, com personagens anônimos, depois discorre sobre o tema. E, no caso dos textos estudados, percebe-se a recorrência de temas ligados à comunicação: como se o ato de educar um filho ou aluno fosse também o ato de conseguir dialogar com ele e com os diversos meios de comunicação que estão o tempo todo disseminando mensagens nem sempre condizentes com o que os pais ou a escola tentam compartilhar.

O quadro abaixo resume as ideias principais dos 34 textos publicados por Sayão no caderno “Equilíbrio”, da *Folha de S. Paulo*, no período de 2 de agosto de 2011 a 22 de maio de 2012. A lista completa traz um resumo dos 34 textos, mês a mês, levando-se em consideração o conteúdo principal de cada artigo.

Tabela1. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Agosto/2011

Título	Data	Sinopse
1. Imposição das escolhas	1/08/2011	Crianças que não têm infância e que são obrigadas a tomar decisões muito cedo.
2. Desobediência faz parte	9/08/2011	A resistência dos filhos aos limites impostos pela educação dos pais. Sempre que a educação acontece de fato, há resistência ao processo.
3. Criança não sabe brincar	16/08/2011	A criança valoriza mais o brinquedo do que o brincar. O consumo de brinquedos.

		A descartabilidade dos mesmos.
4. É só uma faculdade, gente!	23/08/2011	A pressão pela escolha de uma faculdade na adolescência. O amadurecimento “forçado”.
5. Ouça bem	30/08/2011	A importância de ouvir mais as crianças e falar menos. Registrar histórias dos pequenos em suas linguagens peculiares, e aprender com elas.

Tabela2. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Setembro/2011

Título	Data	Sinopse
6. Família feliz e família real	06/09/2011	As necessidades da mulher em manter uma “família feliz” – aquela estampada na traseira dos carros. Seria a família dos nossos sonhos. Aquilo que projetamos.
7. Ser popular é melhor que estudar	13/09/2011	Aluno que parou de tirar boas notas pois não queria ser um “nerd” e sim um colega “popular”. As famílias e as escolas que valorizam virtudes como a ética, o respeito pela vida, o trabalho que beneficia a sociedade e a justiça, entre tantas outras questões importantes, estão em desvantagem.
8. Um fato, duas versões	20/09/2011	De onde vem o mau comportamento? No mundo contemporâneo, as crianças não são mais educadas apenas pela família.
9. Brincando de terapeuta	27/09/2011	A epidemia de indicação e de tratamentos psicanalíticos (ou chamados de) para crianças. Os adultos usam as crianças para satisfazer seus próprios desejos.

Tabela3. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Outubro/2011

Título	Data	Sinopse
10. Cada um com seus problemas	04/10/2011	Adultos assumem luta por adaptação nos estudos que deveria ser dos pais e da escola. Aos alunos basta apenas acatar as decisões.
		Sem renúncia não há escolha e, sem

11. Escolhas e renúncias	11/10/2011	escolha, não há liberdade. Escolher quais caminhos tomaremos em relação à educação e à vida de nossos filhos pode ser uma lição de liberdade que damos a eles, e não uma limitação em suas vidas.
12. Recreio educativo	18/10/2011	"Educar para a cidadania" é uma frase que sai fácil e as escolas a repetem mais do que 500 vezes. Mas na hora de praticar. O ambiente escolar, inclusive o do recreio, deve funcionar como um elemento educativo.
13. Formando para o espetáculo	25/10/2011	As formaturas, tanto quanto os casamentos, os aniversários etc. mais se parecem hoje com espetáculos do que com celebração. Seduzidas pelo espetáculo, pressionadas pelas famílias e sem se importar muito com o sentido da palavra formatura ou com as crianças, armam um circo e promovem a chamada "formatura da educação infantil".

Tabela4. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Novembro/2011

Título	Data	Sinopse
14. Presos no mundo, soltos na rede	1/11/2011	O mundo virtual parece menos ameaçador do que o real. Alguns adolescentes crescem sem aprender a ter habilidade no mundo real, e não aprendem a proteger a intimidade e a privacidade.
15. Caprichos de adultos	8/11/2011	Os filhos, hoje, existem para satisfazer os caprichos de seus pais. Primeiro, “pulando etapas” na escola para serem cada vez “melhores” e terem um futuro brilhante. Depois, com cenas que deveriam ser íntimas postadas na internet.
16. Como desfazer amigos	22/11/2011	Devemos nos perguntar se, num mundo que dá extremo valor ao individualismo, à realização de nossos caprichos e ao prazer imediato, há lugar para a amizade.
17. Sucesso em um passe de mágica	29/11/2011	É bem possível que seja essa a mensagem que estejamos passando a jovens de uma geração que alcança quase tudo com um simples toque de dedos: a de que o esforço é desnecessário.

Tabela5. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Dezembro/2011

Título	Data	Sinopse
18. Anestesia para a adolescência	6/12/2011	As crianças têm sido demasiadamente poupadas dos pequenos sofrimentos que fazem parte da vida. Dessa forma, não desenvolvem recurso algum do qual possam lançar mão quando necessário. E tem alguma época na vida mais cheia de situações embaraçosas do que a adolescência?
19. Quem é especialista na sua criança?	13/12/2011	Diversos especialistas têm sido convocados a tratar de "crianças agressivas". A internet tem sido muito usada, também, na busca de orientações ou conselhos. Outro fator que não podemos ignorar é o quanto as crianças estão expostas aos meios de comunicação.
20. Educação ambiental é outra coisa	20/12/2011	Não faz sentido achar bom a criança perder o seu lugar de criança e a sua infância. Nós que devemos cuidar do ambiente para que nossas crianças tenham um bom futuro.

Tabela6. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Fevereiro/2012

Título	Data	Sinopse
21. Meninas que bebem	7/02/2012	Sem uma intervenção firme dos adultos, as meninas pulam a fase da infância com a maior facilidade. Queremos que as meninas sejam adultas logo.
22. Querer é uma coisa, precisar é outra	14/02/2012	Diante dos desejos das crianças temos nos comportado, muitas vezes, como se elas estivessem manifestando necessidades reais. Essa confusão é muito bem alimentada pelo consumismo.
23. Os jovens e seus uniformes	27/02/2012	"Ver e ser visto" é o que importa, nada mais. Os jovens são os mais vulneráveis às pressões do mercado da aparência, das etiquetas (de marca) e das tendências adotadas por seus pares porque eles ainda não têm senso crítico.

Tabela7. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Março/2012

Título	Data	Sinopse
24. Creche de marmanjo	12/03/2012	Queremos descartar para poder consumir mais. E isso transformou-se em um problema, já que o que não usamos mais atrapalha nossa vida, dá uma aparência a ela que rejeitamos, recusamos.
25. Maduros até a página dois	19/03/2012	Os jovens manifestam dificuldade de dialogar com os adultos.
26. Meu tênis é mais caro que o seu	27/03/2012	O consumo valorizado e exagerado que adotamos e os modismos lançados por esse mercado estão caindo diretamente sobre os ombros das crianças. Elas estão sem proteção em relação a isso.

Tabela8. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Abril/2012

Título	Data	Sinopse
27. Invasão de especialistas	3/4/2012	No princípio, era a escola com seus alunos e professores; agora temos a relação entre aluno e professor com a interferência de vários outros especialistas, inclusive médicos e advogados.
28. Somos todos diferentes	10/04/2012	Todos somos diferentes. Se não respeitarmos as diferenças, se não aprendermos a conviver com a diferença, isso recairá, uma hora ou outra, contra nós e contra nossos filhos.
29. Filho pra quê	17/04/2012	Delivery para grávidas. Os rituais desde o encontro até a formação da família feliz cercados de “serviços”.
30. Lancheiras amorosas, por favor	24/04/2012	Mães com crianças no mercado: Quase toda a comunicação nessas situações se restringe a ordens, proibições, reclamações e pedidos. Qual educação alimentar temos praticado com as crianças e os jovens?

Tabela9. Sinopses dos textos de Rosely Sayão – Maio/2012

Título	Data	Sinopse
31. Madrastas e padrastos	1/05/2012	A mudança das famílias. Padrastos e madrastas. Perdas e ganhos nessas novas relações. Vivemos na era da posse absoluta dos filhos.
32. Filhos Nativos, pais estrangeiros	8/05/2012	As crianças e os adolescentes é que são os nativos deste mundo (digital das redes sociais). Nós somos os estrangeiros, no máximo naturalizados.
33. Separados pelos pais	15/05/2012	Egoísmo: Ficamos tão envolvidos com nossos sentimentos, mágoas e ressentimentos que somos guiados por eles e isso nos leva a esquecer totalmente da criança.
34. Questão de escolha	22/05/2012	Num mundo em que o que conta é aderir a comportamentos, concepções e estilos de diversão e lazer, entre outras coisas que o grupo a que se pertence ou se quer pertencer valoriza, escolher não é uma questão.

Dos 34 textos pesquisados, 28 fazem referência ao tema corpo, tanto físico quanto parte de cada um de nós que concentra descobertas e emancipações (CANCLINI, 2008). O tema do consumo está presente em 18 textos. O espetáculo aparece em 15 artigos. Dois dos três temas (corpo, consumo e espetáculo) aparecem simultaneamente em 22 textos. Os três temas, simultaneamente, estão presentes em 5 dos 34 textos.

A tabela abaixo sintetiza a presença dos temas estudados: corpo, consumo e espetáculo contidos nos 34 textos de Rosely Sayão, que fazem parte deste estudo:

Tabela10. Corpo, Consumo e Espetáculo nos textos de Rosely Sayão- 2011/2012

Textos	Corpo	Consumo	Espetáculo
1.	x	x	
2.			
3.	x	x	
4.	x		x
5.	x		
6.			x
7.	x	x	x
8.	x		x
9.	x	x	x
10.	x		
11.	x	x	
12.	x		
13.	x		x
14.	x	x	x
15.	x		x
16.	x	x	
17.	x		
18.	x	x	x
19.	x		x
20.	x		
21.	x	x	
22.	x	x	

23.	X	X	X
24.	X	X	
25.	X		
26.		X	X
27.	X		
28.	X	X	
29.		X	X
30.	X	X	
31.		X	
32.			X
33.	X		X
34.	X	X	

CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO. O CORPO QUE EDUCA

2.1.O corpo gera, mas não educa. Comunica

O processo de educar um filho é praticamente um ato constante de administração da comunicação familiar. Um emaranhado de perguntas, respostas, tons de voz, gestos e atitudes que constroem uma relação, um ser humano, uma história: educar é essencialmente comunicar. E como afirma Harry Pross (apud BAITELLO, 2008), toda comunicação – e, portanto, algum tipo de educação - começa e termina no corpo.

Para Harry Pross, ainda segundo Baitello, o corpo é quem detém os primordiais meios de comunicação, os inarticulados e articulados: a voz, os gestos, os odores, as fisionomias, os movimentos. Estalar os dedos, mover os ombros, balançar a cabeça. Quantos destes gestos não são utilizados na educação e comunicação entre pais e filhos? E mais: é ainda na gestação que a comunicação entre dois corpos - ainda fazendo parte de um só - inicia seu maior grau de comunicação. A educação começa na gestação. O desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida, o corpo e as mensagens da mãe são as primeiras noções desse ambiente e dessa vida que está começando.

Definindo de maneira simples o conceito de educação como o ato de ensinar e aprender (englobando também a ideia de socialização e endoculturação), podemos entender a educação como o ato de comunicar algo no sentido de concretizar a decodificação das mensagens. No caso da mãe para o filho, mensagens que têm sempre o mesmo objetivo: o de socializar o filho, fazendo com que ele compreenda, assimile e consiga conviver tranquilamente com o mundo no qual foi gerado. Entenda-se aqui como corpo a parte de cada um de nós que concentra descobertas e emancipações (CANCLINI, 2008:42).

Dentro do ambiente familiar, restrito ao espaço geométrico da “casa”, filhos e pais estão sob as mesmas regras, sob os mesmos códigos. Mas e quando a criança se desenvolve e adquire outros canais de comunicação e compreensão? Baitello (2008) alerta sobre o que chama de “crença cega” em termos que aparecem na mídia aos quais cada vez mais crianças e adolescentes têm acesso.

(...) não se pode simplesmente transformar ou enxergar o participante de um processo de comunicação como um sujeito hipnógeno, despido de capacidade de autodeterminação. Ele será transformado em tal figura enfatizada e de reduzido grau de vigilância e prontidão quando renunciar – por vontade própria ou dos insistentes

aparelhos sociais e culturais – ao seu próprio corpo ou tiver uma relação pouco vital com ele. Tal situação ocorre contemporaneamente com frequência indesejável graças ao arsenal propagandístico e midiático desmedido e à geração artificial de demandas para um consumo crescente que faça frente ao crescimento exponencial da produção. (BAITELLO, 2008: 98).

Será mesmo possível imaginar uma “autoridade midiática” maior do que o exemplo materno na hora de tomar decisões? Seria esse sujeito hipnógeno sugerido por Baitello um problema a ser explorado em forma de alerta para pais e educadores que se preocupam em formar cidadãos cientes de suas capacidades de agir, pensar e reagir? Ainda segundo Baitello:

Um corpo não se reduz a um único vetor ou a uma única direção de vinculação, tampouco se reduz à unidimensionalidade de processos lineares ou lógico-formais, muito menos à pura mediação. Não é, dessa maneira, mero “meio de comunicação ou mídia”. “Muito antes, ele é um catalisador de ambientes, e talvez seja sempre o catalisador inicial de um ambiente comunicacional”. “Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos” (BAITELLO, 2008:99).

Daí talvez o principal dilema da educação entre pais e filhos: A miscelânea do corpo que gera e convive com os outros “corpos” gerados por pessoas, imagens e efeitos que não refletem necessariamente os mesmos pensamentos. Como administrar tal conflito tem sido tema de diversos estudos e artigos sobre educação, em especial nos textos jornalísticos da psicopedagoga Rosely Sayão, publicados na *Folha de S.Paulo*. Neles, Sayão discorre sobre vários temas ligados ao conflito existente entre o que “prega” de um lado a sociedade midiática, os valores de consumo e o espetáculo da vida e, de outro, o que cada pai e mãe tentam refletir dentro de casa. A comunicação corporal materna requer paciência, persistência e muita capacidade de argumentação. Daí por que Baitello também acrescenta:

Se somos corpo, somos finitude. E porque somos finitude desejamos o infinito, a permanência. É isso que buscamos no outro, nos outros corpos, a união de durações finitas que construam histórias infinitas, que nos projetem para além de nossos limites e fronteiras. Comunicar-se é criar ambientes de vínculos (BAITELLO, 2008:100).

2.2.A mídia como corpo

A intenção (ou mesmo intuição e instinto) dos pais é criar vínculos com os filhos desde o momento do nascimento. Mas quando outros ambientes, principalmente os virtuais, proporcionam outras maneiras de afeto e ligações com o mundo, o diálogo entre pais e filhos fica ameaçado e embaralhado entre ideias muito distintas. Cria-se assim uma operação complexa definida por Norval Baitello Júnior (2008) como “iconofagia”: corpos que se alimentam de imagens e imagens que se alimentam de corpos. O tocar, saborear e cheirar (por

que não, já que estamos falando de pais e filhos, o abraçar, beijar, demonstrar afeto) acabam sendo banidos da comunicação dos filhos, que passam a usar apenas o olhar como sentido de alerta por excelência e da comunicação à distância. O “corpo máquina” ou “corpo suporte” pode ser um potencial sugador de mensagens que competem com aquelas passadas olho a olho, por corpos reais, afetos concretos fisicamente. A educação passa a ser uma guerra entre o corpo dos pais e os corpos midiáticos portadores de mundos distintos, muito diferentes daqueles gerados desde o momento da concepção.

Aliás, pensando em homens e máquinas Vilém Flusser (2007) nos faz refletir também sobre a educação. Entre a geração de um corpo por outro corpo, o início da comunicação entre corpos e a intenção de gerenciar ao longo de toda uma vida a comunicação que visa criar vínculos, estabelecer valores e decodificar o mundo existe uma dificuldade: A de desmontar o conceito de que as máquinas possam substituir o corpo humano. Na educação que aprende/ensina, socializa e insere o corpo na cultura local, o homem comunica, fala, ama, descreve, atua. Mas segundo Flusser, o homem está cada vez mais imitando a máquina e dependendo exclusivamente dela para sobreviver. Computadores e aparelhos de televisão são hoje a maior barreira existente entre a comunicação de pais e filhos.

A velha alavanca nos devolveu o golpe: movemos os braços como se fossem alavancas, e isso desde que passamos a dispor delas. Imitamos os nossos imitadores. Desde que criamos ovelhas nos comportamos como rebanhos e necessitamos de pastores. Atualmente, esse contra-ataque das máquinas está se tornando mais evidente: os jovens dançam como robôs, os políticos tomam decisões de acordo com cenários computadorizados, os cientistas pensam digitalmente e os artistas desenham com máquinas de plotagem (FLUSSER, 2007: 49).

E na educação? Como pais, escolas e educadores têm lidado com a proliferação das máquinas e a dependência dessas máquinas por parte dos corpos? Não estariam todos eles delegando à máquina trabalhos educacionais que deveriam ser exclusiva dos corpos? Como falar em educação/comunicação e criação de vínculos, se estamos lidando cada vez mais com máquinas e menos com “coisas”? Flusser (2007) nos faz pensar sobre como a simplicidade da vida, dos códigos e dos vínculos pode fazer com que as mensagens e os ambientes sejam menos impessoais e mais produtivos. Ele explica como através do tempo nosso universo era composto de “coisas”.

Pouco tempo atrás, nosso universo era composto de coisas: casas e móveis, máquinas e veículos, trajes e roupas, livros e imagens, latas de conserva e cigarros. Também havia seres humanos em nosso ambiente, ainda que a ciência já os tivesse, em grande parte, convertido em objetos: eles se tornaram, portanto, como as demais coisas,

mensuráveis, calculáveis e passíveis de serem manipulados (FLUSSER, 2007: 52).

A partir daí, o autor fala sobre a dificuldade de movimentarmos-nos entre as coisas. Movimentar-se entre as coisas, em termos de educação e comunicação, pode ser a arte de conhecer a vida, de saber de seus obstáculos, ter maturidade e serenidade para viver todos os dias e assim alcançar a felicidade. Mas entre o bombardeio das mídias que promovem o consumo, que inflam o ego e promovem a vida artificial, esquecemos dos detalhes mais importantes: aqueles intrinsecamente ligados ao corpo, ao vínculo, ao afeto. Escreve Flusser:

Viver significava então resolver problemas para poder morrer. E os problemas eram solucionados quando as coisas que resistiam obstinadamente eram transformadas em doces, e a isso se chamava de produção; ou então ao serem superados – o que era identificado como progresso.(...) Esse era o paradoxo da vida entre as coisas: acreditava-se que os problemas tinham de ser resolvidos para limpar o caminho para a morte, a fim de “libertar-se das circunstâncias” e morria-se justamente por causa dos problemas insolúveis (FLUSSER, 2007: 53).

Do ponto de vista da educação, Vilém Flusser (2007) alerta sobre vários assuntos que devem ser debatidos entre pais, escolas e educadores: as informações imateriais que hoje invadem o nosso mundo. Tais informações transformam-se em ruído na comunicação dentro de casa, já que coloca em xeque o que pais e educadores tentam ensinar todos os dias. Em outras palavras, pode em certos casos trazer à tona uma confusão de conceitos sobre tudo: Aquilo que os pais acreditam *versus* aquilo que é ditado pela mídia. Como enfrentar, por exemplo, o argumento de um filho adolescente que acredita que ser popular é mais importante do que estudar, pensar e se relacionar? Como tentar explicar a importância das “coisas”, se as “não coisas” estão muito mais presentes na vida de qualquer criança desde que ela aciona o primeiro controle remoto da TV ou clica em seu primeiro site na internet? Como brigar com a mídia sendo que os valores de “corpo a corpo” estão sendo modificados ou às vezes até substituídos por discursos eletrônicos contidos em informações não pessoais? Para Flusser,

(...) as informações que hoje invadem o nosso mundo e suplantam as coisas são de um tipo que nunca existiu antes: São informações imateriais. As linguagens eletrônicas na tela de televisão, os dados armazenados no computador, os rolos de filmes e microfones, hologramas e programas são tão impalpáveis que qualquer tentativa de agarrá-los com as mãos fracas. (...) Trata-se de uma ilusão existencial ” (FLUSSER, 2007: 54).

A educação, antes formada por gestos e interpretação de gestos humanos, passa a ser ditada por imagens e regras que vão além daquilo que os pais pensam dominar. Por isso, Flusser entende que:

Nosso interesse existencial desloca-se, a olhos vistos, das coisas para as informações. Estamos cada vez menos interessados em possuir coisas e cada vez mais querendo consumir informações. (...) Ao mesmo tempo, uma parcela cada vez maior da sociedade ocupa-se com a produção de informações, serviços, administração, sistemas, e menos pessoas se dedicam à produção de coisas (FLUSSER, 2007: 59).

Nesse deslocamento do interesse humano das “coisas” para as “informações”, a educação pode perder espaço e precisa se reestruturar, se adaptar ao mundo em constante movimento. Modifica seu valor de inserção na sociedade, modifica seu vínculo corporal e gestual com pais e educadores. Tende a modificar o sentido de “coisa” para subverter a ordem de importância dos valores simples como amor, afeto, respeito, auto estima e solidariedade. Como bem explica Flusser (2007), os homens alimentam as máquinas de informações para que elas as devolvam da forma mais massiva e barata possível (Aqui referia-se mais à televisão). Não se pensa, não se constrói, não se tocam corpos, não se trocam energias corporais, não se comunicam mais as mensagens única e exclusivamente através do corpo.

Apenas as informações são capazes de “viver” por nós. Alertar os pais para tal processo se faz necessário para que tenhamos jovens cientes de que possuem um corpo que pode se comunicar de várias formas. Mas não podem ser agentes passivos dela. Até porque, priorizando o mundo das “não coisas” e das informações estaremos privando o jovem de uma de suas principais capacidades: aquele que “ouve o corpo” e dessas informações consegue extrair a essência para a sua sobrevivência, essência essa que não está no status social, na quantidade de objetos de desejo de consumo, do número de seguidores nas redes sociais. O homem tem de ser homem com seu corpo, e a educação, um aprendizado constante sobre o que é o corpo e do que ele é capaz sozinho, sem as máquinas. E como a máquina pode turbinar esse corpo, com suas idéias, com sua criatividade, com sua inteligência. Flusser bem descreve esse corpo afirmando que:

Esse novo homem que nasce ao nosso redor e em nosso próprio interior de fato carece de mãos. Ele não lida mais com as coisas, e por isso não se pode mais falar de suas ações concretas, de sua práxis ou mesmo de seu trabalho. O que lhe resta das mãos são apenas as pontas dos dedos, que pressionam o teclado para operar com os símbolos. O novo homem não é mais uma pessoa de ações concretas, mas sim um performer. Para ele, a vida deixou de ser um drama e passou a ser um espetáculo. Não se trata mais de ações, e sim de sensações. O novo homem não quer ter ou fazer, ele quer vivenciar. Ele deseja experimentar, conhecer e, sobretudo, desfrutar. Por não estar interessado nas coisas, ele não tem problemas. Em lugar de problemas, tem programas. E mesmo assim continua sendo um homem: vai morrer e sabe disso (FLUSSER, 2007: 58).

É claro que o autor se refere a pessoas que priorizam a máquina, a performance, o espetáculo informativo. A máquina e as redes - que já fazem parte do cotidiano de todos nós e não saberíamos viver sem elas – podem ser utilizadas com bom senso, mas não podem substituir os nossos corpos, ainda soberanos na criação e divulgação de mensagens repletas de sentimentos.

Sejamos nós, pais, inteligentes ao estudarmos do que nós somos capazes e como podemos conviver com as mídias e o mundo das informações, sem perder o rumo.

À luz dos estudos sobre a indústria cultural, é possível constatar que desde muito cedo bombardeadas com imagens, notícias e principalmente propagandas, a criança e o adolescente devem aprender a distinguir o que realmente pensam daquilo que ouvem, aquilo que desejam de fato ou aquilo que lhes é forçado a desejar. A não ser por conselhos domésticos – maternos a paternos – os pequenos podem ainda não possuir o esclarecimento necessário para desmistificar aquilo que os meios de comunicação dão como certo. E nem sequer são instigados a questioná-lo. Nas propagandas de televisão, os movimentos dos bonequinhos de brinquedo são fantásticos. Os sabores são apresentados como incríveis e inigualáveis.

Não importa o produto. Importa o consumo. Alimentos, brinquedos, roupas e acessórios têm mais importância pelo que conseguem “interpretar” como personagens da mídia, e não somente pelo seu conteúdo. Será que as crianças e os adolescentes não precisam ter noções mais sólidas sobre essa distinção entre o que se está vendendo e o que se pretende fazer pensar aquele que compra certo produto?

O mesmo nível de consciência também pode ser levado em conta, desde cedo, sobre os noticiários, que de certa forma estão sendo cada vez mais tratados como produtos. A noção de noticiário deve ser passada aos alunos como algo que representa de forma genérica os assuntos mais importantes do dia, aqueles que influenciam no cotidiano, nos preços, em comportamentos, aqueles que integram a sociedade e fazem com que compreendamos melhor o mundo que nos cerca. Quisera o mundo jornalístico fosse mesmo assim!

Hoje sabemos que o temário acaba sendo definido também pela importância que os patrocinadores ou financiadores do grupo econômico sustentador daquele jornal, rádio, site ou televisão dão a determinados assuntos. Crianças e jovens capazes de resolver equações matemáticas, aprender sobre mapas e gráficos, interpretar textos e realizar pesquisas devem também ser capacitados desde a escola para ter uma visão crítica da mídia: comerciais eventos esportivos e noticiários. Incentivar a leitura de jornais, revistas e meios eletrônicos para que os jovens compreendam e atuem mais no meio em que vivem pode ser o início de uma

sociedade adulta mais consciente que saiba consumir, opinar e atuar de forma mais coletiva. Paralelamente, incentivá-los a escrever sobre o próprio cotidiano e as próprias atividades pode trazer à tona o verdadeiro reconhecimento do que é informação e por que ela é importante em uma sociedade. Outro aspecto fundamental, e que pode passar despercebido diante de mentes mais jovens, é a corrida pela audiência, mais comum na televisão. Nesse aspecto, Pierre Bourdieu (1997) alerta sobre a pressão que existe entre a informação e a audiência.

E o que dizer do corpo, o nosso corpo? É que com a onda do consumismo e o excesso de vaidade, da busca pela beleza e a juventude a qualquer preço, o corpo passou a ser quase que um produto. Observe o que escreveu João Pereira Coutinho⁴, em artigo publicado na *Folha de S. Paulo* – “Ilustrada”, em 5 de junho de 2012.

Nele, o autor diz contemplar exércitos de infelizes que marcham para dentro da academia em busca de formas perfeitas. Refletindo sobre a imagem que as pessoas andam fazendo sobre o próprio corpo, e o medo inútil da “finitude”.

Nem mais. Durante séculos, a civilização ocidental -corrijo: a civilização judaico-cristã que forjou o Ocidente- tinha uma singular visão do corpo que se alterou com a modernidade.

Simplificando, o corpo tinha a sua importância como guardião da alma divina. Mas só a alma era eterna; só a alma viajava para o outro lado, o que concedia ao corpo um estatuto precioso e secundário.

Quando existe um horizonte de eternidade pela frente, e quando a eternidade se assume como prolongamento da existência terrena e compensação de suas misérias, é normal que o olhar humano não atribua ao corpo e às suas imperfeições o lugar histórico de hoje.

Mas existem consequências desse enterro. Se não existe nenhuma continuidade pós-terrena, se tudo que resta é esta passagem breve e incompleta que termina entre quatro tábuas, o olhar humano recentra-se sobre a matéria.

Pior: coloca a matéria no altar das antigas divindades e troca as orações e as penitências do passado pelo calvário tangível da malhação matinal.

Só existe uma vida. Só existe uma oportunidade para vivê-la bem. As frases promocionais da academia podem ser lidas como grito festivo e obviamente narcísico. Mas também são a expressão de uma angústia e terror bem profundos: a angústia e o terror de quem sabe que não terá uma segunda oportunidade.

Todas as fichas do jogo estão cá embaixo, não lá em cima. Aliás, não existe mais "lá

⁴ João Pereira é historiador, doutor em Ciência Política pela Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. Na *Folha de S. Paulo* assina coluna na *Ilustrada* às terças-feiras e, quinzenalmente, às segundas-feiras, na *Folha UOL*. Artigo disponível em <http://feeds.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/46934-este-e-o-meu-corpo.shtml>. Acessado em 10/11/2012

em cima (FOLHA ILUSTRADA, 2012).

O corpo está em evidência. Em casa, na mídia, e - como não poderia ser diferente - na escola. Ele é importante, mas não pode sobrepor-se às necessidades “reais”(GILTTLIN, 2003:30), como veremos mais à frente.

2.3.O corpo nos textos de Rosely Sayão

Em vários momentos Rosely Sayão utiliza o corpo – real ou metafórico – como questão ligada ao comportamento e educação. É o caso dos textos: “Meninas que bebem”), “Os jovens e seus uniformes”), “Maduros até a página dois””, “Lancheiras amorosas, por favor” e “Questão de escolha”.

No texto “Os jovens e seus uniformes” (2012), a autora diz que o professor precisa de foco para não se perder na visão da aluna sentada com roupas íntimas: shorts muito curto, sandálias de salto alto e blusa tomara-que-caia em uma menina que tinha por volta de 14 anos.

Sayão ressalta que quase todos os rituais sociais foram extintos, as roupas não mais precisam “se adaptar ao cotidiano”. E mais: Segundo ela, o que manda nas situações é o gosto da pessoa, os imperativos do mercado, a erotização infantilizada das relações sociais e do corpo e, finalmente, a busca de visibilidade. Ver e ser visto é o que importa.

No texto “Maduros até a página dois” (2012), a psicóloga ressalta que os jovens precisam de ajuda para enfrentar um mundo que começam a descobrir com o próprio olhar.

Os jovens parecem amadurecer bem cedo: Falam como adultos, expõem idéias a respeito dos assuntos em pauta, argumentam como adultos para que seus pedidos sejam atendidos. Mas nas situações de conflito, principalmente as que envolvem aspectos pessoais das duas vidas – e portanto de seus corpos – perdem toda a segurança que tentam mostrar que tem.

Em “Lancheiras amorosas, por favor” (2012), Rosely Sayão aborda o tema da obesidade infantil, uma epidemia mundial. A psicóloga atribui um pouco de culpa aos pais pelo estilo de vida adotado, que não mais comporta a comida caseira, preparada em casa para os filhos. E o resultado disso, segundo ela, é a geração do “*fast food*”: quem responde pela tal educação alimentar dos mais novos é o mercado do consumo. E o excesso de peso das crianças, segundo Rosely Sayão, seria fruto desse fato.

Em “Questão de escolha” (2012), Rosely Sayão aborda um mundo em que o que se conta é aderir a comportamentos, concepções e estilos de diversão e lazer: aquilo que o grupo

a que se quer pertencer valoriza. Escolher, aí, não é uma questão. Mas a psicóloga ressalta que a vida é sempre fruto das escolhas que fazemos, e viver é cada vez mais escolher. E onde os pais enxergam perigos ou problemas, os jovens enxergam desafios. Desafios excitantes e ameaçadores.

A tabela abaixo ilustra em quais textos o tema “corpo” aparece com mais evidência:

Tabela11. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Agosto/2011

Título	Data	Tema Corpo
1. Imposição das escolhas	2/08/2011	A responsabilidade e o excesso de atividades passado aos pequenos pode resultar em doenças como a do aparelho digestivo, hipertensão, depressão, etc.
3. Criança não sabe brincar errado	16/08/2011	A criança não sabe brincar por não ter a oportunidade para isso. Roubamos a infância dos pequenos impondo-lhes atividades demais, pressão demais.
4. É só uma faculdade, gente!	23/08/2011	O fato é que esses filhos que foram jogados no mundo do conhecimento sistematizado ainda na primeira infância, fortemente poupados da realidade o tempo todo, impedidos de crescer na segunda parte da infância e abandonados aos seus caprichos na adolescência, não conseguem nem sequer enxergar o mundo em que vivem.
5. Ouça bem	30/08/2011	De pouco adianta falar com a criança tendo como referência o mundo adulto e a sua linguagem. E hoje, quando a infância está desaparecendo, fica bem mais difícil para o adulto encontrar uma via de comunicação com os pequenos. Ouvir as crianças, pensar no que dizem, ficar atento à maneira como elas combinam sentimentos, imagens e pensamentos e traduzem isso em palavras é um ótimo recurso para se comunicar verdadeiramente com elas.

Tabela12. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Setembro/2011

Título	Data	Tema Corpo
7. Ser popular é melhor que estudar	13/09/2011	Assistir a um jovem enfrentando quilos de comida, em geral gordurosa e apimentada, passando mal e colocando a saúde em risco para ganhar notoriedade provoca no espectador enjoo e mal-estar. Mas é assim que o protagonista do programa ganha notoriedade na vida.
8. Um fato, duas versões	20/09/2011	As crianças não são mais educadas apenas pela família e pela escola. A cidade educa, a mídia educa, a sociedade educa etc.
9. Brincando de terapeuta	27/09/2011	A criança está com a saúde mental comprometida, apresentando muitos sintomas, doente. Essa é a conclusão a que chegamos quando tomamos conhecimento da quantidade de crianças e jovens que têm indicação para fazer ou já fazem ludoterapia, psicanálise para criança ou adolescentes e outros tratamentos derivados.

Tabela13. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Outubro/2011

Título	Data	Tema Corpo
10. Cada um com seus problemas	4/10/2011	E assim tem sido escrita a história da relação das crianças com suas vidas escolares. Há um batalhão de adultos assumindo essa luta que deveria ser dos alunos, orientados e acompanhados por seus professores, na escola.
11. Escolhas e renúncias	11/10/2011	E como temos de fazer escolhas nos tempos em que vivemos! Cotidianamente, temos a obrigação de decidir o que comer, qual trajeto fazer, que roupa usar, a qual filme assistir, qual ligação retornar etc. Essas escolhas são tão cansativas que nos esgotam.
12. Recreio educativo	18/10/2011	Quando me perguntam o que é um recreio bom, digo que se um velho ou um bebê for colocado no meio do espaço e sobreviver sem escoriações é porque as

		crianças fazem um bom intervalo. O ambiente escolar, inclusive o do recreio, deve funcionar como um elemento educativo.
13. Formando para o espetáculo	25/10/2011	Pais de lá para cá com todo tipo de câmera, fotógrafos contratados, lenço por causa das muitas lágrimas, coisa e tal. Crianças excitadas e agitadas, vestidas como adultos e preocupadas com o cabelo, choro dos mais tímidos, um auê. Mas quem liga para elas ou para o sentido de uma formatura se, ao final de tudo, haverá fotos, vídeos, lembranças para serem guardadas?

Tabela14. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Novembro/2011

Título	Data	Tema Corpo
14. Presos no mundo, soltos na rede	1/11/2011	Escolas têm tido dificuldade para contribuir positivamente com a socialização de seus alunos no espaço público. A explosão de pequenas violências entre eles no espaço escolar - fenômeno que tem sido chamado de bullying indiscriminadamente é uma prova disso.
15. Caprichos de adultos	8/11/2011	Com o avanço da medicina, é possível engravidar nas situações mais adversas. As clínicas de fertilização estão repletas de mulheres que podem pagar pelos tratamentos caríssimos e que lá se encontram buscando realizar um sonho: o de ter um filho para chamar de "seu". Os filhos sempre carregaram a missão de realizar desejos de seus pais. Mas, aos poucos, com maior ou menor dificuldade, os pais permitiam que o filho assumisse sua própria vida.
16. Como desfazer amigos	22/11/2011	Franqueza e transparência são fundamentais para as relações de amizade. Sem tais características, o relacionamento amoroso que caracteriza a amizade não sobrevive. Aliás, nem sequer vive. Devemos nos perguntar se, num mundo que dá extremo valor ao individualismo, à realização de nossos caprichos e ao prazer

		imediate, há lugar para a amizade.
17. Sucesso em um passe de mágica	29/11/2011	É espantoso como eles se veem escravos de seus impulsos, impotentes para mudar de atitude. O jovem com quem eu conversei, por exemplo, espera ter vontade de estudar a qualquer momento. Acredita que algo externo a ele poderá interferir no estado de letargia em que se encontra em relação aos estudos. Ele, como muitos de seus pares, não consegue perceber que é ele mesmo quem precisa tomar.

Tabela15. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Dezembro/2011

Título	Data	Tema Corpo
18. Anestesia para a adolescência	6/12/2011	Dificuldades no relacionamento, falta de diálogo, vínculos desfeitos, autoritarismo educacional, perdas precoces e toda uma gama de causas familiares poderiam explicar a busca do jovem pelas drogas.
19. Quem é especialista na sua criança?	13/12/2011	As crianças estão mais agressivas hoje em dia", me afirmou com convicção uma jovem mãe. Ela acabara de ter uma reunião com a coordenadora da escola que a filha frequenta justamente por esse motivo: a menina andava agredindo os colegas de classe com regularidade, tanto física quanto verbalmente. A idade? Cinco anos.
20. Educação ambiental é outra coisa	20/12/2011	Um bom exemplo são os cuidados com a saúde que precisamos ensinar aos menores, o que demonstra o amor à vida. Inicialmente, os pais estabelecem regras: escovar os dentes após as refeições, tomar banho diariamente, lavar as mãos antes de se alimentar etc. Entretanto, se essas regras iniciais não se transformarem em algum princípio -no caso, o autocuidado, que expressa respeito consigo mesmo-, logo elas podem ser descartadas.

Tabela16. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Fevereiro/2012

Título	Data	Tema Corpo
21. Meninas que bebem	7/02/2012	Uma pesquisa sobre consumo de bebidas alcoólicas foi realizada em 16 Estados brasileiros pela Universidade Federal de Minas Gerais. O resultado aponta um dado que devemos considerar alarmante: a partir dos 14 anos, meninas consomem mais álcool do que meninos.
22. Querer é uma coisa, precisar é outra	14/02/2012	A jovem mulher pode querer o aparelho de telefone que é a novidade do momento, a criança pode querer hambúrguer e batata frita bem na hora do jantar.
23. Os jovens e seus uniformes	27/02/2012	O garotão que a acompanhava também usava shorts, mas não tão curtos quanto o da garota. A diferença entre a roupa dos dois era a largura da perna da vestimenta. Os shorts da menina eram bem justos. Os do garoto eram bem largos. Largos o suficiente para deixar à mostra a parte mais íntima de seu corpo, quando ele se sentava no chão. Eles poderiam estar no Carnaval, em um clube, em uma balada. Mas estavam na escola.

Tabela17. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Março/2012

Título	Data	Tema Corpo
24. Creche de marmanjo	12/03/2012	A vida deles vai se resumir à escola. Quando vão namorar? Quando vão ficar horas no ócio, trancados no quarto, só tentando entender seu novo corpo, esse mundo, seus pensamentos? A escola privada está cada vez mais parecida com os depósitos de nossos descartes.
25. Maduros até a página dois.	19/03/2012	Eles parecem ter autonomia de vida bem cedo: frequentam festas nas madrugadas, ingerem bebidas alcoólicas, viajam sem a companhia de adultos, residem temporariamente em outros países etc. Os jovens têm vida de gente grande desde o

		início da adolescência. Vida social, pelo menos. Mas será que na vida pessoal eles amadurecem? Temos indícios de que não.
--	--	---

Tabela18. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Abril/2012

Título	Data	Tema Corpo
27. Invasão de especialistas	3/04/2012	Deveríamos nos interessar em saber como fica a relação que deveria ser a mais preciosa -entre professor e aluno- com a intervenção de tantos outros profissionais alheios à educação escolar.
28. somos todos diferentes	10/04/2012	Quando olhamos para o diferente e só conseguimos localizar a diferença, acabamos por anular todo um potencial. De convivência, inclusive.
30. Lancheiras amorosas, por favor	24/04/2012	Não é mais tão comum assim vermos pais e filhos conversarem quando fazem um passeio juntos ou compras. Quase metade da população brasileira apresenta excesso de peso. Essa notícia, fruto de uma pesquisa realizada no país todo, teve grande repercussão e muitos especialistas -médicos e nutricionistas, em especial- foram convocados a opinar e a orientar a população a respeito da boa alimentação, ou melhor, da alimentação saudável.

Tabela19. O corpo nos textos de Rosely Sayão – Maio/2012

Título	Data	Tema Corpo
33. Separados pelos pais	15/05/2012	Crescemos o suficiente para escolher ter um filho sem ter de manter a união que gerou a criança, mas ainda não crescemos o suficiente para arcar com todas as consequências dessa nossa escolha.
34. Questão de escolha	22/05/2012	Viver o período da adolescência provoca um intenso encantamento no jovem e, ao mesmo tempo, um grande temor. O mundo que descobrem, agora com o próprio olhar e com a possibilidade concreta de se relacionar diretamente, sem a mediação dos pais o tempo inteiro, é excitante e ameaçador.

Mas é em “Meninas que bebem” que Rosely Sayão evidencia ainda mais a ideia do corpo que comunica, que cerca o comportamento, que mostra um amadurecimento que pode ser inexistente.

Quadro 1. Meninas que bebem



Figura 2. Meninas que bebem- Rosely Sayão

Néstor Canclini (2008) define o corpo como um mundo de descobertas e emancipações. O que o texto de Rosely Sayão evidencia, principalmente no trecho

Olhe para nossas crianças menores de seis anos. Você percebe que há uma diferença enorme entre meninos e meninas? Meninos são moleques: se vestem e se comportam como moleques, têm interesses de moleques e brincam como tal. Já as meninas... Ah... Elas são pequenas mulheres. Vestem-se como mulheres, se interessam por assuntos de mulheres feitas e gostam de brincar de ser mulher. Sem uma intervenção firme dos adultos, as meninas pulam a fase da infância com a maior facilidade. E por falar em intervenção firme dos adultos, temos feito isso, sim, mas no sentido contrário ao que deveríamos fazer. Meninas de nove anos são levadas pelos pais -pelas mães em especial- a comemorar o aniversário em salões de beleza. Elas ganham roupas provocantes e sapatos de salto precocemente, têm seu próprio arsenal de maquiagem etc. Queremos que as meninas sejam adultas logo. Para falar a verdade, nem consigo entender os motivos disso. Afinal, filho criado dá trabalho dobrado, não é isso o

Queremos que as meninas sejam adultas logo. E por conta de um mundo de adultos, as descobertas podem ser adiadas por conta de uma pressão social. E Sayão chama a atenção para o fato de nós, pais, mesmo contando com a melhor das intenções, possamos estar comunicando às meninas a necessidade de crescer para o mundo. O corpo, segundo Canclini (2008), tem uma definição precisa quando se trata de exibir como concentramos nossa própria visão sobre o mundo. E como queremos que os outros nos enxerguem como corpo.

Parte de cada um de nós que concentra descobertas e emancipações. O marketing tende a reduzi-la àquilo que serve para ir à academia, agir em público, usar roupas para fazer propaganda de marcas, exibir estilos de vida e atitudes que sobressaem. O que queremos fazer e o que fazem conosco encontram-se em nosso corpo. O corpo também é o lugar em que os que fazem o mundo esperam ver representados os comportamentos promovidos ou exigidos por eles. A escola ensina posições corretas para ler livros, a mídia, como colocar-nos para sermos espectadores ou seduzirmos, e o corpo parece inexistir quando se fala em conectar-se com as redes virtuais invisíveis. No entanto, os comportamentos corporais são o cenário onde a literatura, a música e a comunicação digital tornam-se enfim visíveis (CANCLINI, 2008:30).

Sayão também diz, no texto, que meninas de nove anos são levadas pelos pais - e pelas mães em especial – a comemorar o aniversário em salões de beleza, e ganham roupas provocantes e sapatos de salto precocemente, têm seu próprio arsenal de maquiagem. Por quê? Será que com a ajuda das redes sociais, a multiplicação dos códigos e mensagens de comunicação, não ajuda nós, também, ajudando a difundir um mundo cada vez menos parecido com o infantil ou adolescente? No documentário “Criança, a alma do negócio” (2010)⁵, há uma frase, dita espontaneamente, por uma das meninas entrevistadas que chama a atenção. O assunto é maquiagem, corpo, vaidade. E a garota de aproximadamente 10 anos, classe média baixa, é questionada sobre o porquê de gostar tanto de cremes para cabelos, maquiagem, cosméticos. E ela responde: “É uma coisa que eu ainda não consigo entender” (RENNER, 2010). Pois aí está a evidência de que o desejo de algumas coisas (entre eles o de ser bonita, o de enfeitar-se, o de “ser mulher”) está nas entrelinhas de um mundo midiático que precisa de bom senso para ser entendido, assimilado, interpretado. A menina não sabe por que gosta de maquiar-se, mas sabe que isso é “necessário para o seu corpo”. Afinal de contas, “todo mundo faz isso”.

O corpo sempre foi portador de cultura: posições e atitudes, vestuário e formas de pintá-lo identificavam a etnia ou o grupo a que se pertencia, mesmo que viajássemos a outras paragens. Mas as tecnologias da comunicação aumentaram a portabilidade

⁵ Diretora: Estela Renner. Produtor: Marcos Nisti - Maria Farinha Produções. Roteiro: Estela Renner e Renata Ursua. Gênero: Documentário: São Paulo, 2010.

cultural. O rádio, a partir do uso de transistores e, logo depois, de pilhas, em meados do século XX, tornou-se um instrumento pequeno e leve para transportar sons, informação e entretenimento: até hoje, acompanha o corpo aos locais de trabalho, de diversão e nos automóveis. A música nas ruas pode provocar a socialização e a participação corporal, como o hip hop, que reúne jovens em torno de um reprodutor musical, ou levar ao retraimento daquele que viaja ouvindo o walkman ou o iPod (CANCLINI, 2008:43).

O corpo responde ao mundo aquilo que lhe é comunicado. E o jovem ou a criança podem relacionar-se com um mundo que ainda não conhecem. Ou os pais, criados em um mundo com menos meios de comunicação, não estejam “alfabetizados” para lidar com novas linguagens, que parecem ameaçadoras, mas ao mesmo tempo proporcionam, sem sombra de dúvidas, um mundo farto de novas possibilidades.

CAPÍTULO III - O CONSUMO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

3.1. Consumo *versus* Consumismo

Do que precisamos, nós, seres humanos, para sobreviver? E o que queremos para viver? É natural que tenhamos uma noção pouco definida sobre o ‘querer’ e o “precisar”, e o bombardeio da publicidade nos faz “desejar” muito mais para sermos mais “felizes”. Natural quando pensamos que a janela para o mundo contida nos meios de comunicação nos faz ter um recorte preciso mas que não foi feito por nós) sobre o que acontece do lado de fora.

Comecemos por analisar o noticiário, ou “conceito de notícia” que atinge adultos e crianças, e que acaba definindo por natureza aquilo que é ‘importante ou não’ em uma sociedade altamente comunicacional.

Em que medida o discurso midiático atinge crianças e adolescentes, fazendo-os pensar por que é importante (ou não) informar-se sobre as coisas do mundo? O conceito de notícia é relativo, e certos conteúdos acabam sendo mais vistos ou mais “clicados” não por sua importância dentro de uma sociedade globalizada, e sim pelo aspecto curioso que causa no ser humano, transformando-o em um consumidor de curiosidades, não necessariamente notícias. Crianças e adolescentes também estariam embarcando nesse mesmo contexto.

Umberto Eco, em *Cinco escritos morais* (1998), produz análises sobre a imprensa que nos fazem refletir sobre algumas coberturas. A primeira delas é aquela segundo a qual a imprensa fala da própria imprensa, Ele cita, por exemplo que, na Itália, a imprensa do dia seguinte não fala do que aconteceu no país. Mas daquilo que foi dito ou poderia ter sido dito na televisão. Nesta caça desesperada às declarações, cada vez mais a imprensa fala da própria imprensa. “Quando não está falando de televisão, a imprensa fala de si mesma” (ECO, 1998:67).

Mar de Fontcuberta (2006) também nos faz pensar de que maneira aprendemos a apreciar as notícias. Afinal de contas, para que mesmo elas servem? Deveriam servir para que cada cidadão possa saber um pouco mais sobre o que acontece no mundo em que ele vive, levando-se em conta aspectos que necessariamente o envolvem: política, cidadania, cultura. E Fontcuberta (2006) faz uma definição sobre o temário, aquilo que influencia diretamente na percepção que o telespectador (ou leitor, ou ouvinte) tem sobre a importância dos fatos. Segundo a autora, a produção de uma pauta mostra a valorização que cada meio efetua de todos os fatos da realidade e a intenção de transmitir ao público essa ordem de importância para que a adote como sua. Não que o público pense exatamente como aquele meio que

transmitiu a notícia, mesmo que isso aconteça algumas vezes, mas ele (o público) fala, comenta, tem opinião e dá importância aos mesmos temas com a mesma intensidade da sua fonte de informação. Neste sentido, os meios são mediadores entre a realidade acontecida e o público.

Existem três razões pelas quais o público acessa as mensagens: interesse pelo conteúdo, incerteza sobre o tema, esforço requerido para entendê-lo. O interesse do público por celebridades ou assuntos que as envolvam está cada vez mais presente. Os “faits divers” se impõem cada vez mais nos noticiários como parte de uma seleção escolhida para- em princípio – mostrar ao público o que é notícia e por que aquele fato está sendo noticiado. A notícia deveria ser escolhida e divulgada segundo interesse público, compreensão do universo, associação dos fatos ao cotidiano. Mas cada vez mais o público tem interesse em fatos que não são necessariamente “notícias”. E os meios de comunicação se rendem a esse interesse, quando deveriam estar impondo a notícia e o telejornalismo como uma programação diferenciada do entretenimento. E claro, os jovens, ávidos por informações, estão prestando atenção a tudo isso.

Citando novamente Umberto Eco (1998), “os jornais deveriam explicar aos seus leitores uma atenção contínua aos fatos, em razão de quais interesses eles acontecem, por que é preciso estar atento ao que acontece” (ECO, 1998:86). A tal “atenção contínua” seria um acompanhamento proporcional a cada fato jornalístico e o que ele representa em uma sociedade. Mas, segundo Eco (2008), “esse tipo de imprensa cotidiana exige uma lenta educação do leitor” (ECO, 1998:86). Seguindo nesta linha de pensamento, os meios de comunicação jornalísticos são responsáveis não somente por levar ao público as notícias sobre o que está acontecendo em todo o mundo. Há a necessidade também de “traduzir” os fatos para que o leitor, ouvinte e telespectador possam associá-los ao seu cotidiano, e entender através daquele mosaico mostrado porque é importante estar bem informado sobre assuntos que fazem parte do nosso dia a dia. Entender o que se passa ao nosso redor pode ajudar a construir uma sociedade melhor. Eduquemos nossos leitores, como sugere Eco (1998). E começemos bem cedo, desde a infância. Com uma melhor distinção entre o que é notícia e o que é entretenimento, poderemos imaginar leitores mais maduros para consumir menos e melhor discernir aquilo que necessitam daquilo que precisam. Para sobreviver e para viver em sociedade.

É certo que precisamos diferenciar o consumo do consumismo. Consumir algo significa viver. O que consumimos ou gostamos, desde os tempos das cavernas, constitui parte de nossa

própria personalidade. A questão é quando passamos do comportamento de consumidores a frenéticos descartadores de consumo: quando o desejo de possuir certas marcas passa a ser o “produto em si”. Consumir, aqui, significa o ato de poder comprar, e não o usufruto daquilo que se quer. Esse comportamento adulto influencia os mais jovens, e não podemos culpar a mídia a publicidade e a televisão por comportamentos que nós, dentro de casa, como exemplos máximos para os filhos, estamos acostumados a praticar⁶. Como bem define Zygmunt Bauman (2011):

Uma vida de consumo não consiste em adquirir e possuir. Nem mesmo tem a ver com se livrar do que foi comprado anteontem e exibido com orgulho um dia depois. Ela diz respeito, antes de mais nada, a estar em movimento. Se Max Weber tinha razão, e o princípio ético da vida produtora era (e é, sempre que uma vida deseje se tornar produtora) a postergação do prazer, da recompensa, o princípio ético da vida consumidora (...) consistiria na falácia da satisfação. A ameaça principal a uma sociedade que promete a “satisfação do cliente” como seu motivo e propósito é o consumidor satisfeito. Mas, para falar a verdade, o “consumidor satisfeito” seria uma catástrofe tão grave e horripilante para ele próprio quanto para a economia de consumo (BAUMAN, 2011:48).

O “consumir” nos diferencia dentro da sociedade. Nossos gostos e entrelaçamentos pessoais são definidos, em boa parte, pelo gosto que temos, pelas opiniões que compartilhamos, e – por que não – por aquilo que consumimos. O que precisa ser destacado – inclusive pelos próprios consumidores – é diferenciar o consumo do consumismo: o desejo em si em detrimento do prazer efêmero que certo produto causa no momento da aquisição. E, entre as crianças, esse perpétuo desejar acaba tomando proporções que podem fugir do nosso controle.

Destaco a seguir, apenas como ilustração, uma campanha recente feita na internet que teve como público alvo os pais, às vésperas do Dia das Crianças. Sinal de que a “descartabilidade” começa a entrar na pauta daqueles que se preocupam em conter o excesso de consumo⁷.

⁶A revista *Comunicação, mídia e consumo* (2012), editada pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, traz contribuições fundamentais para o assunto comunicação e infância. Principalmente porque coloca a criança não como uma espécie de “esponja inocente” que absorve todo e qualquer anúncio que incentive o consumo, mas como um ser altamente complexo que está dando cada vez mais um “nó” na cabeça de publicitários e gestores que pretendem vender seus produtos e serviços visando esta faixa etária.

⁷ Fonte: <http://infancialivredeconsumismo.com/> (associação criada por pais, com sede em São Paulo, onde via internet eles trocam idéias sobre crianças e consumismo)



Figura 3. Blog Infância livre - Consumismo

Os textos de Rosely Sayão relacionados ao consumo alertam para a diferença entre consumir e exagerar, descartar. O consumismo, segundo ela, não deve se sobrepôr às necessidades reais de afeto, amadurecimento e aprendizado. Mas não são as crianças que consomem sozinhas.

3.2. O consumismo, o individualismo e o ambiente escolar

A escola, em princípio, é um ambiente de aprendizado e convívio social. Em algumas ocasiões, porém, a escola – por ser cada vez mais um local que prolonga a permanência do aluno em suas dependências – acaba também lidando com outros conceitos: status, marca, estilo, consumo. Pais e filhos acabam transformando o ambiente escolar em um pequeno laboratório sobre o mundo competitivo e consumista que todos vão encontrar além dos muros e da portaria. Muitas vezes nem mesmo ela – a escola - escapa do estereótipo consolidado pela mídia e pela publicidade em geral: Ela oferece “mais” do que educação: garante um futuro brilhante, uma carreira de sucesso e um “slogan” no currículo. Cabe a nós refletir sobre a origem do problema, que pode estar na própria escola, na sociedade ou até nos próprios

país.

A escola pode se tornar um prolongamento do ambiente social em que prevalecem os valores individuais. Como bem define Christopher Lasch (1986), a individualidade transforma-se numa espécie de bem de luxo, fora de lugar e em uma era de iminente austeridade: “A preocupação com o indivíduo, aparentemente tão característica de nossa época, assume a forma de uma preocupação com a sobrevivência psíquica” (LASCH, 1986:57).

É certo que na chamada “era do consumo”, o próprio consumo acaba constituindo um código por meio do qual nos relacionamos com os nossos pares e com o mundo à nossa volta. E a cultura midiática interpreta a produção e socializa para o consumo. Gisela Castro, no artigo “Screenagers: entretenimento, comunicação e consumo na cultura digital” (2012), faz observações importantes sobre a chamada “geração das telas”. E chama a atenção para o entrecruzamento de lógicas de entretenimento e de consumo que se misturam no contexto dessas práticas e para o processo de construção social do consumidor-interator na contemporaneidade. Logo no início do texto, ela define que estudar o consumo significa estudar uma das mais importantes maneiras como nos comunicamos com os outros e com o nosso próprio ambiente. E, segundo ela, é fundamental compreender o consumo como um cenário de disputas entre as determinações da esfera da produção e os diferentes modos de apropriação social dos bens de serviços.

Ora, não é difícil imaginar, portanto, que os grupos de jovens estudantes se definem não somente por características pessoais como o gosto por esportes coletivos, habilidades específicas com certas disciplinas, amor pelas pinturas e pelas artes, interesses musicais particulares, habilidade em contar piadas. Mas às vezes, para ser aceita em certos grupos, a criança precisa ter uma certa marca de mochila, precisa ter ao menos duas peças de roupa uma marca norte-americana popular e caríssima, uma página no facebook com mais de mil amigos e muita, muita popularidade. Um paradoxo: Para ser popular e aceito em certo grupo, o jovem precisa elevar ao máximo seus valores individuais, seu apreço pelo próprio eu, sua habilidade em “fabricar” uma pessoa que esteja nas redes sociais demonstrando total poder e popularidade. Uma admiração por um mundo que é seu, mas que ao mesmo tempo quase não lhe pertence. Uma “reposta”, segundo Lasch (1986):

(...) a individualidade mínima não é só uma resposta defensiva ao perigo, mas se origina de uma transformação social mais profunda: a substituição de um mundo confiável de objetos duráveis por um mundo de imagens oscilantes que torna cada vez mais difícil a distinção entre a realidade e a fantasia (LASCH, 1986:13).

Esta situação pode se agravar devido à multiplicação das redes sociais, a velocidade da informação e a capacidade de a internet fabricar e destruir mitos. Ao mesmo tempo em que facilita a disseminação da informação, essas técnicas fazem com que jovens e adolescentes entrem em um mundo incansável de busca de ostentar o próprio “eu”.

O indivíduo não apenas aprende a avaliar-se face aos outros, mas a ver a si próprio através dos olhos alheios, Aprende que a autoimagem projetada conta mais que a experiência e as habilidades adquiridas. Uma vez que será julgado em virtude de suas posses, suas roupas e sua “personalidade (...) ele adota uma visão teatral de sua própria performance (LASCH, 1986:21).

Exemplos reais a respeito do assunto: Em recente reportagem publicada na *Folha de S. Paulo*, a repórter Eliane Trindade relata uma situação bem peculiar: um grupo de meninas com idades entre 10 e 13 anos elegeram a grife americana *Abercrombie & Fitch* (A&F) como a preferida em todas as ocasiões. A marca – cujo moletom não sai por menos de 250 reais - virou febre e acabou se tornando um “passaporte”, uma pressão social para ser igual e aceito pelo grupo. A matéria ressalta que um dos colégios, ao perceber o comportamento dos alunos, resolveu voltar atrás e exigir uniforme também às sextas-feiras, dia em que todos eram liberados para vestir o que quisessem na hora de entrar na escola.

Foi justamente para evitar o desfile de moda e de logomarcas que o colégio Sidarta, na Granja Viana, voltou atrás da liberação do uso do uniforme às sextas-feiras. “Era aquela coisa de quem não usa grife ser chamado de cafona ou de ridicularizar quem vinha de uniforme”, relata Cláudia Siqueira Silva, diretora pedagógica. A questão virou sarau promovido por alguns vestidos com etiquetas gigantes. “Foi uma oportunidade para trabalharmos a questão do conforto, consumo e do corpo” (TRINDADE, 2011)

Aliás, sobre marcas e comportamentos, Naomi Klein (2002) já define que as marcas e logotipos passaram a fazer parte da nossa cultura: As crianças, no caso relatado acima, acabam vestindo uma personalidade que foi fabricada por uma marca.

Na última década e meia, os logos passaram a ser tão dominantes que transformaram essencialmente as roupas no que parecem ser portadores das marcas que representam. Em outras palavras, o crocodilo metafórico veio à tona e engoliu a própria camisa (KLEIN, 2002: 52).

E ainda especificamente sobre as crianças, Klein define:

As crianças não conseguem avaliar criticamente a propaganda que vêem na televisão. Mas talvez as crianças compreendem algo que a maioria de nós se recusa a entender. Talvez elas saibam que o patrocínio é um processo bem mais complicado do que a

dicotomia comprador / vendedor que existia nas décadas passadas, e que falar de quem se vendeu ou comprou tornou-se absolutamente anacrônico. Em uma época em que as pessoas são marcas e as marcas são cultura, o que a Nike e Michael Jordan fazem é mais semelhante a um co-branding do que uma rematada negociata, e embora hoje as Spice Girls façam anúncios da Pepsi, elas poderão muito bem lançar sua própria Spice Cola amanhã (KLEIN, 2002: 85).

O consumismo, o culto às marcas, a valorização demasiada do “eu” são atitudes existentes na sociedade pós moderna, turbinados pelas redes sociais, a internet e o excesso de programas de reality shows, que transformam desconhecidos em celebridades ricas e dignas de inveja. Mas é no ambiente escolar que esse comportamento acaba se refletindo em maior grau, já que é o ambiente em que crianças e adolescentes passam a maior parte dos seus dias e onde concentram a maior parte de suas atividades⁸

Guy Débord, na década de 60 (ainda sem a internet e a proliferação dos canais a cabo e TVs alternativas) já dizia que tudo gira em torno da produção e do consumo de mercadorias. Imaginar o ambiente escolar invadido por esses valores e estimulando as crianças a priorizarem o individual, a imagem virtual e a competição da imagem que elas e os pais delas fazem sobre elas mesmas deve servir de alerta para famílias e educadores. É possível, sim,- e inevitável – conviver com o consumo. Mas o consumismo exagerado de marcas do próprio “eu” transformado em produto midiático deve ser debatido por todos. A mídia, as redes sociais, a publicidade e os noticiários precisam ser absorvidos com bom senso por adultos e jovens.

Certa vez, em reunião com a diretora pedagógica da escola dos meus filhos, ouvi um relato impressionante: pais que estavam brigando com a escola para que esta facilitasse a vida de seus filhos que haviam perdido uma semana inteira de provas. O motivo? A família tinha optado por viajar à Disney na época em que os filhos deveriam estar concentrados, em casa, com seus deveres e obrigações. E a escola, segundo esses pais, tinha a obrigação de ser flexível e proporcionar novas datas para que as avaliações fossem feitas em dias diferentes daqueles em que foram aplicadas as avaliações aos demais estudantes do grupo. Mas por que ir à Disney é mais importante do que estudar? Guy Débord (1991) diria que é o reflexo do

⁸Junte-se a esta situação certa “ingenuidade” dos pais. Por exemplo, uma pesquisa feita entre fevereiro e março de 2011 por pesquisadores da Universidade de Brasília levantou que pais e mães acreditam que seus filhos são menos influenciados por publicidade infantil do que os filhos de amigos e conhecidos. Para o coordenador da pesquisa e professor do departamento de psicologia da UnB Fabio Iglesias, o dado preocupa pois quanto mais um indivíduo se considera imune, mais riscos ele pode estar correndo. A pesquisa foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, e está disponível no site <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1110201123.htm>> Acesso em 10/11/2012.

nosso tempo, em que preferimos a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser.

No espetáculo, uma parte do mundo representa-se perante o mundo, e é-lhe superior. O espetáculo não é mais do que a linguagem comum desta separação. O que une os espectadores não é mais do que uma relação irreversível no próprio centro que mantém o seu isolamento(...) A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e seu próprio desejo” (DÉBORD, 1991:98)

Nada contra uma divertida viagem à Disney com a família. Ela renderá momentos muito agradáveis e fotos e vídeos divertidíssimos a serem compartilhados com milhões de pessoas. Estranho é o fato de não se separar o que é educação do que é entretenimento. Importante dar exemplos a crianças e adolescentes sobre o que é obrigação e o que é diversão. Inverter estes valores seguindo o exemplo dos próprios pais parece ser um desafio perigoso

A escola também é refém do consumismo: alguns pais, por pagarem as mensalidades e escolherem certos estabelecimentos para matricular os filhos em lugar de outros, classificam a escola como parte de seus prestadores de serviços. Se pagam a mensalidade, podem se dar ao luxo de conseguir violar as regras, ditar outras e intervir quando bem quiserem em algo que deveria estar a cargo exclusivo daqueles que administram um bem precioso: a educação dos filhos. É preciso pensar também que os filhos sempre imitam certos comportamentos dos pais.

Há um artigo de Júlio Groppa Aquino⁹, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 7 de outubro de 2012, que faz uma observação muito interessante a respeito deste binômio comunicação/escola. O autor, aliás parceiro de Rosely Sayão em diversas publicações¹⁰, cita dois exemplos recentes em que o excesso de consumo e rivalidade acabaram por destruir vidas de jovens no ambiente escolar. Em “O calmo desespero das elites” (2012), Groppa não só incomoda, como dá um verdadeiro “soco no estômago” nas classes sociais mais abastadas, que preferem proteger seus filhos do terrível mundo “lá fora” do que observá-los fazer parte dele. Aqui reproduzo os principais trechos:

Ilhados em escolas-bunker, nossos filhos estão sucumbindo a um 'dever' implícito e incontestado: ultrapassar seus coetâneos, transformados em aguerridos rivais pelo melhor lugar ao sol do consumo.

⁹ESTADÃO.COM- É livre-docente da Faculdade de Educação da USP (Universidade de São Paulo). Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,o-calmo-desespero-das-elites,941550,0.htm>>.

¹⁰ Ver capítulo 1.

Nas duas últimas semanas, dois acontecimentos, aparentemente isolados, interceptaram a típica pasmeira educacional do País, envolvendo escolas privadas de prestígio: a polêmica em torno da instalação de câmeras nas salas de aula do Colégio Rio Branco, em São Paulo, e a presumida tentativa de suicídio de um aluno do quinto ano do ensino fundamental do Colégio São Bento, no Rio de Janeiro.

Não bastassem as doses cavalares de bens e serviços à disposição desse segmento da população (do assédio tecnológico à voracidade clinicalizante dos profissionais parapedagógicos de plantão; da oferta de uma miríade de produtos de grife à difícil administração dos excessos comportamentais daí derivados; da volúpia confessional/opinativa nas redes sociais ao imperativo do empreendedorismo infanto-juvenil com pitadas surreais de voluntariado, etc., etc., etc.), trata-se cada vez mais de isolá-los do contato com um mundo potencialmente nefasto, agora no interior dos próprios intramuros escolares. Trata-se, enfim, de extirpar qualquer ameaça à integridade dos rituais extravagantes aí em curso. Em uma palavra: depuração acirrada dos usos e costumes daqueles considerados como a futura proa da minoria socioeconômica. Os fortes, enfim.

Ilhados em suas escolas-bunker - quintal de seus condomínios-bunker, de seus shoppings-bunker, de suas academias-bunker -, a cada uma dessas crianças e jovens restaria um dever implícito e incontestável: ultrapassar seus coetâneos, tornados rivais aguerridos pelo melhor lugar ao sol do consumo. Daí um norte a presidir seus passos: a busca do sucesso, da dianteira, da "felicidade" de aparentar ser sempre mais e melhor do que os outros. Tornados autogestores em miniatura de um negócio demasiado incerto (qual seja, a própria vida), alguns deles, no entanto, sucumbirão a um efeito colateral incontornável: o fracasso, a rabeira, a desgraça de ser mais uma entre as tantas reles criaturas deste mundo. Eis o que o pequeno garoto, em sua coragem de desterro, não nos deixa esquecer (GROPPIA, 2012).

O texto de Júlio Aquino é uma crítica explícita à atitude de muitos que tentam proteger demais e acabam prejudicando o futuro de seus próprios filhos. É mais ou menos o que Rosely Sayão faz em seus textos na *Folha de S. Paulo*, talvez de maneira mais sutil e "homeopática".

Citando novamente o documentário "Criança, a alma do negócio" (2010), há uma cena em que uma das crianças não consegue descrever o nome de algumas frutas e legumes que lhe são apresentadas: mamão, carambola e berinjela são alguns exemplos. Na sequência, alguns pacotes de salgadinhos são apresentados à mesma menina, de aproximadamente 9 anos - portanto, já alfabetizada- com os nomes tampados por uma fita adesiva, deixando à mostra apenas as cores e o aspecto dos logotipos e das marcas. "Salgadinho Cheetos", grita ela, orgulhosa. Em seguida, com o outro pacote apresentado: "Doritos"!

É certo que, neste caso, mamões, berinjelas e carambolas passam longe da dispensa da casa que não é abastecida por essa garota de 9 anos. No caso, para a escolha da personagem, foi eleita uma família que tem péssimos hábitos alimentares e os mesmos, certamente, são absorvidos primeiro pelos pais e depois pelo resto da família. Pensemos que os hábitos de consumismo também devem ser assim. Os padrões de consumo existem e vêm de todos os

meios: a casa, a televisão, a família. Todos eles têm papel democrático na formação dos hábitos dos mais jovens, e não só a demonizada publicidade, que já faz parte do cotidiano de todos nós.

Vladimir Safatle (2008) sintetiza neste trecho possíveis normas que podem ou não reger nossos comportamentos. Por consequência direta, o comportamento dos filhos:

A publicidade contemporânea e a cultura de massa estão repletas de padrões de condutas construídos através de figuras para as quais convergem disposições aparentemente contrárias. Mulheres, ao mesmo tempo, lascivas e puras, crianças, ao mesmo tempo, adultas e infantis, marcas tradicionais e modernas. Esta lógica foi bem sintetizada no teaser de uma campanha da Calvin Klein: *“e bad, de good, juste be”*. Ou seja, um modo de ser próprio a uma era da flexibilização de padrões de identificação. Uma época como esta permite marcas que tragam, ao mesmo tempo, a enunciação da transgressão e da norma. Até porque os sujeitos estão presos a esta lógica de ao mesmo tempo aceitar a norma e desejar sua transgressão (SAFATLE apud BACCEGA, 2008:34).

3.3. O consumismo nos textos de Rosely Sayão

Em “Criança não sabe brincar” (2011), Rosely Sayão evidencia, entre crianças, a descartabilidade das coisas, sugerindo, por exemplo, que num mundo que privilegia o consumo, para brincar, as crianças dependem dos brinquedos. O intervalo de tempo entre ganhar o brinquedo e abandoná-lo para fazer outra coisa é pequeno e nada proporcional ao desejo de possuí-lo. Em “Brincando de terapeuta”, a psicóloga alerta que os adultos projetam sobre as crianças que estão sob sua responsabilidade sua busca infantil de prazer imediato. e questiona o prazer dos pais ao comprarem objetos (brinquedos e outros mimos) para os filhos.

Segundo a autora, “quem sente mais prazer nessa hora? As crianças, que na sua imaturidade característica se submetem sem saber aos apelos do consumismo ou os pais, que dedicam uma parte de seus salários para essas aquisições?”

A tabela abaixo ilustra a recorrência do tema consumismo nos textos estudados:

Tabela20. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Agosto/2011

Título	Data	Tema Consumismo
1. Imposição das escolhas	2/08/2011	As crianças pedem e nós atendemos. Elas podem até querer, mas cabe a nós saber o que faz bem a elas e o que fará com que padeçam. Por tentar evitar um sofrimento imediato de nossos filhos, acabamos fazendo com que eles sofram muito mais.

3. Criança não sabe brincar errado	16/08/2011	No mundo que privilegia o consumo, para brincar as crianças dependem dos brinquedos. O intervalo de tempo entre ganhar o brinquedo e abandoná-lo para fazer outra coisa é pequeno. Nada proporcional ao desejo de possuí-lo. As crianças de hoje apenas consomem o brinquedo e não sabem brincar.
---	-------------------	---

Tabela21. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Setembro/2011

Título	Data	Tema Consumismo
7. Ser popular é melhor que estudar	13/09/2011	Uma peça publicitária que, para enaltecer as qualidades de um carro, compara dois atores, um considerado um grande ator e o outro, um ator grande. Nesse comercial, é um brasileiro que se presta a ocupar o lugar de ator grande (com atuação considerada muito ruim em sua profissão). Foi dessa maneira que ele saiu do ostracismo e voltou a ser "famoso". Muitos jovens enalteceram a coragem do moço, sua beleza e o dinheiro que ele ganhou para fazer parte dessa campanha.
9. Brincando de terapeuta	27/09/2011	Os adultos projetam sobre as crianças que estão sob sua responsabilidade sua busca infantil de prazer imediato. Basta observar com atenção pais e seus filhos nos shoppings das cidades se dedicando à compra de brinquedos. Quem sente mais prazer com a compra desses objetos? As crianças -que, na sua imaturidade característica, se submetem sem saber aos apelos do consumismo- ou os pais, que dedicam uma parte polpuda de seu salário para essas aquisições?

Tabela22. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Outubro/2011

Título	Data	Tema Consumismo
11. Escolhas e renúncias	11/10/2011	“Quando perguntei o que ele mirava ao optar pelo curso (que acabou abandonando), ele respondeu que considerou as chances de ter um futuro confortável do ponto de vista econômico.

		Não será uma meta muito restrita?"
--	--	------------------------------------

Tabela23. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Novembro/2011

Título	Data	Tema Consumismo
14. Presos no mundo, soltos na rede	1/11/2011	Muitas crianças, aos nove anos, já tinham telefone celular e o usavam com intimidade. Agora, com essa mesma idade, muitas já possuem vários outros aparelhos, com funções variadas. O tablet é apenas mais um deles que permite acesso à internet.

Tabela24. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Dezembro/2011

Título	Data	Tema Consumismo
18. Anestesia para a adolescência	6/12/2011	Os jovens experimentam ou irão experimentar drogas por um motivo bem simples: elas existem, são oferecidas, estão por aí. Como vivemos em uma sociedade que valoriza o consumo -e não importa de que tipo-, consumir drogas está dentro dessa expectativa. E não podemos nos esquecer de uma coisa: desde pequenas, as crianças aprendem com os pais que, para fazer parte de um grupo, precisam consumir as mesmas coisas usadas por esse grupo.

Tabela25. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Fevereiro/2012

Título	Data	Tema Consumismo
21. Meninas que bebem	7/02/2012	Meninas de nove anos são levadas pelos pais -pelas mães em especial- a comemorar o aniversário em salões de beleza. Elas ganham roupas provocantes e sapatos de salto precocemente, têm seu próprio arsenal de maquiagem etc.
22. Querer é uma coisa, precisar é outra	14/02/2012	“Recentemente, vi uma jovem mulher conversar com sua amiga e manifestar que precisava urgentemente de um determinado aparelho celular. Ela tinha

		um em sua mão, moderno, mas o problema é que não era aquela a que ela fazia menção. Um querer é transformado em um precisar e, certamente, essa mulher iria tratá-lo como tal. O problema fica muito maior quando transferimos esse estilo de falar e de pensar para as crianças. Você pode observar: muitas -mas muitas mesmo- crianças já trocam o verbo querer pelo precisar.”
23. Os jovens e seus uniformes	27/02/2012	O que manda nessas situações todas e em outras semelhantes é o gosto da pessoa, os imperativos do mercado, a erotização infantilizada das relações sociais e do corpo e, finalmente, a busca de visibilidade.

Tabela26. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Março/2012

Título	Data	Tema Consumismo
24. Creche de marmanjo	12/03/2012	O mundo do consumo fez crescer vertiginosamente o descarte: descartamos o aparelho de telefone celular quase novo porque saiu um outro com novíssimas funções. Descartamos o computador recente e em pleno funcionamento porque saiu um modelo menor e mais leve; descartamos o sofá da sala que já tem o nosso cheiro e se adaptou ao formato de nosso corpo porque a linha em uso agora é de outro estilo; e o aparelho de TV porque já está ultrapassado etc. Há também as escolas que tentam satisfazer necessidades das famílias de seus alunos: montam pequenas lojas de conveniência e até academias de ginástica para que os pais aproveitem e já façam por lá mesmo o que querem e precisam enquanto os filhos ficam por lá, seguros. Queremos descartar para poder consumir mais.
26. Meu tênis é mais caro que o seu	27/03/2012	Uma criança é xingada porque não usa a mesma pulseira que as colegas e outra recebe poucos colegas para a festa de aniversário porque a comemoração não foi feita no bufê da moda. Eles precisam considerar também que o imenso valor que estamos dedicando ao consumo tem

		servido para que os mais novos criem preconceitos e estereótipos que servem para excluir, segregar, desprezar seus pares. Sim, caro leitor, o fato de você impedir que seu filho tenha mais do que precisa, que valorize marcas em vez de objetos e que manifeste soberba, por exemplo, hoje já não é mais suficiente para livrar seu filho de julgar os colegas e os outros pelo que eles têm ou deixam de ter.
--	--	--

Tabela27. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Abril/2012

Título	Data	Tema Consumismo
28. Somos todos diferentes	10/04/2012	Mesmo sem perceber, nós procuramos o semelhante, o conhecido, o mediano. Evitamos o que escapa à média. Queremos ser diferentes, mas como a maioria.
29. Filho pra que	17/04/2012	“Será que você já descobriu, caro leitor, a existência de um tipo de serviço especialíssimo para casais grávidos? Eu conheci esse serviço por indicação de pessoas que ficaram abismadas com a existência dele. E, claro, se há oferta é porque há mercado. Há muito mais a ser providenciado: vestuário para a mulher e para o bebê, maternidade, acessórios necessários, adequação da casa para a chegada de uma criança etc. etc. etc. o sonho de ter um filho não mais dará trabalho algum. Não exigirá mais, para os casais que contratarem tal serviço, compromisso, disponibilidade, tomada de decisões, tempo, dedicação. Só exigirá mesmo dinheiro.”
30. Lancheiras amorosas, por favor.	24/04/2012	Mas parece que o estilo de vida que adotamos não mais comporta mãe fazendo comida para os filhos, lanche para levar à escola, bolo para a festa de aniversário etc. Se há quem faça, por que deveríamos fazer? O resultado disso é que quem responde pela tal da educação alimentar dos mais novos é o mercado do consumo. O excesso de peso, inclusive de crianças, é fruto desse fato.

Tabela28. Consumismo nos textos de Rosely Sayão – Maio/2012

Título	Data	Tema Consumismo
31. Madrastas e padrastos	1/05/2012	Aliás, as palavras tio e tia passaram a servir para os mais novos nomearem qualquer adulto: professora, médico, pai do colega, entre outros. E, às vezes, essas palavras até são usadas de forma pejorativa: quem não conhece uma propaganda de carro afirmando que o modelo não é para um "tiozão"?
34. Questão de escolha	22/05/2012	Num mundo em que o que conta é aderir a comportamentos, concepções e estilos de diversão e lazer, entre outras coisas que o grupo a que se pertence ou se quer pertencer valoriza, escolher não é uma questão. Acontece que a vida que temos é, em grande parte, fruto das escolhas que fizemos e fazemos. Viver é, cada vez mais, escolher.

Há um texto, em especial, (número 18) no qual Rosely Sayão evidencia de maneira mais crítica a abordagem do assunto, e com um tema que apavora e incomoda os pais: as drogas. Será que o consumo delas está relacionado ao consumismo? Segundo Rosely Sayão, a resposta é sim. Para ela, como vivemos em uma sociedade que valoriza o consumo – e não importa de que tipo -, consumir drogas está dentro dessa expectativa. Segundo Sayão, desde pequenas as crianças aprendem com os pais que, para fazer parte de um grupo, precisam consumir as mesmas coisas usadas por esse grupo. Com as drogas, não seria diferente. Mas é em “Creche de marmanjo”(2012) que o assunto consumo, consumismo e descartabilidade na escola é colocado em maior evidência.

processo de depreciação, derrogação, ridicularização e enfeimento das *necessidades de ontem*(...); mais do que isso, o descrédito da ideia de que a vida de consumo deveria ser guiada pela satisfação de necessidades,, de que elas constituiriam a preocupação principal e, como diria Talcott Parsons, o “pré-requisito funcional” da sociedade de consumidores.Nessa sociedade, aqueles que se movem apenas pelo que acreditam precisar e que são ativados pelo desejo de satisfazer essas necessidades são consumidores falhos, e, por isso, também desterrados sociais (BAUMAN, 2011).

O bom senso e a contenção do consumismo deve começar muito cedo, para que o hábito da descartabilidade no mundo líquido não prevaleça, não se torne um hábito normal. Quando estes assuntos se tornam mais evidentes também nos meios de comunicação, através de educadores como Rosely Sayão, provoca em pais e educadores (em maior ou menos grau) um incômodo saudável: O de perder 10 minutos de sono (como sugere a colunista da *Folha de s. Paulo*) para repensar as próprias atitudes frente a descartabilidade. E assim, amadurecidos os próprios valores de bom senso, repassá-los aos mais jovens e que nos têm como exemplos a serem seguidos.

CAPÍTULO IV - A ADOLESCÊNCIA, O ESPETÁCULO E O MUNDO VIRTUAL

4.1. Guardamos nas máquinas. E na memória corporal?

Os pais às vezes privilegiam o registro eletrônico da vida de forma exagerada. Nada contra ter máquinas digitais de todos os tipos, registrar esses momentos que fatalmente serão distribuídos virtualmente entre todos os familiares e amigos que não puderam comparecer ao evento. O problema está na proporcionalidade, no bom senso que não temos ao usarmos as mídias e o quanto elas estão tomando um espaço cada vez maior em nossas vidas, fazendo, como bem escrevia Vilém Flusser (2007), com que o homem tente imitar a máquina e esteja cada vez mais sendo dominado por ela. O uso indiscriminado da internet, apesar de aumentar exponencialmente as relações de comunicação e amizade, pode também estar fazendo com que as relações pessoais fiquem em segundo plano, sem que nos demos conta disso. Como afirma Todd Gitlin (2003), “fica claro que o fluxo das mídias dentro do lar – sem falar fora dele – se espessou até virar uma torrente de imensa força e constância, um complemento da vida que se transformou em vivência fundamental”(GILTTLIN,2003:34).

Todos sabemos que a página no Facebook ou em outras redes sociais tornou-se uma espécie de carteira de identidade. Todos têm, todos mexem nela diariamente, todos registram seus passos para si e para os outros. Isso proporciona uma torrente de informações, encontros e amizades que não fazem mau nenhum ao ser humano. Pelo contrário: Se bem utilizadas, tornam-se um excelente mecanismo de fortalecimento de laços pessoais. O problema é que alguns perdem a noção de que apenas o tempo dedicado à máquina e aos equipamentos, portanto os meios, não podem ser maiores do que o tempo dedicado às próprias relações.

Quanto mais dinheiro temos para gastar, mais espaço para si ganha cada membro da família. Com o espaço pessoal vem a solidão, mas esta solidão é instantaneamente povoada de imagens e trilhas sonoras. Num grau que seria impensável no século XVII, a vivência tornou-se uma vivência em presença das mídias (GILTTLIN,2003:34).

Falando, por exemplo, sobre as festinhas da escola- aquelas que são freneticamente registradas pelos pais através de suas máquinas -por que aquele momento que é real torna-se secundário diante da imagem que ele gera eletronicamente? E por que não privilegiar a festa em si, a música, as cores e não outros aspectos mais reais da vida?

Estou longe de ser a mãe perfeita. Mas estes dias me orgulhei de uma frase solta em

casa. Saindo de casa para mais um daqueles divertidos passeios escolares, minha filha de 12 anos diz: “Mãe, você acha que eu devo levar a máquina fotográfica?” E eu respondi: “Não, filha. Registre tudo no seu cérebro.” Fiquei mais orgulhosa da reação positiva da minha filha do que da minha atitude em si. Pensei: ponto pra mim!

Rosely Sayão aborda com frequência estas questões. Ela questiona o papel dos pais e das escolas na formação dos filhos, e sempre acaba chamando a atenção para temas ligados ao espetáculo, à imagem, às mídias e a tantas outras questões debatidas pelos teóricos da comunicação. Em outubro de 2011, por exemplo, ela escreveu justamente sobre o tema das festas de formatura de crianças na faixa dos 5 ou 6 anos de idade. Festas com direito a cerimônias, discursos, bailes de gala e vestidos longos. No artigo, ela chama atenção para o fato de que pais e escolas podem estar “Formando para o espetáculo” ao invés de estarem se preocupando com a formação para a vida:

Apesar das mudanças já ocorridas do ensino básico ao universitário, a escola sempre foi organizada em etapas seriadas, em uma escada: para alcançar o degrau seguinte, o aluno precisa antes quitar plenamente suas obrigações com o grau em curso. Formar-se significava, portanto, mudar de patamar. Uma conquista! Em uma sociedade que não valoriza tanto os rituais, principalmente os de passagem, as formaturas foram se transformando, da mesma maneira que os outros rituais não acadêmicos. As formaturas, tanto quanto os casamentos, os aniversários, etc. mais se parecem hoje com espetáculos do que com celebração. Pois é exatamente isso que tem acontecido na maioria das escolas de educação infantil: seduzidas pelo espetáculo, pressionadas pelas famílias e sem se importar muito com o sentido da palavra formatura ou com as crianças, armam um circo e promovem a chamada formatura para a educação infantil. Pais de lá para cá com todo tipo de câmera, fotógrafos contratados, lenço por causa das muitas lágrimas, coisa e tal. Crianças excitadas e agitadas, vestidas como adultos e preocupadas com o cabelo, choro dos mais tímidos, um auê. Mas quem liga para elas ou para o sentido de uma formatura se, ao final de tudo, haverá fotos, vídeos, lembranças a serem guardadas? (SAYÃO, 2011).

E por que tanta preocupação com o que será gravado? Será que tais rituais existem para serem “vivenciados” ou apenas guardados eletronicamente? Seriam eles reais? Para Todd Giltlin,

Reais são minha família, meus amigos, meus colegas de trabalho. Real é o gosto do café, ou a mosca zumbindo na cozinha, ou o bater do meu coração depois de subir a ladeira. Real, em outros sentidos, é meu emprego, ou cozinhar, ou fazer compras, ou organizar a minha rotina para chegar ao trabalho ou arranjar comida. As imagens, por outro lado, retratam ou reapresentam realidades mas não são em si mesmas realidades. Geralmente sabemos a diferença. Se uma imagem mostra um lugar que visitamos ou nos recorda algo que já aconteceu ou que podemos imaginar acontecendo, dizemos que é realista. Mas isso ainda não é REAL. E menos ainda, nas palavras de Umberto Eco, é hiper real, mais real que o real, produto de uma falsificação absoluta(...)” (GILTILIN, 2003:34).

4.2.O diálogo mídia, escola, mundo e pais

Fica claro que as mídias, a internet, as redes sociais e os registros eletrônicos estão cada vez mais presentes. A questão é: até que ponto a “invasão” deste cenário no ambiente escolar não precisa ser melhor assimilada por pais, professores e educadores? Já que é inevitável conviver com a torrente comunicacional da nossa época, talvez seja hora de repensar em como lidamos com esse mundo virtual e como nossos filhos, alfabetizados por ele, tendem a dialogar com todos nós, ainda meio “analfabetos” do mundo digital. Distinguir o que é “real” daquilo que está por trás das telas também é tarefa dos mais maduros da vida, imaturos das redes.

Por estarem por trás de uma tela brilhante, cheia de links, imagens e efeitos, os sites – que a grosso modo são informações produzidas até onde sabemos por seres humanos – propõem um ambiente que pode passar maior credibilidade a crianças e adolescentes. A quem nossas crianças darão mais atenção? Às palavras dos pais ou à informação virtual que parece não ter “dono”, já que está revestida de uma fantasia bem particular, aquela da imagem que “empresta” credibilidade? É claro que o uso da internet tem revolucionado a educação e que cada vez mais as escolas precisam se adaptar a essa velocidade de informação:

Entre as mudanças que introduzem na educação, é talvez a da autoridade mais importante, pois envolve diversas facetas. Uma é a própria mudança da aprendizagem na escola e na vida, por influência das telas. O quarto em que se usa o computador e/ou se vê televisão se torna o cenário de várias vivências e experiências; embora sejam vicárias e virtuais, transformam-se em “lições” para a vida. O que se aprende aí resulta muitas vezes mais relevante do que aquilo que se aprende em instituições educativas formais. A mera exposição das audiências à imagem nas diferentes e possíveis telas supera quantitativamente sua exposição aos quadros-negros e às figuras dos professores em sala de aula (GÓMEZ, 2006:57).

Em um outro texto publicado por Rosely Sayão na *Folha de S.Paulo*, “Presos no mundo, soltos na rede”, a psicóloga chama a atenção dos leitores sobre como os pais não conseguem diferenciar os ambientes considerados ‘perigosos’ para seus filhos: eles os mantêm dentro de casa, entre quatro paredes, tendo assim a certeza de que estarão protegidos da violência e das possíveis “más-influências” do mundo que está do lado de fora. Mas esquecem que a barreira física não pode ser considerada quando falamos de um mundo que tem duas realidades: a real e a virtual. Mas qual delas será mesmo a real?

Os pais temem que seus filhos transitem pelo mundo público desacompanhados. Desse modo, crianças e adolescentes vão de casa para a escola sempre levados pelos pais ou por seus substitutos, assim como para festas e outros locais que frequentam. Mas,

nesses locais, ficam sozinhos ou com seus grupos. É comum vermos grupos de crianças entre nove e doze anos nos shoppings sem a companhia dos adultos, não é? O mais provável é que seus pais as levem até lá e marquem uma hora para buscá-las depois que a programação planejada terminar. Mas, nesse intervalo de tempo, as crianças ficam sozinhas. Como o local é fechado, os pais consideram a situação segura. Da mesma maneira, consideram segura a relação dos filhos com a internet. Mesmo com todos os alertas que tem sido dados, o mundo virtual parece bem menos ameaçador do que o real, para os pais. Agora, vamos juntar algumas informações que temos. Escolas tem tido dificuldade para contribuir positivamente com a socialização de seus alunos no espaço público. A explosão de pequenas violências entre eles no espaço escolar (...) é uma prova disso. Quanto aos pais, esses socializam seus filhos para o convívio no espaço privado, que é marcado pela afetividade. E, nas cidades, não há outro espaço além da escola que tenha a função de contribuir de maneira educativa com o processo de socialização dos mais novos. Isso significa que eles têm crescido sem aprender, no conceito e na experiência, a conviver respeitosamente com o outro com quem não tenha vínculos afetivos. E tem mais: também não aprendem a proteger a sua privacidade. Aliás, talvez nem aprendam o sentido disso. E, quem não aprende a ter habilidade social no mundo real, como poderá ter habilidade no mundo virtual? (SAYÃO, 2011).

Talvez esteja aí a explicação para tantos fenômenos, muitos deles também descritos nos textos de Rosely Sayão na *Folha de S.Paulo*. Relatos de pais constatando que os filhos deixaram de ser bons alunos pois querem ser “populares”, a competição por um número cada vez maior de amigos nas redes sociais e quase nenhum compromisso social fora das telas do computador. O ambiente escolar reflete essa desordem causada pela superexposição da informação, o culto ao *reality-show* que quase nada tem de *reality* e muito de show, o individualismo extremo, a valorização do que está exposto em detrimento daquilo que é vivenciado por cada um de nós. Tratando da psicologia cultural na mídia, Giuseppe Mininni cita a pergunta mais intrigante e recorrente que pode ser formulada da seguinte maneira: As representações difundidas pela mídia são um reflexo da realidade ou contribuem para construí-la?

Por sua extraordinária capacidade de difundir notícias, a mídia se oferece como uma “janela para o mundo” à disposição de quem quer que seja. Apesar disso, geralmente tende a esconder que se trata de uma janela recortada e orientada de uma determinada maneira, e para um determinado mundo, de modo que fica obscurecida a dimensão de propaganda habitualmente tecida no enredo constitutivo da informação.(...) O que a maior parte das pessoas sabe a respeito de muitos contextos possíveis de vida no mundo – distritos policiais ou laboratórios científicos, prisões ou hotéis de alto-luxo – não resulta da experiência direta, mas de seu contato com a mídia (MININNI, 2008:28).

Resta refletir – e os textos de Rosely Sayão contribuem muito para isso – até que ponto nossa sociedade está envolvendo crianças e adolescentes ainda em formação em um mundo no qual a tal “janela para o mundo” pode estar refletindo uma imagem muito mais deformada

do que a nossa realidade. Pensando que tais crianças e adolescentes em pouco tempo se tornarão adultos, é obrigação do educador e do comunicólogo incentivar o bom senso no uso e abuso do mundo chamado virtual.

Desde o momento da concepção até os contatos diários entre pais e filhos, existe uma comunicação permanente que visa à socialização e à instrução para decifrar mensagens e adaptá-las à vida cotidiana. E, aos poucos, as crianças desprendem-se de um ambiente familiar e começam a ser bombardeadas pelas mídias, mensagens geradas por outros corpos que não os de seus pais. Daí a necessidade de se analisar cada fenômeno comunicacional como algo que gera consequências na comunicação e na educação familiar. O homem, segundo Flusser (2007), imita a máquina e depende dela para viver, mas é preciso levar em conta o que ele mesmo chama de “controle da alavanca”: Não estaríamos nós também deixando que crianças e adolescentes sejam dependentes destas mesmas máquinas?

O mesmo autor sugere que viver significa simplesmente ir em direção à morte. E, nesse caminho, as “coisas”, ou simplesmente problemas, obstruiriam essa passagem natural. Os textos de Rosely Sayão, que retratam o comportamento de pais, crianças e adolescentes, refletem uma certa ‘proteção’ aos filhos que os pais tentam impor no dia a dia, como se – e com a melhor das intenções – quisessem proteger seus filhos das coisas naturais da vida. É preciso levar em conta – e Vilém Flusser (2007) nos faz refletir bem sobre isso – que o amadurecimento só acontece através da frustração, do contato com o “não”. Por isso, enfrentando os tais obstáculos da vida é que teremos menos ilusão existencial, sem fazer com que, segundo Flusser, passemos a vida apenas para afastar os problemas e morrer por causa de problemas insolúveis. Isso também existe no universo infanto-juvenil.

Em Lasswell (1971), temos a ideia de que a comunicação pode ser distinguida em algumas funções, como a vigilância sobre o meio ambiente (e sobre os corpos que o compõem), a correlação das partes da sociedade em resposta ao meio e, principalmente, a transmissão da herança social de uma geração para outra. E ainda: Os diplomatas, adidos e correspondentes estrangeiros são representativos daqueles que se especializam no meio externo. Os editores, jornalistas e oradores vinculam-se à reação interna. Os educadores, na família e na escola, transmitem a herança social. Daí a importância de se colocar lado a lado a escola, a comunicação e a educação. Os textos de Sayão, de certa forma, ligam esses três ambientes.

Com as ideias de Lasch (1986) e Naomi Klein (2002) analisando o individualismo, o culto às marcas e a valorização da imagem pessoal em detrimento do conhecimento, pode ser

possível afirmar que crianças presenciam às vezes certa “confusão de valores”. Naomi Klein (2002) refere-se diretamente aos jovens, e alerta sobre a vivência das marcas enquanto valores “pessoais”. Ela chega a contar uma experiência pessoal de quando trabalhava em uma loja de roupas e via mães chegando com filhas de seis anos que já pediam para ver apenas camisetas que trouxessem a marca “*espirit*” em destaque. E as próprias mães, segundo Klein, diziam que as filhas não queriam vestir nada sem um “nome” (KLEIN, 2002:51). Rosely Sayão, em vários de seus textos, refere-se a marcas e valores que crianças e adolescentes atribuem ao “ser humano”, colocando seus colegas em patamares diferentes conforme o que os mesmos podem consumir, e não mais devido a certos talentos diferenciados como jogar bem uma certa modalidade esportiva, gostar de música, saber contar piadas. Segundo a psicóloga, alguns grupos passam a ser definidos por afinidades de poder de consumo, e não personalidades e habilidades humanas em comum.

Wolfgang Haug também reforça a tese da “embalagem” do ser humano, dizendo que a aparência na qual caímos é como um espelho, onde o desejo se vê e se reconhece como objetivo (HAUG, 1997:11). Rosely Sayão fala muito sobre o desejo real e o desejo “implantado” na criança e no adolescente, que seria exatamente esse reflexo do que um simples objeto, um simples logo, uma simples marca de valor mercadológico pode trazer. E aí é que a individualidade se transforma numa espécie de “bem de luxo” (LASCH, 1986), fora de lugar: A preocupação com o indivíduo assume a forma de uma preocupação com a sobrevivência psíquica.

É como questiona Mininni (2008) em *Psicologia cultural da mídia*: o que a maior parte das pessoas sabe a respeito de muitos contextos possíveis de vida no mundo não resulta de sua experiência direta, mas de seu contato com a mídia. E Giltlin reforça: o próprio fluxo das mídias não é menos humano em sua origem, produto de milhões de pessoas que, por terem sido moldadas por um modo de vida mecânico, imaginaram um número aparentemente interminável de maneiras de aliviar as tensões daquele modo de vida por meios mecânicos. É mesmo a torrente das mídias despertando o que o autor chama de “sentimento descartável”, de “presenças fabricadas”(GILTILIN, 2003:47). O shopping, as marcas, o consumo, seriam tudo isso. E a torrente das mídias chega cada vez mais cedo. Celulares e joguinhos eletrônicos substituem chocalhos, chupetas e guizos. E as relações entre as pessoas (e isso começa na adolescência) estão cada vez mais baseados em objetos de consumo (ou de desejo de consumo) que elas tenham em comum.

E aqui a referência final e conclusiva, a de Nestor Canclini (2008), que se refere –

talvez algo já previsto por MacLuhan – à extensão do corpo como mídia:

Os jovens que incorporam plenamente essas tecnologias “as colam ao corpo como um elemento a mais de indumentária”, escreve Luis Alberto Quevedo: calças, paletós, jaquetas e mochilas são fabricados com lugar para o celular. A “corporabilidade deve abrigar as tecnologias” (QUEVEDO, 2007:11). O celular torna os jovens independentes dos pais, porque estes deixam de saber exatamente onde aqueles estão e o que fazem com seus corpos. Para os jovens, torna-se um recurso para novas experiências corporais e de comunicação. Mais do que a localização, importam as redes. Mesmo sentado, o corpo atravessa fronteiras (CANCLINI, 2008:44)

Há um texto do filósofo, escritor e ensaísta Luiz Felipe Pondé¹¹, publicado na mesma *Folha de S. Paulo* em 17 de setembro de 2012, que parece ter sido escrito com o mesmo intuito das publicações de Sayão: incomodar. Em “iPad baby”¹², o articulista afirma que nós vivemos em uma era narcísica mas com formas muito mais sofisticadas:

(...) Mesmo ter filhos, hoje, pode ser uma das faces mais comuns do narcisismo. Ter filho é narcisismo quando ele é parte de seu ferramental de sucesso: trabalho, casa própria, sexo saudável, carro novo, ioga, alimentação balanceada, filho.

Quando vir uma mãe tirando muitas fotos históricas dela mesma com seu filho, saiba que você está diante de um poço de narcisismo que afoga a pobre criança num mar de projeções de si mesma. Segura o filho nas mãos como troféu de sua própria suposta beleza e saúde.

Sim, ser mãe pode ser objeto de enorme crítica. Ou pai. Falar mal da maternidade ou paternidade é para iniciantes e coisa de crítica festiva.

Mães são autoritárias, chantagistas, loucas, ausentes, presentes demais, enfim, infernais às vezes. Mas hoje, numa época dominada pela covardia chique, que teme dizer seu nome, covardia, covardia, covardia, podemos fazer um discurso chique para negar a maternidade.

(...)

Mas dizia que estávamos num desses restaurante "descolados", mas rotineiros, da classe chique da zona oeste paulistana. Perto, um casal "desfilava" seu filho. Durante algum tempo, todo mundo era obrigado a ouvir a beleza estridente da maternidade narcísica.

Trajes descolados, jeans rasgados e caros, camisetas tipo Hering, tênis surrados. Cabelos assanhados no modo correto, iPhones, bebê brincando com iPad, risadas altas. A criança, coitada, era quem menos gritava. Os pais, já os pais, estes faziam tudo para ele berrar, como numa demonstração de que, sim, "somos pais descolados que amam seu filho e queremos que ele grite e brinque para mostrar que não o reprimimos". O filho ali tinha o mesmo estatuto que o iPad: um trunfo numa era narcísica. Assim como um carro coreano branco enorme. E fotos, muitas fotos, em todas as posições imagináveis em meio à pasta de domingo. Imagino que postaram no "Face" (PONDÉ, FSP, 2012).

¹¹Luiz Felipe Pondé, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap. Autor de vários títulos, entre eles, "Contra um mundo melhor" (Ed. LeYa). Escreve as segundas na versão impressa de "Ilustrada" da *Folha de S. Paulo*.

¹²“iPad baby”. Artigo publicado em 19 de setembro de 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/1154409-ipad-baby.shtml>

Misturemos então tudo isso: Crianças, consumismo, pais frenéticos, corpos em evidência em belíssimos vestidos, cabelos perfeitos, câmeras (muitas delas), competição entre meninas e um reality show com direito a competição entre elas? Não precisa pensar muito. Isso já existe. E a crítica abaixo, retirada do caderno “Ilustrada” da *Folha de S. Paulo* (13 de dezembro de 2012)¹³ é a prova.

A resenha, que está na seção “televisão” do caderno *Ilustrada*, fala de maneira crítica sobre o programa, como se percebe no texto:

O mundo da série, infelizmente, sai cada vez mais da tela. Nele, as relações sociais e afetivas são mediadas pelo consumo, e um aniversário especial não é aquele em que o festejado ajuda a enrolar brigadeiros ou assina com garranchos os convites. É uma gincana para ser mais, melhor, único. O prêmio, lá no fim, é a frustração. O canal diz se destinar ao desenvolvimento pessoal do público, o que talvez explique o foco em distorções de comportamento social e psicológico. Vista assim, a série é boa: seus episódios devem ser tomados como casos clínicos, e não modelos a seguir (FOLHA UOL ILUSTRADA, 2012)

Interessante notar que se trata de uma crítica. Portanto, leva o leitor a avaliar se ele vai querer ou não assistir àquele programa. E a jornalista classifica como “bom”. Assistamos ao espetáculo, portanto. E claro, como acontece com todos os assuntos, inclusive os televisivos, levemos nossos comentários a todos os ambientes de convivência. A escola, inclusive.

4.3.O espetáculo nos textos de Rosely Sayão

O tema “espetáculo” aparece em 14 dos 34 textos analisados. Está muito evidente em “Ser popular é melhor que estudar”, que conta a história de uma mãe que sempre teve um filho estudioso, responsável e com boas notas na escola. Até que um dia ele descobriu que não queria ser mais um “nerd”, e que achava que precisava ser popular – o que não incluía o estudo e bom comportamento. Aqui, o que importa é “fazer, acontecer e aparecer a qualquer custo”. No documentário francês “Entre les murs”, do diretor *Laurent Cantet*, há uma cena em que uma adolescente de 14 anos, de volta às aulas após as férias de verão, começa a ter um comportamento insolente com seu professor, com quem até então mantinha uma relação cordial, de amizade, de simpatia. Advertida pelo mestre, a menina vai falar com ele ao final da aula e ele pergunta a ela por que estava se comportando daquela maneira, já que os dois se

¹³“Em “Festinhas de Arromba”, as mães são casos clínicos” Artigo publicado em 13 de setembro de 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/65922-em-festinhas-de-arromba-as-maes-sao-casos-clinicos.shtml>>.

davam tão bem até o fim do anterior ano letivo. E a resposta foi sucinta: ao perceber que era observada por outras colegas, que a aguardavam do lado de fora da sala, ela responde “*Je ne suis plus une gamine*”. (“Não sou mais uma mocinha”, no sentido de ser uma criança “bacana”).

Em “Os jovens e seus uniformes” também existe a menção ao “espetáculo”: Rosely analisa que ver e ser visto é o que importa. Os jovens, segundo ela, são os mais vulneráveis às pressões do mercado da aparência, da etiquetas de marca e das tendências adotadas por seus pares por que eles ainda não tem o senso crítico. Estão na escola justamente para adquirir ou sofisticar esse tipo de análise.

A tabela abaixo ilustra a presença do tema “espetáculo” nos textos de Rosely Sayão:

Tabela29. Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Agosto/2011

Título	Data	Tema Espetáculo
4. É só uma faculdade, gente!	23/08/2011	Contamos historias fantásticas a respeito da vida adulta profissional, construímos fábulas muito bem estruturadas sobre a vida e o trabalho, apontamos o êxito como meta de vida, associamos prazer no trabalho com felicidade.

Tabela30. Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Setembro/2011

Título	Data	Tema Espetáculo
6. Família feliz e família real	6/09/2011	Um fenômeno recente em nossas vida nas cidades grandes: esses decalques de "família feliz" que agora lotam as traseiras dos carros.O que eles querem expressar, afinal? No fundo, bem no fundo, esses adesivos podem estar tentando dizer que essa "família feliz" é a dos nossos sonhos, em nada parecida com a família real, que é complexa até demais.
7. Ser popular é melhor que estudar	13/09/2011	Na chamada sociedade do espetáculo, os jovens precisam ter grande visibilidade no grupo que frequentam, o equivalente a ser considerado um famoso em nossa sociedade.
		As crianças não são mais educadas apenas

8. Um fato, duas versões	20/09/2011	pela família e pela escola. A cidade educa, a mídia educa, a sociedade educa etc.
9. Brincando de terapeuta	27/09/2011	Agora, há até curso de psicanálise pela internet e qualquer pessoa pode se denominar "psicanalista de criança".

Tabela31. Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Outubro/2011

Título	Data	Tema Espetáculo
13. Formando para o espetáculo	25/10/2011	Você duvida de que isso aconteça dessa maneira, leitor? Dê uma busca na internet. Você vai encontrar de tudo. : seduzidas pelo espetáculo, pressionadas pelas famílias e sem se importar muito com o sentido da palavra formatura ou com as crianças, as escolas armam um circo e promovem a chamada "formatura da educação infantil.

Tabela32.Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Novembro/2011

Título	Data	Tema Espetáculo
14. Presos no mundo, soltos na rede	1/11/2011	O mundo virtual parece bem menos ameaçador do que o real, para os pais. quem não aprende a ter habilidade social no mundo real, como poderá ter habilidade no mundo virtual? Precisamos pensar nisso antes de considerar os inúmeros e reais benefícios que as crianças podem colher no mundo da internet.
15. Caprichos de adultos	8/11/2011	“Uma outra mãe me contou que, na sala de espera do consultório do pediatra, percebeu a competição entre as mães, que vibravam quando seus filhos mostravam saber mais coisas que as outras crianças de mesma idade. um fenômeno que ocorre na internet: vídeos que exibem crianças em situações diversas, feitos e postados por seus pais, se transformam em fenômenos de audiência. Um dos últimos mostra a reação de uma garotinha quando seus pais dão a ela uma surpresa de aniversário: uma viagem à Disney. O que deveria ser um acontecimento íntimo

		entre pais e filha, olho no olho, com afeto e vínculo, ganhou a intermediação de uma câmera, já com o intuito de exibir ao mundo a reação da criança. Um espetáculo.”
--	--	---

Tabela33.Espectáculo nos textos de Rosely Sayão – Dezembro/2011

Título	Data	Tema Espectáculo
18. Anestesia para a adolescência	6/12/2011	Pais permitem que seus filhos com menos de 12 anos usem redes sociais para que estes não se sintam excluídos. E esse argumento serve para tudo: da compra de um tênis de determinada marca à comemoração do aniversário em determinado local.
19. Quem é especialista na sua criança?	13/12/2011	E é por causa dessa impotência que muitos pais buscam fora do contexto familiar e da relação com a criança soluções quase mágicas para resolver aquilo que consideram um problema.Diversos especialistas têm sido convocados a tratar de "crianças agressivas". A internet tem sido muito usada, também, na busca de orientações ou conselhos. Outro fator que não podemos ignorar é o quanto as crianças estão expostas aos meios de comunicação.Programas infantis -dos chamados educativos aos considerados violentos- mostram conflitos de todos os tipos e tratados com agressividade longamente. Já a solução do conflito ganha bem menos tempo, não é verdade.

Tabela34.Espectáculo nos textos de Rosely Sayão – Fevereiro/2012

Título	Data	Tema Espectáculo
23. Os jovens e seus uniformes	27/02/2012	"Ver e ser visto" é o que importa, nada mais. Os jovens são os mais vulneráveis às pressões do mercado da aparência, das etiquetas (de marca) e das tendências adotadas por seus pares porque eles ainda não têm senso crítico. Estão na escola justamente para adquirir ou sofisticar esse tipo de análise.Por que não fazemos nada

		além de observar, criticar sussurrando ou furtivamente? Talvez porque nós mesmos estejamos enredados nesse problema.
--	--	--

Tabela35.Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Março/2012

Título	Data	Tema Espetáculo
26. Meu tênis é mais caro que o seu	27/03/2012	Lembre-se que seu filho vive neste mundo que o bombardeia com informações que o direcionam a fazer isso. "Quer ser popular? Compre tal objeto." "Quer ser convidado para todas as festas? Use tal roupa." "Quer ter sucesso? Tenha tal carro." Frases desse tipo repetidas como mantras colam em seu filho. Por isso, você terá de fazer mais por ele. Uma boa atitude pode ser a de analisar criticamente as propagandas bonitas, vistosas e bem-humoradas que seduzem seu filho. Com sua ajuda, seu filho pode entender que a única coisa verdadeira nesse tipo de propaganda é o objetivo de vender.

Tabela36.Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Abril/2012

Título	Data	Tema Espetáculo
29. Filho pra que	17/04/2012	“Há coisa mais sedutora do que a ideia de uma família feliz? Não há, tanto que os adesivos "felizes" se proliferam nas traseiras dos carros, como já comentei aqui. Mas não é com imagens ideais que se constrói uma família e que se cria filhos, não é verdade? Há também o registro das imagens de todo o desenvolvimento da gravidez, do nascimento, da chegada do bebê em casa.

Tabela37.Espetáculo nos textos de Rosely Sayão – Maio/2012

Título	Data	Tema Espetáculo
32. Filhos Nativos, pais estrangeiros	8/05/2012	Crianças e jovens são ainda escravos de seus impulsos e podem escrever o que pensam sem nenhuma regulação. Podem se arrepender depois. O problema é que tudo, absolutamente tudo que é colocado

		na internet é permanente. Assim é tudo na rede: postou, ficou. Mesmo que algo seja apagado, alguém pode ter copiado e é por isso que permanece indefinidamente.”
33. Separados pelos pais	15/05/2012	<p>Nos últimos dias, vários leitores pediram esclarecimentos a respeito da síndrome de alienação parental. O tema foi introduzido pelas notícias que a imprensa publicou a respeito do garoto Sean Goldman.</p> <p>Recentemente, o garoto deu uma entrevista a uma emissora de televisão dos Estados Unidos. Sua participação teve repercussões em nosso país e a expressão voltou a ser tema de conversas.</p>

Mas é em “Caprichos de adultos” (8/11/2011) que o tema “espetáculo” se torna mais evidente.

Quadro 3. Caprichos de adultos

8 equilíbrio TERÇA-FEIRA, 8 DE NOVEMBRO DE 2011 ★ ★ FOLHA DE SÃO PAULO

CAPRICHOS DE ADULTOS

ROSELY SAYÃO

Vídeos exibindo crianças em situações diversas, feitos e postados pelos pais, são o novo fenômeno

UMA LEITORA disse que gostaria de ler uma reflexão sobre as razões que movem essas mulheres capazes de tudo quando querem ter filhos. Ela assistiu a uma novela na qual uma personagem vive tal situação, e ela mesma tem amigas dispostas a arriscar alto para ter filhos. “Por que chegam a tal ponto?”, pergunta. Nossa leitora jogou uma boa isca.

Qual o significado dos filhos no mundo atual? Certamente não é o mesmo para todas as pessoas, mas, considerando as pílulas que temos e os valores de nossa sociedade, é possível universalizar algumas ideias. Vamos, então, juntar algumas delas.

A primeira, a leitora trouxe: hoje, com o avanço da medicina, é possível engravidar nas situações mais adversas. As clínicas de fertilização estão repletas de mulheres que podem pagar pelos trata-

mentos caríssimos e que lá se encontram buscando realizar um sonho: o de ter um filho para chamar de “seu”.

Outra constatação que podemos fazer é a de que os filhos, hoje, são levados a tribular caminhos — muitas vezes árduos para eles — em busca daquilo que, conforme consideram seus pais, lhes dará êxito na vida. Melhor prova desse fenômeno é a maneira como a vida escolar da criança é tratada pelos pais.

Começemos com as mais novas. Antes mesmo dos seis anos, os pais esperam que seus filhos aprendam a ler e a escrever na escola.

Escolas, devidamente pressionadas pela sociedade, oferecem toda sorte de atividades que fazem crianças de dois ou três anos serem iniciadas nos mundos das letras e dos números. Isso, numa idade em que deveriam brincar.

Outro dia, uma criança de quatro anos reclamou com a mãe de uma maneira que esta ficou chocada e tomou a decisão de procurar uma outra escola, com um projeto diferente para seu filho. “Mas, chego em casa com a mão doendo de tanto escrever.”

Uma outra mãe me contou que, na sala de espera do consultório do pediatra, percebeu a competição entre as mães, que vibravam quando seus filhos mostravam saber mais coisas que as outras crianças de mesma idade.

Não é egoísta isso?

No ensino fundamental, as crianças já estão com agendas lotadas de atividades e de aulas particulares. Tudo para garantir que sejam boas — ótimos, de preferência — alunos.

Isso faz bem aos pais e não importa que seus filhos fiquem sobrecarregados.

Por fim, um fenômeno que ocorre na internet: vídeos que exibem crianças em situações diversas, feitos e postados por seus pais, se transformam em fenômenos de audiência.

Um dos últimos mostra a reação de uma garotinha quando seus pais dão a ela uma surpresa de aniversário: uma viagem à Disney.

O que deveria ser um acontecimento íntimo entre pais e filho, oho no oho, com afeto e vínculo, ganhou a intermediação de uma câmera, já com o intuito de exibir ao mundo a reação da criança. Um espetáculo.

Há vários outros filmes de crianças na internet. Certamente, caro leitor, você já deve ter visto alguns deles.

Será que os filhos, hoje, existem para satisfazer os caprichos de seus pais?

Parece que sim.

Os filhos sempre carregaram a missão de realizar desejos de seus pais. Mas, aos poucos, com maior ou menor dificuldade, os pais permitiam que o filho assumisse sua própria vida.

Hoje isso parece estar mais difícil porque o mundo adulto está infantiado e, principalmente, porque o relacionamento afetivo entre pais e filhos ganhou contornos jamais vistos. Os pais criam uma dependência afetiva em relação aos filhos — e isso não é bom para os mais novos.

Dessa maneira fica muito, muito, difícil para eles a conquista da própria vida.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de “Como Educar Meu Filho” (Paz e Terra)



VOCÊ TEM VOCAÇÃO PARA ENSINAR?
VENHA APRENDER COM A GENTE.

Inscrições abertas para o processo seletivo do Curso de Pedagogia 2012.


INSTITUTO SINGULARIDADES
Professores. Formando professores.

www.singularidades.com.br

Figura 5. Caprichos de adultos- Rosely Sayão

Como já foi relatado anteriormente, para Giuseppe Miminni (2008), o que a maior parte das pessoas sabe a respeito de muitos contextos possíveis de vida no mundo não resulta da sua experiência direta, mas de seu contato com a mídia. E temos a impressão de que, em algumas situações (como a citada no texto de Rosely Sayão) uma experiência de vida só é “completa” se for registrada eletronicamente e exibida na “rede”.

Não seria exagero detectar uma certa agnosia das pessoas com relação às próprias imagens. A noção que temos da nossa própria imagem poderia ser “deformada” quando exibida nas redes sociais? Porque a necessidade crônica de postar absolutamente tudo (tudo o que denota alegria, sucesso, reconhecimento) na rede? Talvez para trazer a si próprio a realização de um perfeito “encaixe”: Aquilo que formulamos sobre a nossa própria imagem. E aquilo que propositalmente deformamos para que assuma um contexto de rede social, de currículo. Em “O olhar da mente” (2010), Oliver Sachs afirma que o reconhecimento de representações pode requerer uma espécie de aprendizado, a compreensão de um código ou convenção além dos necessários para o reconhecimento de objetos. Por isso, dizem que

peessoas de culturas primitivas que nunca viram fotografias podem não reconhecer que elas são representações de alguma coisa. Será que na atual fase estamos com a necessidade oposta, a de postar eletronicamente o que pode ser guardado apenas na memória? E somente assim conseguiríamos a sensação completa de que aquilo, agora sim, é realidade?

Ainda segundo Sacchs,

Todos nós vivemos em um mundo de visões, sons e outros estímulos, e nossa sobrevivência depende de fazermos uma rápida e acurada interpretação deles. Compreender o mundo à nossa volta tem de ser algo baseado em algum tipo de sistema, algum modo rápido e certo de analisar o ambiente. Embora ver objetos, defini-los visualmente, pareça ser instantâneo e inato, constitui na verdade uma tremenda façanha perceptual que requer toda uma hierarquia de funções. Não vemos os objetos como tais; vemos formas, superfícies, contornos e fronteiras, que se apresentam em diferentes luminosidades ou contextos e mudam de perspectiva quando se movimentam ou quando nos movimentamos. Desse caos visual complexo e mutável temos de extrair invariantes que nos permitam inferir ou supor a qualidade do objeto. Não seria econômico supor que existem representações individuais, ou engramas, para cada um dos bilhões de objetos ao nosso redor (SACCHS, 2010:87).

Talvez o que Rosely Sayão expresse no texto analisado, em especial no trecho:

O que deveria ser um acontecimento íntimo entre pais e filha, olho no olho, com afeto e vínculo, ganhou a intermediação de uma câmera, já com o intuito de exibir ao mundo a reação da criança. Um espetáculo.
Há vários outros filmes de crianças na internet. Certamente, caro leitor, você já deve ter visto alguns deles (SAYÃO, 2011).

É a necessidade de alertar principalmente os pais para que a exibição e postagem de momentos íntimos não se sobreponha a outros gestos que, na opinião da psicóloga, podem ser mais importantes na formação de crianças e adolescentes. Proteger demais, registrar demais, descartar demais, mostrar demais podem ser atitudes perigosas para quem quer ver os filhos amadurecerem – e, portanto sofrerem – naturalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rosely Sayão relata em seus textos, na *Folha de S. Paulo*, situações diversas vividas por pais, filhos e educadores. Os textos, que poderiam até pender para o lado de “auto ajuda”, acabam de certa forma incomodando aqueles que pensam em ser melhores educadores. Incomodam porque lembram, de certa forma, que nós – os adultos – somos os verdadeiros e primeiros exemplos de vida para crianças e adolescentes. E nós vivemos em um mundo em que o corpo, o consumo e o espetáculo estão na “vibe”, na nossa comunicação cotidiana, nos nossos pensamentos, nas nossas atitudes.

Os 34 textos trazem idéias de uma psicóloga, mas que tem a ver com a mais pura discussão de temas referentes à comunicação: o corpo, os códigos, o crescimento comunicacional, o ver e ser visto, o consumismo como marca registrada de comportamentos e relações. Tais idéias vêm sendo discutidas em profundidade por autores como Nestor Canclini, Naomi Klein, Guy Debord e outros, citados neste trabalho. Sinal que uma discussão teórica importante vem ocupando cada vez mais espaço também na mídia, em especial aquela dedicada ao comportamento e à educação, como é o caso das colunas de Rosely Sayão na *Folha de S. Paulo*.

O mundo não está acabando, tampouco estamos vivendo uma época em que se perde o controle sobre o que nos é mostrado através dos meios de comunicação, já que, como aponta Mimini, são tantas as janelas voltadas para ele (o mundo) que acabamos perdendo a noção da quantidade de possibilidades. Todos os autores citados neste trabalho, cujas idéias podem ser extraídas dos textos de Rosely Sayão publicados em um jornal de grande circulação como a *Folha de S. Paulo*, podem nos ajudar a compreender e assimilar os códigos e, assim, através de exemplos, transmití-los com responsabilidade aos mais jovens. E até eles – os jovens – que já foram alfabetizados com tablets e smartphones, podem ajudar os adultos a não demonizarem os meios que tornam a comunicação exaustivamente difusa, porém altamente capacitada para também construir e aprofundar relacionamentos, juntar idéias, compartilhar também o que nos ajuda a melhor compreender o mundo e relacionar-se com ele.

Os textos de Rosely Sayão, portanto, contém substancialmente conceitos relacionados à comunicação, mais especificamente aqueles que se referem ao corpo, ao consumo e ao espetáculo. Análises psicológicas e comportamentais, extraídas segundo a própria autora de observação do cotidiano de famílias, jovens e crianças, passam necessariamente por conceitos que envolvem as mídias, as marcas, a vaidade consumista e ‘principalmente as mudanças no

comportamento comunicacional de pais, professores, crianças e adolescentes. Já que toda comunicação começa e termina no corpo e a educação faz parte do processo de comunicação, aprendamos a conviver com um novo corpo, um novo código, uma nova era em que os relacionamentos e sentimentos talvez não tenham mudado, mas estão hoje envoltos em um ambiente comunicacional extremamente complexo, em que a velocidade das informações muitas vezes não é alcançada de maneira adequada por nós, meros seres humanos, que tanto convivemos com máquinas e tecnologias, mas continuamos sendo os mesmos animais dotados de instintos como a fome, a dor, a carência, a vaidade, a competição. Sigamos tentando compreender, assimilar e deixar às gerações com mais jovens conceitos que podem vir embalados em forma de telas, luzes, slogans e trilhas sonoras. Mas que sejam sempre tratados como simples parte de códigos que nos tornam seres que comunicam. Corpos que dialogam, consomem e tentam provar todos os dias que existem, mesmo que em constante mudança e movimento.

Que esta breve síntese de idéias comunicacionais contidas nos textos de Rosely Sayão possa ajudar a refletir sobre que tipo de atitude temos diante das mídias, e de que forma nossa reação frente a elas pode ser repassada a nossos filhos, para ajudar a formar pessoas conscientes de que são, simplesmente, humanas.

REFERÊNCIAS

- ACERVO FOLHA DE S.PAULO. Disponível em:<
<http://acervo.folha.com.br/fsp/2012/05/29/563//5790306>> Acesso em 23 de outubro de 2012.
- BACCEGA, Maria Aparecida (org.) *Comunicação e Culturas do Consumo*. São Paulo: atlas, 2008.
- BAITELLO Jr, N. *Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos*. In: Rodrigues, David (org.). *Os valores e as atividades Corporais*. São Paulo: Summus, 2008.
- BOURDIEU, Pierre . *Sobre a Televisão*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997
- BARBOSA, Lívía (org.) *Juventude e Gerações no Brasil Contemporâneo*. Porto Alegre : Sulina, 2012.
- BARTHES,R. - *Mitologias*. São Paulo: DIFEL, 4ª Edição,1980.
- BAUDRILLARD,J. - *Simulacros e Simulação*. Lisboa: RelógioD'Água Editores, 1991.
- BAUMANN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*
Rio de Janeiro:Zahar, 2011.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. In:
LIMA, Luiz Costa (Org.) *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- BLOG DA ROSELY SAYÃO. *Desabafo de mãe*, 2007. Disponível
em:<http://blogdaroselysayao.blog.uol.com.br/arch2007-12-16_2007-12-31.html> Acesso em 24 de
outubro de 2012.
- CANCLINI, Nestor. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo, iluminuras, 2008.
- CANTET, Laurent. “*Entre les murs*”. Diretor: Laurent Cantet . Produção: Caroline Benjo, Carole
Scotta. França, 2008.
- CASTRO, Gisela G.S. *Screenagers: entretenimento, comunicação e consumo na cultura digital*. In:
BARBOSA, Lívía (org.). *Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina,
2012.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Lisboa: Edições Mobilis in MóBILE, 1991.
- DORNELLES, L.V. *Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança
cyber*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- ECO, Umberto. Pós-escrito In: *Cinco escritos morais*. Trad. de Eliana Aguiar. 3. ed. Rio de
Janeiro: Record, 1998.
- FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Héctor. *Periódicos: sistemas complejos, narradores en
interacción*. Buenos Aires: Crujía, 2006.
- FONTENELLE , Isleide A. – *O Nome da Marca*. São Paulo: Boitempo Editorial,2002.
- FOLHA UOL COTIDIANO. *Na violência sexual, silêncio é a atitude mais comum*, 2012. Rosely
Sayão. Disponível em:< <http://feeds.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/44352-na-violencia-sexual-silencio-e-a-atitude-mais-comum.shtml>

> Acesso em 13 de novembro de 2012.

_____. *Para pais, a publicidade infantil influencia só o filho dos outros*, 2011. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1110201123.htm>> Acesso em 12 de outubro de 2011.

FOLHA UOL COLUNISTAS. Luiz Felipe Pondé. iPad baby , 2012. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/1154409-ipad-baby.shtml> > Acesso em 18 de setembro de 2012.

FOLHA UOL EDUCAÇÃO. *Opinião: Câmera em sala de aula é um atestado de falência*, 2012. Rosely Sayão.. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/1161476-opinio-camera-em-sala-de-aula-e-um-atestado-de-falencia.shtml> > Acesso em 13 de novembro de 2012.

FOLHA UOL EQUILÍBRIO. *Formando para o espetáculo*, 2011. Rosely Sayão. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq2510201111.htm>> Acesso em 26 de outubro de 2011.

_____. *Presos no mundo soltos na rede.*, 2011. Rosely Sayão. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0111201110.htm>> Acesso em 3 de novembro de 2011.

FOLHA UOL ILUSTRADA. *Em entrevista ao "Fantástico", Xuxa diz ter sofrido abuso sexual*,2012. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1093240-em-entrevista-ao-fantastico-xuxa-diz-ter-sofrido-abuso-sexual.shtml> >. Acesso 13 de novembro de 2012.

_____. *Em Festinhas de Arromba, as mães são casos clínicos. Festinhas de Arromba*, 2012. Franscesca Angiolillo. Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/65922-em-festinhas-de-arromba-as-maes-sao-casos-clinicos.shtml> > Acesso em 14 de setembro de 2012.

_____. *Este é o meu Corpo*, 2012. João Pereira Coutunho. Disponível em:< <http://feeds.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/46934-este-e-o-meu-corpo.shtml> > Acesso em: 06 de junho de 2012.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado*. Por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GARCIA, Canclini, Néstor. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo : Iluminuras, 2008.

GILTLIN, Todd. *In:Mídias sem limite*.Rio de Janeiro,Civilização Brasileira, 2003.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. *Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordeamentos*. In: Moraes, Denis (org.) *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro, Mauad, 2006

GROPPA, Júlio Aquino. *O calmo desespero das elites*, 2012. ESTÃO.COM. Disponível em:< <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,o-calmo-desespero-das-elites,941550,0.htm>> Acesso em 7 de outubro de 2012.

GROPPA, Júlio; SAYÃO, Rosely. *Escola de hoje: Da caserna ao parque de diversões*.São Paulo, Nittas digital vídeo: 2009.

_____. *Família – modos de usar*.São Paulo, 7 mares: 2006.

GROPPA, Júlio; SAYÃO, Rosely; RIZZO, Sérgio; TAILLE, Yves de la.(Org.).*Família e educação: quatro olhares*. 1 ed. Campinas: Papirus, 2011.

- _____. *Professores – procuram-se narradores*. Nittas digital Vídeo. São Paulo:2009
- HAUG, Wolfgang f. *Crítica da estética da mercadoria*. São Paulo, Ed Unesp, 1997.
- INFÂNCIA LIVRE DE CONSUMISMO. *Criança e Consumismo*, 2012. Disponível em:< <http://infancialivredeconsumismo.com/>> Acesso em 11 de outubro de 2011.
- LASCH, C. *O mínimo eu*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.
- LASSWELL, Harold. *Comunicação e indústria cultural*, São Paulo: Editora Nacional, 1971.
- MININNI, Giuseppe. *Psicologia Cultural da Mídia*. São Paulo, Paulus Editora, 2008.
- PROSS, Harry. *Estructura simbólica del poder*. Barcelona: Gustavo Gili, 1080.
- PUBLIFOLHA. *Como educar meu filho*, 2003. Disponível em:< <http://publifolha.folha.com.br/catalogo/livros/135721/> > Acesso em 20 de outubro.
- QUINO. COM.AR. *Charge*, 2012. Disponível em:< <http://www.quino.com.ar/> > Acesso em 12 de outubro de 2012.
- RENNER, Estela. “Criança, a alma do negócio”. Diretora: Estela Renner. Produtor: Marcos Nisti - Maria Farinha Produções . Roteiro: Estela Renner e Renata Ursaia. São Paulo, 2010
- REVISTA ESPM. *Escola superior de Propaganda e Marketing/ Comunicação, Mídia e Consumo*. Ano 9, v. 9 número 25. Agosto de 2012. São Paulo, ESPM, 2012. Disponível em:< <http://revistacmc.espm.br> > Acesso em 26 de agosto de 2012.
- SAFATLE, Vladimir. In: BACCEGA, Maria Aparecida (org.) *Comunicação e Culturas do Consumo*. São Paulo: Atlas, 2008.
- SACHS, Oliver. *O olhar da mente*. tradução Laura Teixeira. Motta. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.
- SAYÃO, Rosely. *Como educar meu filho*. São Paulo, Publifolha: 2003
- SAYÃO, Rosely; GROPPA, Julio. *Escola hoje: da caserna ao parque de diversões*, 2009. DVD. Coleção Cotidiano escolar.
- _____. *Em defesa da escola*. Campinas: Papyrus, 2004.
- SAYÃO, Roseli. *Sexo*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- _____. *Sexo é sexo*. São Paulo. Cia das Letas, 2002.
- _____. *Sexo: prazer em conhecê-lo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- Família: modos de usar*. De Rosely Sayão e Júlio Groppa Aquino. Campinas: Papyrus, 2006.
- TRINDADE, Eliane. *Sem propaganda, grife americana vira 'uniforme' para adolescentes*, 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1007831-sem-propaganda-grife-americana-vira-uniforme-para-adolescentes.shtml>> Acesso em 18 de novembro de 2011.
- VEJA SÃO PAULO ONLINE. “Rosely Sayão dá dicas aos pais sobre educação das crianças”, 2012.

Disponível em:< <http://vejasp.abril.com.br/materia/rosely-sayao-fala-sobre-educacao>> Acesso em: 24 de julho de 2012.

VYGOTSKY, Lev. Desenvolvimento Psicológico na Infância. São Paulo, Martins,1999.

ENTREVISTA

TEIXEIRA, Tatiana de Buyn Ferraz. tatiferrazteixeira@gmail.com. Entrevista para desenvolvimento da dissertação. *Entrevista de Rosely Sayão*. Realizada em um dos estúdios da Rádio *Bandnews*, em São Paulo, em 28 de novembro de 2011.

ANEXOS

ENTREVISTA- ROSELY SAYÃO

Tatiana Ferraz – Na web, tem pouquíssimas informações sobre você e muito sobre seus textos. Como você gosta de ser apresentada? Você se considera hoje mais uma psicóloga, mais uma escritora, uma jornalista, porque escreve em jornais?

Roseli – Uma psicóloga que trabalha com educação. Acho que é assim...

T – Já trabalhou com escolas, com consultório? Como é que surgiu essa história dos textos da Rosely no jornal?

R – Olha, foi por acaso. Um convite surgiu por acaso e eu aceitei. Mas eu, desde o começo, desde que me formei, isso já faz tanto tempo, eu trabalhava sempre, paralelamente, em educação e em escola e como consultório, Consultório é uma coisa que eu acho uma “barra muito pesada”. Meu consultório eu não atendia casos leves, mas muito pesados. Então eu me aposentei depois de 25 anos, eu achei que era hora de parar com consultório. E aí continuei só com Educação. Já fui professora, já fui coordenadora de curso, diretora de faculdade, professora de Ensino Médio. Enfim: a Educação está na minha vida.

T – Os exemplos que você usa nos seus textos do “Caderno Equilíbrio” da Folha de S. Paulo, vem de onde? São e-mails que chegam até você, são casos que você verifica, são mães, são conhecidos? Você tem alguns tipos de fontes? Porque são casos que são bem reais e que são recorrentes. A gente percebe nos casos que estão relatados ali, muitos outros casos que acontecem nas casas de todo mundo. De onde vem esses exemplos tão ricos?

R – Você sabe que outro dia, uma leitora minha disse: Rosely eu acho que você é uma ET que fica dentro da minha casa, observando tudo o que acontece. Mas é que pra falar a respeito de criança, adolescente, Educação deles, vínculo com os pais e preciso conhecer isso de perto, né? Primeiro eu sou uma ótima observadora. Eu observo tudo no mundo público, às vezes eu estou no restaurante tem uma acontecimento na mesa ao lado eu fico prestando atenção. No metrô, enfim, eu gosto de observar o que acontece no mundo público. Eu tenho muitos leitores e ouvintes que escrevem relatando casos. Eu tenho grupos de pais com que eu me encontro mensalmente pra discutir a questão dos filhos, filhos de todas as idades. Então esse “pé na realidade” eu tenho, vamos dizer assim, muitas fontes: é a própria vida.

T – Nos seus textos - eu estou analisando 34 deles, sem quase de cor e salteado – o que o meu estudo fala é que eles contém teorias de Comunicação, então na verdade eles falam muito de comunicação, apesar de serem textos escritos por uma psicóloga. Esse é “o mote” do meu trabalho, o resumo. Você já percebeu isso? Quer dizer, teorias de comunicação que são estudadas em faculdade de comunicação, problemas associados à Comunicação nos seus textos? Existe algo de teoria, ou isso vai completamente por acaso?

R – Pra mim é uma surpresa (risos) saber disso porque um nunca estudei Comunicação. Eu tento desenvolver um texto coerente, uma fala coerente na rádio, que tenha um tema que eu possa desenvolver e concluir. E a conclusão não é necessariamente um caminho, né? Mas é no sentido assim: “por hoje é só o que dá fazer, pra falar, para escrever”. Eu tento adaptar a linguagem de muitas teorias da Educação, até da Psicanálise, pra uma linguagem coloquial. Então, eu busco Comunicação, mas eu não conheço nenhuma teoria da Comunicação.

T – E tem também três temas que são recorrentes nos seus textos, que são: “o Corpo”, e aí o corpo como espaço físico da adolescência e também como aquele espaço em que eu coloco todo o meu desenvolvimento, todas as minhas dores; “o Consumo e o Consumismo”, que são coisas diferentes; e também “o Espetáculo”, que tem um pouco a ver com “o ver e ser visto” e também das mídias. Isso é de fato é um “mal”, não sei se é essa a palavra exata, da Modernidade? Será

que as mídias sociais, o excesso de TVs, o excesso da Comunicação, isso “turbina” alguns problemas que os pais procuram resolver com os filhos?

R – Certamente. Certamente. Eu não considero “um mal”, considero uma característica, que poderia ser levada de um modo diferente se fôssemos mais críticos, se percebêssemos a influência disso tudo na nossa vida, na relação com os filhos. É isso que eu tento alertar: “olha, quando você procura isso, você está influenciado por isso, talvez você nunca tenha pensado. Então muito da minha fala e do meu texto é uma tentativa de conscientizar o consumismo. Eu não sou contra o consumo. Adoro consumir, inclusive. Mas eu sou contra esse consumismo como finalidade de vida. E muitos pais têm ensinado isso aos filhos e isso não é bom, né?

T- Muito textos escritos por psicólogos e psicanalistas, e até isso faz parte um pouco da Sociedade do Espetáculo”, têm feito sucesso como “auto ajuda”. Os seus textos eu considero que são o oposto da auto ajuda. Porque a gente lê como mãe, e eu tenho dois filhos adolescentes, e a gente se sente incomodado. É esse o seu objetivo?

R – É. Eu costumo dizer, quando converso pessoalmente com os pais, eu costumo dizer ao final do encontro que se eu tirei 10 minutos de sonos de vocês, pra mim, é missão cumprida. Porque Educação não é aquilo que a gente faz é aquilo que a gente pensa do que vai fazer.

T – E os pais têm uma necessidade muito grande de proteger os filhos? De poupar do sofrimento? De poupar do desenvolvimento? Tomar decisão por eles? Crescer por eles? Talvez esteja aí um problema?

R – Um problema sério porque não é possível, isso não existe, né? Não dá pra impedir que o filho tenha vida. E vida supõe dor, delícia, prazer, desprazer... Então os pais criam o filho um período da vida, dentro de uma bolha de proteção, mas é uma bolha que se arrebenta no máximo no início da adolescência. E aí essa criança que viveu assim, sem conseguir sofrer, sem conseguir enfrentar os seus problemas, sem conseguir fracassar, ela vai ter uma juventude muito ruim, ele ser um desadaptado.

T – E porque isso não aconteceu na geração passada, na sua opinião? Ou aconteceu menos? Ou aconteceu a mesma coisa?

R – Não aconteceu...a superproteção?

T- É.

R – Porque a gente achava que filho era isso, pra aprender a viver. Não era um problema para as mães . Eu tenho filhos hoje com...o mais novo tem 34... A minha geração não conhecia culpa, a gente não tinha culpa em relação aos filhos. Já trabalhava, já tinha um monte de atividades. Não tinha culpa. O filho sofria a gente achava um fato natural da vida.

T - A última pergunta que eu queria fazer é com relação a história do crescer, que o crescer dói, crescer dói muito. Os meus filhos, por exemplo, vão acampar com a escola e tem uma reunião, de um dia inteiro, para explicar para os pais o que vai acontecer e muitos pais não deixam porque o filho pode se acidentar... já veio criança dormir na minha casa e soube que iria para um restaurante a noite e não deixou mais, porque não vai ficar em casa, vai sair...Será que é por aí, Rosely? Será que os pais tem uma impressão que fisicamente eles podem proteger seus filhos de qualquer mal?

R – “Superpais”, agora nós temos. Eles acham, acham não, eles têm certeza que eles conseguir proteger os filhos de tudo, inclusive das pequenas injustiças da vida, que existem. Assim é o mundo, assim é a vida. E não conseguem. Antes as crianças olhavam para os pais e achavam que eles eram “super-heróis” e ,aos poucos, iam perdendo essa visão. No máximo até a adolescência essa visão já

estava desconstruída. Hoje, os pais se olham com super-heróis. É difícil entender isso. É mais fácil entender isso quando a gente considera esse contexto cultural de “todos somos jovens”, a juventude eterna, ninguém querer ser “careta”, de os pais apostarem todas as suas fichas afetivas nos filhos. Acho que essa é uma questão do mundo adulto.

T - E a internet, de uma certa forma, faz com as crianças se sintam mais livres e os pais mas seguros, porque eles estão entre quatro paredes?

R – Eles podem até se sentir mais livres, mas se tem uma coisa que eu lamento nessa geração é falta de liberdade que eles tem. Em todos os sentidos. Inclusive liberdade de pensamento.

T – Por que ser famoso, ser popular, para um jovem, um adolescente, é tão importante hoje?

R – É uma das características, do que você citou, da “Cultura do Espetáculo”. Hoje, você quer xingar um criança na escola, quer praticar “bullying” como se diz tanto, é dizer que o moleque estuda muito, é bom aluno. Isso é um ofensa. O que importante é você ser conhecido numa amplitude social cada vez maior. Eu vi um vídeo recentemente, no Youtube, de um experimento que um rapaz de Ensino Médio fez. Então, ele foi entrevistar muita gente da idade dele. E foi pra noite, não foi no contexto escolar. Aí ele perguntava quem foi “fulano” - um político que teve importância na nossa história - fez perguntas básicas de conhecimento - a fórmula da água - coisas assim. Ninguém acertou 100%, ao contrário. Ele colocou as respostas mais engraçadas. É claro que ele fez uma boa edição. Aí, no fim, ele pergunta quem é “fulano” e coloca a imagem de uma pessoa que participou de um BBB. Todo mundo sabia, todo mundo sabia. Acho que esse é retrato mais cruel da “Sociedade do Espetáculo”. A imagem e a fama valem mais do que qualquer outra coisa. Valem mais do que o conhecimento.

T – E isso impede o adolescente de crescer?

R – Sim. Impede de crescer e impede às vezes de reconhecer que ele gostaria de ser estudioso, por exemplo.

ÍTEGRA DOS TEXTOS ANALISADOS

1) A IMPOSIÇÃO DAS ESCOLHAS (2 /08/ 2011)

Você tem filhos com menos de seis anos, leitor? Que tal garantir a eles a oportunidade de viver como crianças pequenas que de fato são? Um bom começo é deixar de dar tanta importância à preparação delas para um futuro exitoso. Pois é: hoje, as crianças perdem esse período precioso da vida, e tão breve, porque decidimos que, quanto mais cedo elas forem introduzidas ao manuseio das ferramentas do mundo adulto, maiores serão suas chances quando tornarem-se adultas.

Essa postura, cheia de boas intenções, é um componente importante no processo em curso que remove o desaparecimento da infância no mundo contemporâneo. E você sabe leitor, o que significa ser criança sem ter a chance de viver a infância? Não. Ninguém sabe ao certo como é a vida das crianças neste mundo. Entretanto, temos algumas pistas a esse respeito. Ansiedade, insônia, depressão, inquietação constante, medo, hipertensão, obesidade, doenças do aparelho digestivo etc., males que antes eram exclusividade do mundo adulto, hoje são frequentes na infância, inclusive na primeira parte dela.

Pressa, pressão, compromissos, deveres. Nada disso combina com os primeiros anos de vida. O que combina? Tempo, material e oportunidade para brincar, por exemplo. Ou para nada fazer: só olhar, observar, participar da vida de um modo muito particular.

Crianças dessa idade podem aprender informática, línguas, esportes, letras e números? Podem. Precisam disso? Não precisam. Pelo menos não do modo como temos feito. Criança com até seis anos aprendem brincando. Mas ela não deve brincar para aprender determinado conteúdo e sim aprender algo, por acaso, brincando apenas. Simples assim.

Outro caminho para deixar a criança viver a infância a que tem o direito é não passar a ela as responsabilidades que são nossas. Não se espante, leitor: fazemos isso diariamente. Escolher a roupa que vai vestir, o brinquedo que quer ganhar, o calçado que quer usar, o horário em que vai se recolher para descansar, qual escola vai frequentar, se vai atender a imposição familiar ou se vai desobedecer... Quantas escolhas permitimos que elas façam e que deveriam ser só nossas! Vamos convir: escolher algo é um processo complexo até para um adulto, não é verdade? Quem não pena para escolher se muda de emprego ou não, se casa ou permanece solteiro, se rompe um relacionamento amoroso desgastado ou deixa a coisa rolar, se usa esta ou aquela roupa em uma ocasião especial, entre outras situações? Pois essas escolhas, que são tão importantes na vida de um adulto, porque interferem no eixo vital deles, são similares às escolhas que obrigamos as crianças pequenas a fazer. Sim: obrigamos.

Elas querem, elas pedem por tudo isso e atendemos – é assim que preferimos pensar.

Elas até podem querer, mas nós é que devemos saber o que faz bem a elas ou o que fará com que padeçam. Por não suportarmos o sofrimento que a criança experimenta quando é desagradada, temos feito com que sofram muito mais.

Se você conseguir poupar seus filhos menores de seis anos do processo de fazer escolhas complexas e permitir que eles passem esses primeiros anos de vida apenas brincando sem qualquer outro objetivo que não o de se divertir, dará a eles uma vida presente muito rica. E essa é a melhor maneira de preparar um futuro melhor.

2) DESOBEDIÊNCIA FAZ PARTE (9 /08/ 2011)

Mães e pais andam espantados e/ou perplexos com a desobediência de filhos pequenos, maiores e até mesmo adolescentes. Que coisa, não? Por que será que esses pirralhos não entendem que precisam acatar o que seus pais lhes dizem?

Uma leitora conta que é uma mãe dedicada e consciente de que o seu maior compromisso na vida, hoje, é o de educar bem a filha, que tem cinco anos. Diz inclusive que, regularmente, assiste a palestras e lê coisas de qualidade a respeito do assunto. O problema, segundo ela, é que mesmo assim se defronta com as birras que a filha faz, com manhas na hora de colocar a roupa ou comer e com pequenos escândalos -quando a garota quer ter ou fazer uma coisa que a mãe entende que não deve dar ou permitir naquele momento. "Qual o meu erro?", me pergunta essa responsável mãe. Certamente, muitos outros pais passam pela mesma situação e se fazem essa mesma pergunta.

Um pai, agora um tanto quanto desconsolado e assustado, enfrenta a adolescência do filho. O jovem quer sair sem hora para voltar e sem dar explicações. Além disso, o garoto sempre transgredir as poucas regras que o pai tenta lhe impor.

Depois de dizer que sempre educou o filho de um modo democrático, esse pai confessa não saber o que fazer. "Será que vou ter de castigar meu filho, agora que ele cresceu?", pergunta. Pelo menos ele não desistiu, como muitos pais de adolescentes têm feito... Qual é a questão, afinal? Por que os mais novos insistem na transgressão?

Será responsabilidade desse mundo tão transformado, da crise de valores, das escolas, das más companhias, das "famílias desestruturadas", como muita gente gosta de afirmar?

Ou será que as crianças de hoje já nascem diferentes, mais ousadas e com "personalidade forte"? Ou, ainda, será que os pais já não sabem mais agir com autoridade?

Não, caro leitor, a questão é bem mais simples. Então, de largada vamos lembrar de um princípio básico: sempre que a educação acontece, há resistência ao processo.

Pronto: é simples assim. A relação da mãe e do pai com os filhos é sempre um pouco tensa. Por quê?

Porque os pais precisam introduzir o filho na dinâmica familiar, na convivência com os outros, na vida que a cada dia apresenta um pouco mais de desafios e, portanto, compromissos e responsabilidades, entre outras coisas. Ora, isso significa impor à criança uma determinada direção.

Comer determinados alimentos desta ou daquela maneira, tomar banho, vestir esta ou aquela roupa, ir para a escola, não comer em determinados horários, prestar contas aos pais, respeitar pessoas etc. etc. Por que a criança deveria aceitar isso de bom grado se o que ela quer é bem diferente?

Ela quer ficar vendo televisão, jogando videogame ou futebol, dormindo pela manhã ou acordada de madrugada e se colocar no centro do mundo... Isso é o que ela quer. O jovem quer se grudar ao grupo, ser plenamente aceito por seus pares, quer diversão sem fim... A juventude é curta, afinal.

Só isso já seria suficiente para nos fazer reconhecer que eles irão reclamar, resistir, usar todas as estratégias que têm à mão para demonstrar seu descontentamento. É só isso o que expressa a desobediência e a transgressão. Faz parte do jogo, não é verdade?

Mesmo tendo aprendido, eles irão insistir na transgressão. Não é assim no futebol, por exemplo? Por isso o jogo exige árbitros e penalidades para as faltas.

Então, vamos relaxar: os mais novos sempre irão transgredir, desobedecer. É um direito deles. É dever dos pais persistir com o processo educativo em curso, reafirmar posições, fazer valer o ensinado. E ter paciência.

Até quando essa situação persiste? Até a maturidade dos filhos, que deve chegar por volta dos 20 anos, se tivermos um pouco de sorte além do empenho investido.

3) CRIANÇA NÃO SABE BRINCAR (16 /08/ 2011)

O que é mais importante para as crianças: o ato de brincar ou o brinquedo em si? Num mundo que privilegia o consumo, a resposta imediata poderia ser a de que elas querem brincar, mas, para isso, dependem dos brinquedos.

Pode ser verdade: a todo momento elas pedem brinquedos. Têm montes deles e, mesmo assim, querem mais, mais, sempre mais.

E nós, de bom grado, sempre que possível oferecemos a elas esses mimos. Ah! Como é gostoso ver a cara de felicidade do filho, sobrinho ou neto quando ganha aquele brinquedo que tanto queria.

Brinquedo esse, aliás, que de forma direta e indireta se insinua na vida dos pequenos de todos os modos.

Ora porque, por ser a sensação do momento, todo mundo tem e fala sobre ele, ora porque foi visto na vitrine de um shopping e a criança passa a imaginar que a vida sem aquilo não tem a menor graça.

Mas vamos observar uma criança que já tem muitos brinquedos no momento em que ganha mais um, justamente o desejado do momento. Assim que abre o pacote, é só alegria. Quanto dura a experimentação do brinquedo, a descoberta do que ele pode oferecer, o foco só nele?

Quem já se deu ao trabalho de observar, sabe: o intervalo de tempo entre ganhar o brinquedo e abandoná-lo para fazer outra coisa é pequeno. Muito pequeno. Nada proporcional ao tamanho do desejo de possuí-lo manifestado antes. Alguém discorda?

Considerando isso, voltemos à pergunta inaugural de nossa conversa de hoje. Talvez a resposta agora possa ser outra, bem diferente: a criança dá valor mais ao brinquedo do que à brincadeira porque não sabe brincar. Criança não sabe brincar?!?

Veja o que me contaram duas mães cujos filhos têm quatro e seis anos. O primeiro, um menino, foi transferido de uma escola de educação infantil em que o aluno só brincava na hora do recreio (à semelhança do ensino fundamental) para uma em que o aluno brinca o tempo todo. Os recursos usados nessa escola para o brincar são diversos, inclusive a sucata doméstica, que os pais levam para a escola toda a semana.

Dois meses depois de o garoto ser transferido, um drama passou a ocorrer: ele tem crises de choro sempre que a mãe leva sucata para a escola. Ele quer ficar com o lixo, a mãe não entende o porquê. A resposta é simples: ele aprendeu a brincar com esse material. Agora, valoriza mais o brincar do que os brinquedos.

A história da outra mãe é semelhante: matriculou a filha de seis anos em um ateliê que coloca as crianças para trabalhar com sucata de todos os tipos. Resultado: agora, em casa, a menina ignora os brinquedos e recolhe a sucata da família para brincar.

Aí está: as crianças do século 21 valorizam mais o brinquedo do que a brincadeira por dois motivos principais. Conhecemos o primeiro deles, mas nem sempre damos a devida importância: as crianças de hoje são as crianças do consumo. Elas consomem os brinquedos, apenas isso.

O segundo motivo também não costumamos valorizar: o fato de a criança não saber brincar por não ter oportunidade para isso. Roubamos das crianças sua infância e, sem infância, como brincar? Elas costumam ter o tempo todo tomado por compromissos, programas de lazer, são pressionadas o tempo todo pelos pais.

Vamos reconhecer: sem tempo livre para nada fazer e com o direcionamento direto de adultos, as crianças nunca aprenderão a brincar. É essa a vida que desejamos para elas?

4) É SÓ UMA FACULDADE, GENTE! (23/08/2011)

Neste momento, muitos jovens estão preocupados ou ansiosos em demasia com o que os espera no futuro próximo em relação aos estudos.

São eles os que irão iniciar o ensino médio no próximo ano letivo e os que estão prestes a terminar o mesmo ciclo. O motivo? A escolha que terão de fazer para o ingresso na faculdade.

Eles acreditam existir um curso -UM!- que dará sentido à vida profissional deles. A escolha que farão terá de ser, portanto, exata, precisa. Não podem errar, não podem vacilar, não podem hesitar. Essa decisão, tomada perto dos 17 anos, deverá ser definitiva.

E dá-lhe orientação profissional, vocacional e coisa que o valha. Apesar disso, bem perto dos 45 minutos do segundo tempo, a maioria deles estará indecisa.

E mesmo os que fizerem uma escolha duvidarão dela rapidamente. Cerca de 40% dos universitários desistem do curso que escolheram no primeiro ano da faculdade.

O que foi que fizemos com os jovens para que eles caíssem nessa roubada? Contamos histórias fantásticas a respeito da vida adulta profissional, construímos fábulas muito bem estruturadas sobre a vida e o trabalho, apontamos o êxito como meta de vida, associamos prazer no trabalho com felicidade, não é verdade? Isso sem falar no conto da vocação.

E eles sofrem com as dúvidas mais do que certas que surgem nessa hora. Claro! Em um mundo com tantas profissões novas somadas às tradicionais mais as já desgastadas etc., o que priorizar?

Depois, como reagimos quando eles entram na faculdade e não conseguem se comprometer mais com os estudos nem dar sentido ao que estão fazendo e comunicam isso de maneira um tanto quanto desajeitada?

Sentimos pena deles por terem de fazer uma escolha tão importante na vida assim, precocemente.

É por isso que virou moda, na faixa de população com alto poder aquisitivo, fazer o filho tirar um ano sabático antes de escolher a faculdade e prestar o vestibular.

"É um tempo bom para amadurecer", me disse um pai. Mas não é justamente para isso que serve toda a adolescência? Então, por que fizemos tanta pressão nos primeiros anos da vida deles? Por que exigimos que eles rendessem nos estudos na fase em que deveriam brincar? Talvez o sabático seja uma compensação que queremos oferecer em relação aos anos de infância que roubamos deles, não é verdade?

O fato é que esses filhos que foram jogados no mundo do conhecimento sistematizado ainda na primeira infância, fortemente poupados da realidade o tempo todo, impedidos de crescer na segunda parte da infância e abandonados aos seus caprichos na adolescência não conseguem nem sequer enxergar o mundo em que eles vivem.

Esse mundo, que muda tão rapidamente, tão pleno de diversidades, complexidades e possibilidades, permite um leque enorme de trabalho dentro de uma mesma profissão. Então, por que tanto drama para escolher um curso?

Qualquer curso pode ser feito por qualquer jovem. Qualquer mesmo. De preferência, um que não imponha a ele sofrimento demais considerando suas habilidades, seus interesses e suas preferências pessoais.

E depois? Ora, chegada a maturidade, sempre há saídas virtuosas e honrosas para qualquer um. É só uma questão de comprometimento, de responsabilidade consigo mesmo, de esforço e perseverança. Mas tudo isso tem sido uma moeda rara na atualidade.

Vamos facilitar a vida dos mais novos, vamos tornar essa escolha menos importante. Um curso universitário é só um curso, apenas isso. Jamais será definitivo na vida de alguém.

Fazer o curso do começo ao fim, com todas as dificuldades, os dissabores e as frustrações encontrados no percurso é que pode ser algo valioso para o amadurecimento do jovem, muito mais do que o curso escolhido.

Simples assim.

5) OUÇA BEM (30/08/2011)

Ouvi uma avó lamentar, recentemente, o fato de não ter registrado por escrito as coisas que seus filhos, hoje adultos, falaram quando crianças.

É verdade: um bom ouvinte é capaz de reconhecer frases sensacionais criadas por crianças e histórias simplesmente encantadoras que elas nos contam.

É impressionante como elas são capazes de expressar o que sentem e pensam de maneira genial, criativa.

Devo concordar com essa avó: é uma pena termos perdido a memória de muito do que já ouvimos de filhos, alunos, netos e outras crianças com quem convivemos.

Uma professora de educação infantil tem o costume de escrever em um caderno tudo o que escuta de seus alunos e julga digno de nota. De vez em quando, ela relê esse material e se emociona com tudo o que já testemunhou.

Essa é uma dica para quem tem filhos pequenos: anotar as frases que merecem ser lembradas e, mais tarde, presentear o filho com esse caderno de registros.

Uma das histórias que essa professora me contou merece ser compartilhada com você, caro leitor. Alguns anos atrás, ela acompanhava uma classe de crianças de quatro anos. Um dos aluninhos, peralta ao extremo, costumava morder seus colegas quando esses o atrapalhavam. E isso era motivo para muitas reclamações das mães dos colegas de sala e da própria professora, que nem sempre conseguia se antecipar ao garoto para impedir a mordida.

Pois bem: um dia em que a professora estava com a paciência um pouco curta, o garoto foi lá e soltou uma bela mordida no colega que recusou a companhia dele em uma brincadeira.

A professora não teve dúvida: sentou ao lado do garoto e soltou um longo discurso a respeito do que podia e não podia acontecer na sala, de que colega precisava ser respeitado etc. e tal.

Ela só se deu conta de que a sua fala fora exagerada ao ouvir a resposta do menino: "Professora, eu mordi pouco, mas você falou muito!".

Pensando bem, um ouvinte atento não apenas grava na memória frases incríveis como essa, mas também reflete sobre o que escuta e aprende muito a respeito de si mesmo e de como se relaciona com o mundo infantil e com as próprias crianças.

Essa professora, por exemplo, disse que aprendeu a ser uma professora melhor depois de dormir muitas noites com a frase do menino na cabeça. "Falar menos e agir mais com as crianças é o que de melhor podemos fazer por elas", relatou.

Verdade, não é?

Uma leitora escreveu uma vez para contar a dificuldade que tinha de se comunicar com o filho de modo que ele entendesse o que ela queria expressar.

É: de pouco adianta falar com a criança tendo como referência o mundo adulto e a sua linguagem. E hoje, quando a infância está desaparecendo, fica bem mais difícil para o adulto encontrar uma via de comunicação com os pequenos.

Essa leitora passeava com seu filho de cinco anos pelas ruas da cidade quando cruzaram com um grupo de anões (pessoas de baixa estatura, segundo a linguagem politicamente correta).

O garoto demonstrou perplexidade frente a essa situação por não conseguir entendê-la. Como aquela imagem não encaixava em seu referencial, ele pediu a ajuda da mãe para dar um sentido ao que via. A mãe bem que tentou, mas não conseguiu ajudar o garoto.

Foi então que ele sintetizou sua dúvida: "Mãe, eles são gente grande ou gente pequena?".

Foi dessa maneira genial que o garoto fez a mãe entender o que ele precisava saber.

Ouvir as crianças, pensar no que dizem, ficar atento à maneira como elas combinam sentimentos, imagens e pensamentos e traduzem isso em palavras é um ótimo recurso para se comunicar verdadeiramente com elas.

6) FAMÍLIA FELIZ E FAMÍLIA REAL (6/09/2011)

Um grupo de amigas, todas mães de crianças com menos de seis anos, pediu para conversar comigo a fim de trocar ideias a respeito da educação dos filhos e da vida familiar.

Ouvindo atentamente essas mulheres -todas profissionais liberais com vida bastante atribulada e, mesmo assim, muito compromissadas com sua função de mães-, posso afirmar que três reclamações centrais foram colocadas no diálogo.

A primeira delas, unânime, foi em relação à participação ainda pequena dos maridos no trabalho doméstico e na lida com os filhos.

É preciso dizer que elas reclamaram sobre isso com um pouco de culpa e constrangimento -já que reconheciam a boa vontade de seus companheiros de vida.

Uma delas, inclusive, chegou a dizer que não sabia se tinha o direito de manifestar o anseio de ter mais colaboração do companheiro por saber que, na comparação com a maioria dos homens, o marido fazia bem mais do que muitos outros.

Pois é: em pleno século 21, com as mudanças radicais que aconteceram e ainda acontecem nos papéis do homem e da mulher, tanto na sociedade quanto na vida privada, nós ainda não conseguimos alcançar a equidade de direitos e deveres.

Principalmente quando se trata da vida em família.

Ainda é marcante a herança do antigo modelo no qual ao homem cabia, principalmente, o papel de provedor material do grupo, e à mulher, o de provedora afetiva da família e administradora da casa e da educação dos filhos.

Essa herança é marcante o suficiente para nos fazer usar a expressão "muitas mulheres trabalham fora" (de casa, naturalmente). Isso aponta uma referência: a de que o lugar da mulher seria dentro (de casa, naturalmente).

A segunda reclamação do grupo foi a respeito da necessidade de repetir a mesma coisa para os filhos dia após dia, sem trégua. "Quando isso vai acabar, se é que vai?", perguntou uma delas, com muito bom humor.

Essas mulheres têm sentido na pele que criar filhos, principalmente nos primeiros anos de vida deles, exige um trabalho árduo e, muitas vezes, braçal. É birra, é mordida, é teimosia, é choro. E são noites sem dormir e muito mais, não é verdade?

E, como costume dizer, isso só acaba na maturidade dos filhos. Repetir o mesmo conceito, mudando apenas a forma dele, é algo que só termina mesmo quando os filhos se tornam adultos. Ah! E como isso tem demorado no mundo contemporâneo...

A última queixa delas, mas não em ordem de importância, foi a de que ter família exige muito de seus integrantes. Alguém discorda?

Todos sabemos o quanto é trabalhoso fazer a manutenção do grupo familiar.

Atender às necessidades básicas de todos, principalmente dos filhos, não é o mais difícil.

Complexo é administrar os conflitos que surgem na convivência e também aqueles que existem, mas não são expressos e, mesmo assim, interferem no relacionamento dos integrantes da família.

Ouvindo tudo o que essas mulheres disseram, me lembrei de um fenômeno recente em nossas vidas nas cidades grandes: esses decalques de "família feliz" que agora lotam as traseiras dos carros.

O que eles querem expressar, afinal? Talvez um apelo: o de que a família seja mais valorizada, por exemplo. Ou, talvez, uma crítica ao nosso modo de vida atual, em que a família é apenas uma boa justificativa para nossas escolhas.

Mas no fundo, bem no fundo, esses adesivos podem estar tentando dizer que essa "família feliz" é a dos nossos sonhos, em nada parecida com a família real que, como acabamos de ver, é complexa até demais.

O problema é que esse sonho parece estar impedindo o enfrentamento da realidade: ter família é bom, mas dá um trabalho danado. Parece que gostaríamos de ficar apenas com a primeira parte dessa afirmação.

7) SER POPULAR É MELHOR QUE ESTUDAR? (13/09/2011)

Uma mãe estranhou a queda no rendimento escolar do seu filho, um jovem de 15 anos que começou a cursar o ensino médio neste ano.

Até aqui, ele sempre havia levado a escola muito bem: faltava pouco, suas notas eram suficientes para não ficar retido e também dava conta das tarefas que precisava fazer em casa.

Neste ano, a coisa ficou feia: o garoto perde a hora regularmente, suas notas estão bem baixas, apontando risco de repetição, e, ainda por cima, a mãe passou a receber recados da escola de que o filho não tem feito as lições dadas e tem arrumado encrencas com os professores.

Ela decidiu conversar com o jovem, porque nunca exigiu que ele fosse um aluno nota 10, mas também não deseja que ele abandone os estudos, pelo menos até terminar a escolaridade básica.

Você pode imaginar que essa conversa não foi nada fácil, não é?

Mas a mãe ficou espantada mesmo com o argumento principal usado pelo filho para justificar suas atitudes em relação à escola. "Não quero ser um nerd, mãe!", foi o que ele repetiu com veemência.

Nossa leitora quis saber o motivo do receio do filho de ser assim identificado e recebeu a resposta de que nenhum "nerd" era popular na escola. Ao contrário, esses alunos costumavam ser alvo de gracinhas dos colegas.

Essa mãe argumentou de todos os modos com o filho: deu exemplos de intelectuais reconhecidos mundialmente, falou de pessoas talentosas que são célebres por terem expressado seu talento etc.

Não adiantou nada. O filho ficou irreduzível e até aceitou se esforçar para pelo menos passar de ano, mas garantiu que tirar notas boas não queria de modo algum, tampouco agir de modo a ser considerado um aluno "bonzinho".

Nessa idade, eles querem ser populares e admirados pelos seus pares.

Na chamada sociedade do espetáculo, precisam ter grande visibilidade no grupo que frequentam, o equivalente a ser considerado um famoso em nossa sociedade.

Vale a pena, então, refletirmos a respeito de como esses jovens querem alcançar isso. E, para tanto, vou citar dois exemplos.

O primeiro, descobri por indicação de um conhecido: o "Man versus Food", programa em um canal a cabo mostrando sempre um homem que tenta comer uma refeição enorme inteira. Vi dois episódios e considerei o suficiente. Assistir a um jovem enfrentando quilos de comida, em geral gordurosa e apimentada, passando mal e colocando a saúde em risco para ganhar notoriedade provoca no espectador enjoo e mal-estar. Mas é assim que o protagonista do programa ganha notoriedade na vida.

O segundo exemplo é de conhecimento de muitos: uma peça publicitária que, para enaltecer as qualidades de um carro, compara dois atores, um considerado um grande ator e o outro, um ator grande. Nesse comercial, é um brasileiro que se presta a ocupar o lugar de ator grande (com atuação considerada muito ruim em sua profissão). Foi dessa maneira que ele saiu do ostracismo e voltou a ser "famoso".

Muitos jovens enalteceram a coragem do moço, sua beleza e o dinheiro que ele ganhou para fazer parte dessa campanha. E então?

Temos passado essas lições aos jovens: ser corajoso é ser brigão, ser capaz de colocar a saúde e a vida em risco; o que importa é fazer, acontecer e aparecer a qualquer custo; ter êxito na vida é ganhar muito dinheiro, não importa como. Essas lições convivem com os mais novos diariamente, e os convencem.

As famílias e as escolas que valorizam virtudes como a ética, o respeito pela vida, o trabalho que beneficia a sociedade e a justiça, entre tantas outras questões importantes, parecem estar em grande desvantagem.

Não estão. As pessoas que os jovens mais admiram são seus pais e professores. Por isso, não podemos desistir desse trabalho de formiguinha, mesmo que isso signifique remar contra a maré.

8) UM FATO, DUAS VERSÕES (20/09/2011)

Uma das coisas que considero mais interessantes na vida é observar como um mesmo fato é capaz de provocar interpretações muito diferentes, opostas até. E meu interesse aumenta quando a situação envolve os mais novos.

Esse fenômeno acontece por um motivo simples, nem sempre reconhecido: os pontos de vista de cada um que olha são bem diversos. Por exemplo: quando é o pai que coloca seu olhar sobre o filho, ele vê algo que pode ser bem diferente do que capta o olhar da mãe, não é verdade?

Pois hoje temos uma prova interessante a esse respeito: duas mensagens comentando a mesma situação, que envolve crianças entre quatro e seis anos, mas com abordagens bem distintas.

Um dos pontos de vista é o de uma mãe e o outro, de uma diretora de escola de educação infantil.

Nossa leitora, mãe de um garoto de cinco anos, escreveu para reclamar da escola onde matriculou seu filho.

Ela diz que, apesar de ser nova na idade, pratica o que chama de "educação à moda antiga" com o filho. Faz o menino respeitar os mais velhos, o ensina a falar sempre "obrigado" e "por favor", não admite palavrão tampouco teimosia exagerada.

Depois de contar tudo isso, a leitora aliviou um pouco: "Sei que ele é uma criança, só exijo dele o que ele pode fazer", explicou.

O problema, segundo essa mãe, é que o garoto tem aprendido a fazer tudo o que ela não quer na escola. Agora, ela enfrenta um filho teimoso, bravo e rápido no palavrão. Nossa leitora acredita que o menino só pode trazer isso da escola, já que, em casa, não tem oportunidade de aprender essas coisas.

Já a diretora da escola reclama da falta de educação das crianças -e responsabiliza os pais por isso.

Ela diz que crianças bem pequenas, desde os três anos, se comportam na escola como adolescentes rebeldes: xingam os colegas, brigam com eles pelos motivos mais banais e resistem muito a obedecer os professores.

Essa outra leitora tem uma convicção: a de que as crianças assim se comportam porque, em casa, os pais pouco ensinam, por terem pouco tempo para estar com os filhos e, conseqüentemente, não querer desgastar o relacionamento com eles ensinando uma boa convivência, o que, convenhamos, dá muito trabalho.

Quem tem razão nessa história, afinal? São os pais que não educam seus filhos ou é a escola que dá chance para os alunos aprenderem o que não deveriam?

Poderíamos dar a razão a qualquer uma das interpretações. Mas, se considerarmos as crianças, podemos problematizar a situação para os dois pontos de vista.

De largada, vamos ter de admitir que são prerrogativas das crianças a provocação, a transgressão e também o ato de desafiar.

É só por causa disso que elas falam palavrões, mesmo sem entender o significado do que falam.

Mas uma coisa entendem: que fazem algo que provoca o adulto. É também apenas por isso que desobedecem, provocam seus pais e professores e testam mil vezes as imposições e os impedimentos que lhes colocam.

Além disso, precisamos considerar que, no mundo contemporâneo, as crianças não são mais educadas apenas pela família e pela escola. A cidade educa, a mídia educa, a sociedade educa etc.

Pronto: apenas esses dois pontos são suficientes para nos ajudar a entender que, quando uma criança faz algo que não deveria fazer, pode não estar nem na família nem na escola a responsabilidade por esse fato.

Mas de uma responsabilidade essas duas instituições não escapam: a de insistir nas boas lições, cada uma à sua maneira.

9) BRINCANDO DE TERAPEUTA (27/09/2011)

A criançada está com a saúde mental comprometida, apresentando muitos sintomas, doente. Essa é a conclusão a que chegamos quando tomamos conhecimento da quantidade de crianças e jovens que têm indicação para fazer ou já fazem ludoterapia, psicanálise para criança ou adolescentes e outros tratamentos derivados.

Uma criança de três anos, por exemplo, que apresentou um comportamento considerado diferente ou de difícil trato, o que colocou pais e professores em apuros, já mereceu a indicação para um atendimento psicanalítico.

Outra, um garoto de dez anos, já tem em seu currículo de vida a passagem por três -três!- tratamentos psicanalíticos. O motivo? É uma criança que passou a apresentar dificuldades escolares.

E a menina de oito anos que apresentou o que seus pais chamaram de "erotismo precoce". Já está em atendimento há mais de um ano. Será que é para tanto?

Recentemente, conversei com uma psicanalista a respeito dessa epidemia de indicação e de tratamentos psicanalíticos (ou chamados de) para crianças. Ela me deu ideias bem interessantes a respeito do assunto. Primeiramente, disse que muitos tratamentos chamados psicanalíticos não o são de fato, porque nem sempre estão fundamentados no aparato teórico psicanalítico, por sinal bem complexo.

Ainda mais hoje, com tantas mudanças já ocorridas no mundo após a publicação dos principais textos que inauguraram a psicanálise. Vamos reconhecer esse fato como verdadeiro. Agora, há até curso de psicanálise pela internet e qualquer pessoa pode se denominar "psicanalista de criança".

Isso na melhor das hipóteses, porque você, leitor, já deve ter visto pela cidade placas em consultórios indicando "psicanálise infantil". O que será isso?!

Bem, mas a melhor consideração que ela fez, em minha opinião, foi a de que hoje, mais do que nunca, os adultos responsáveis pela formação dos mais novos -em geral os pais- usam as crianças para satisfazer seus próprios desejos. Ou seja: os adultos projetam sobre as crianças que estão sob sua responsabilidade sua busca infantil de prazer imediato.

Um exemplo? Basta observar com atenção pais e seus filhos nos shoppings das cidades se dedicando à compra de brinquedos. Quem sente mais prazer com a compra desses objetos? As crianças -que, na sua imaturidade característica, se submetem sem saber aos apelos do consumismo- ou os pais, que dedicam uma parte polpuda de seu salário para essas aquisições?

Você terá surpresas interessantes, caro leitor, se observar a expressão facial deles nesses momentos. Em resumo: quem deveria, de fato, marcar presença semanal nos consultórios de psicanálise são os adultos. A maioria das crianças que frequentam duas, três ou mais vezes semanais o consultório está lá indevidamente.

Algumas delas precisam desse tratamento? Certamente. Muitas não terão nenhum benefício com isso? De fato, não sabemos. Mas sabemos que um tratamento psicanalítico não deveria ser banalizado dessa maneira.

E sabemos também que muitas das crianças que são tratadas pela psicanálise -ou terapias ditas psicanalíticas- apenas pagam o preço de nossos desvios, de nossa infantilidade, de nossa imaturidade.

Ora, deveríamos, então, honrar as nossas próprias contas.

10) CADA UMCOM SEUS PROBLEMAS (4/10/2011)

De quem são os problemas que os alunos enfrentam na escola? Deveriam ser deles, e só deles, e deveriam ser resolvidos lá, na própria escola.

Entretanto, hoje, os problemas são muito mais da responsabilidade dos pais do que dos próprios estudantes. Vamos analisar essa questão a partir de um exemplo?

A mãe de um garoto de 11 anos me escreveu contando sua saga. Ao fim do semestre letivo passado, descontente com os encaminhamentos dados pela instituição que o filho frequentava, ela decidiu transferi-lo. Você sabe o que isso significa, não sabe?

Essa mãe precisou conhecer várias escolas até conseguir escolher uma. A escola pediu um encontro com a criança, fez algum tipo de avaliação e disse que poderia, sim, aceitar a transferência. Foi o que a mãe fez.

Agora que o aluno já completa quase um bimestre na nova escola e apresenta alguns resultados nas avaliações o alerta vermelho foi acionado. Para a mãe.

O filho está com notas bem baixas em língua portuguesa, o que nunca acontecera anteriormente. Você já sabe como proceder em situações como essa, não sabe?

Mãe ou pai vão à escola conversar com alguém responsável. Pode ser o professor, o coordenador, o orientador. No caso de nossa leitora, foi a orientadora da classe quem a recebeu.

A mãe saiu de lá com uma orientação: providenciar aulas particulares para o filho. Com a transferência, aconteceu um imprevisto: o aluno já aprendera na outra escola conteúdos que ainda não foram dados na nova, mas ficou sem estudar outros. Por isso tem apresentado baixos resultados nas avaliações.

Em nenhum momento a escola assumiu a responsabilidade de ajudar o aluno a acertar o passo com a sua nova classe, tampouco passou o problema para que a própria criança o resolvesse. A questão foi parar mesmo é no colo da mãe.

E lá foi ela pesquisar aulas particulares. Se você já usa tal recurso, sabe o que significa: podem custar até R\$ 80 cada uma. Tem mais: em geral, as professoras não aceitam uma aula por semana. No mínimo duas, para garantir a recuperação necessária.

E assim tem sido escrita a história da relação das crianças com suas vidas escolares.

Há um batalhão de adultos assumindo essa luta que deveria ser dos alunos, orientados e acompanhados por seus professores, na escola.

Isso tem acontecido principalmente -mas não apenas- porque elegemos a performance escolar das crianças como indicador das chances de seu futuro ser melhor ou pior. De acordo com esse pensamento, um bom aluno tem boas chances no futuro, um mau aluno, não. Se isso é verdade, não sabemos. Mas agimos como se fosse.

E nem nos damos conta de que, se isso valer -o que duvido- estamos atrapalhando nossas crianças. Sim porque, de quem tem sido a boa performance nesse contexto?

Dos pais, dos professores particulares, dos orientadores etc. Menos dos alunos.

A eles, só resta acatar as decisões que tomamos, passivamente. Numa boa hipótese, ele se rebelam contra elas, recusando o estudo e todas as suas implicações.

Como me disse outro dia um garoto de idade próxima ao filho de nossa leitora: "Quando eu vou mal na escola, minha mãe fica nervosa. Eu é que deveria ficar, não é? Mas ela não entende isso".

É, pelo jeito não temos entendido mesmo.

11) ESCOLHAS E RENÚNCIAS (11/10/2011)

Um jovem quer, a esta altura do ano, abandonar o curso universitário que ele frequenta. A família, apesar de não gostar muito da ideia, apoia o filho. Os pais acham importante que ele tenha liberdade para escolher um caminho melhor em sua vida.

Por sinal, o argumento que o jovem usou para convencer os pais a aceitar sua decisão foi justamente o de que ele se equivocou na escolha que fez. Se soubesse -me disse ele- teria feito outra escolha, a certa, quando prestou o exame vestibular pela primeira vez. Quando perguntei o que ele mirava ao optar pelo curso, ele respondeu que considerou as chances de ter um futuro confortável do ponto de vista econômico. Não será uma meta muito restrita?

Uma jovem mãe, que tem dois filhos, não suportou ver as crianças chorarem todo santo dia quando ela saía de casa para ir trabalhar. Tomou a decisão de se afastar temporariamente do emprego e da carreira para dedicar-se às crianças em período integral. Agora, quase um ano depois dessa sua escolha, ela afirma não saber se agiu bem, porque os seus filhos vivem lhe perguntando quando é que ela irá voltar ao trabalho.

"Eu me transformei em uma megera em tempo integral", disse ela. E pensar que ela tomou tal decisão justamente para apaziguar o sofrimento dos filhos.

Um pai, que por circunstâncias tristes precisou assumir sozinho a condução da sua vida com a filha, tem muitas dúvidas a respeito de como dirigir, de agora em diante, as decisões que vai precisar tomar. Ele pode, por exemplo, continuar a viver na cidade em que sempre morou com a mulher e a filha.

Ou pode mudar-se, para que a garota fique mais próxima dos seus avós. Ele tem também a opção de escolher uma escola em que a filha permaneça em tempo integral, em vez de contratar uma auxiliar para ficar em casa com ela -e assim por diante.

Como será o futuro da filha se ele decidir por esse ou por aquele caminho? Em todas as situações mencionadas, as escolhas são o nó da questão. E como temos de fazer escolhas nos tempos em que vivemos! Cotidianamente, temos a obrigação de decidir o que comer, qual trajeto fazer, que roupa usar, a qual filme assistir, qual ligação retornar etc. Essas escolhas são tão cansativas que nos esgotam.

Quando as escolhas que devem ser feitas são tão importantes que podem definir pelo menos por um período o rumo de uma ou mais vidas, aí então é que a coisa pega. Nós gostaríamos de ter alguma garantia ao fazer a escolha, não é? O problema é que não existe essa possibilidade.

Quando fazemos escolhas, temos de abdicar de algumas alternativas -e essas sempre continuam a existir, mesmo que virtualmente. E se o jovem tivesse escolhido outro curso? E se a mãe tivesse continuado a trabalhar? E se o pai decidisse ficar morando no mesmo local?

Certamente as vidas deles seriam diferentes, mas, se a vida seria melhor ou pior, nunca ninguém saberá. Por isso, ao ter de fazer escolhas, talvez o melhor passo seja escolher, primeiramente, os valores, as convicções e os princípios que prezamos para tentar priorizar as alternativas possíveis.

E, depois de feita a escolha, o jeito é comprometer-se com ela, honrá-la. O esforço que tal compromisso exige é, sem dúvida, o pedaço mais árduo da jornada.

Sim, porque, no processo da escolha, o difícil é justamente renunciar às alternativas que não foram contempladas. Sem renúncia não há escolha e, sem escolha, não há liberdade.

Escolher quais caminhos tomaremos em relação à educação e à vida de nossos filhos pode ser, portanto, uma lição de liberdade que damos a eles, e não uma limitação em suas vidas, como muitos têm considerado.

12) RECREIO EDUCATIVO (18/10/2011)

Uma manchete me chamou a atenção: "Aluna é castigada por correr na hora do recreio". O resumo da história é o seguinte: uma garota de dez anos, que cursa uma escola municipal em Colatina (ES), desceu correndo as escadas no recreio. Foi devidamente castigada: teve de escrever 500 (quinhentas!) vezes a frase "Não devo correr".

Claro, ela teve de cumprir a pena no horário em que cometeu a transgressão: no intervalo. Não fosse assim, não teria sentido a punição tampouco o efeito educativo, não é? Quanto tempo levou para dar conta do castigo? Seis dias. Seis dias sem recreio.

Você já teve a oportunidade de ver "in loco" a hora do recreio em alguma escola de ensino fundamental 1, caro leitor? É uma experiência e tanto. Dezenas de crianças correndo sem olhar para o caminho e esbarrando com quem ou o que estiver à frente e, ao mesmo tempo, berrando tresloucadamente.

Quando me perguntam o que é um recreio bom, digo que se um velho ou um bebê for colocado no meio do espaço e sobreviver sem escoriações é porque as crianças fazem um bom intervalo.

Mas esse comportamento das crianças poderia fazer parte de alguma brincadeira que exigisse isso, não é? Em geral, não é. Agem assim, talvez, porque não sabem o que fazer com esse período livre. Porque não sabem brincar, compartilhar um espaço. Agem assim, principalmente, porque ninguém as ensina que pode ser diferente.

Ao descer uma escada correndo, a criança se coloca em situação arriscada e também os outros. Mas não é escrevendo 500 vezes "Não devo correr" que ela aprenderá que há locais mais adequados para correr e outros menos.

As escolas parecem não saber ensinar o que exaustivamente repetem sobre seu projeto pedagógico. "Educar para a cidadania" é uma frase que sai fácil e as escolas a repetem mais do que 500 vezes. Mas na hora de praticar...

Criança tem energia e precisa gastá-la. Pode ser correndo, sim, mas pode ser de outras maneiras. Hoje, consideramos que criança precisa correr, gritar, pular. Não precisa. Aliás, fica mais agitada quando assim se comporta.

Parece que perdemos a mão na hora de ensinar. Falar não é ensinar, exigir não é ensinar, cobrar o que foi falado tampouco. Talvez uma mistura disso tudo com outros ingredientes possa formar um ensinamento.

Mesmo assim, precisamos ser mais claros e precisos na hora de falar. Crianças costumam ser precisas.

Uma professora me contou que parou um aluno para dizer que lá ele não deveria correr. "Então por que aqui se chama corredor?" perguntou o menino. E com muita razão, do ponto de vista dele, vamos convir.

É possível ter uma escola com um recreio bom, sim. Muitas têm. Essas sabem o que é preciso: oferecer propostas, tutelar a convivência entre os alunos, mesmo à distância, e determinar locais para os que querem ficar tranquilos e para os que querem brincar com mais liberdade são alguns exemplos. Há muitas outras possibilidades.

Mas isso exige educadores por perto, não apenas inspetores. Para tanto, as escolas precisam reconhecer que a hora do recreio é uma excelente oportunidade educativa e, como tal, exige planejamento, objetivos, estratégias e um ambiente organizado e minuciosamente preparado para o que pode acontecer.

Aliás, é bom lembrar que o ambiente escolar, inclusive o do recreio, deve funcionar como um elemento educativo.

13) FORMANDO PARA O ESPETÁCULO (25/10/2011)

Muitos alunos e seus familiares estão, nesta época, ansiosos para que uma data considerada importante para eles chegue logo: a formatura.

Quem teve a oportunidade de participar de uma deve lembrar-se de como ela acontecia. Em geral, o processo todo dividia-se em duas partes: a acadêmica e a festiva.

Na parte acadêmica, o ritual comunicava à sociedade que os formandos tinham vencido mais uma etapa da vida escolar e, portanto, da sua relação com o conhecimento sistematizado. O ritual era bem curioso: alunos vestiam uniforme ou beca e, um a um, recebiam o diploma e os aplausos de professores, familiares e amigos.

Na parte festiva, o que acontecia era uma celebração social dessa conquista dos estudantes. As estratégias para isso acontecer eram várias: baile de gala, coquetel, jantar etc. ou uma combinação dessas formas. O objetivo, entretanto, era sempre o mesmo: comemorar a conclusão de uma jornada escolar.

Pois bem, caro leitor, agora imagine tal cena hoje: uma escola, seus estudantes sentados enfileirados de frente para uma plateia de convidados agitados, professores e diretores compondo uma mesa, discurso do orador etc. Mais tarde, uma festa - quem sabe um baile a rigor? - com direito a vestidos longos, terno e gravata etc. Será que há chance ainda de tudo isso acontecer?

Acontece. Mas com quais alunos? Com os que terminam sua graduação, por exemplo? É, porque os que terminam o ensino médio querem mais é viajar ou então estão ocupados demais com o exame vestibular, não é verdade? Algumas turmas universitárias comemoram, sim, a conclusão do curso que fizeram com o maior esforço. Mas os alunos a quem eu me referia são outros.

São crianças com cinco, seis anos que terminam a fase da educação infantil e vão iniciar no próximo ano o ensino fundamental. Sim, é isso mesmo.

Mas, o que é formatura mesmo? Vamos lembrar. Apesar das mudanças já ocorridas do ensino básico ao universitário, a escola sempre foi organizada em etapas seriadas, em uma escada: para alcançar o degrau seguinte, o aluno precisa antes quitar plenamente suas obrigações com o grau em curso.

Formar-se significava, portanto, mudar de patamar. Uma conquista! Em uma sociedade que não valoriza tanto os rituais, principalmente os de passagem, as formaturas foram se transformando, da mesma maneira que outros rituais não acadêmicos.

As formaturas, tanto quanto os casamentos, os aniversários etc. mais se parecem hoje com espetáculos do que com celebração. Pois é exatamente isso que tem acontecido na maioria das escolas de educação infantil: seduzidas pelo espetáculo, pressionadas pelas famílias e sem se importar muito com o sentido da palavra formatura ou com as crianças, armam um circo e promovem a chamada "formatura da educação infantil".

Pais de lá para cá com todo tipo de câmera, fotógrafos contratados, lenço por causa das muitas lágrimas, coisa e tal. Crianças excitadas e agitadas, vestidas como adultos e preocupadas com o cabelo, choro dos mais tímidos, um auê. Mas quem liga para elas ou para o sentido de uma formatura se, ao final de tudo, haverá fotos, vídeos, lembranças para serem guardadas?

Você duvida de que isso aconteça dessa maneira, leitor? Dê uma busca na internet. Você vai encontrar de tudo. Por sorte, muitas escolas já saíram ou estão na porta de saída dessa confusão. São as que têm bom-senso, respeitam a infância e o sentido da vida escolar em cada uma de suas etapas. Que bom para as crianças que frequentam essas escolas!

14) PRESOS NO MUNDO, SOLTOS NA REDE (1/11/2011)

Uma pesquisa apontou, em 2005, as crianças brasileiras como as que mais assistiam à televisão. Será que a situação mudou de lá para cá? Ou nossas crianças continuam campeãs nessa modalidade? Pode ser que tenham trocado a televisão pelo computador, porque uma pesquisa atual revelou que nossas crianças são as que acessam as redes sociais mais cedo. Ou será que somaram as horas em frente à TV com as horas diante do computador?

Muitas crianças, aos nove anos, já tinham telefone celular e o usavam com intimidade. Agora, com essa mesma idade, muitas já possuem vários outros aparelhos, com funções variadas. O tablet é apenas mais um deles que permite acesso à internet.

Criar páginas e perfis em sites de relacionamento é uma entre as várias atividades que os mais novos podem realizar na internet.

O curioso fica por conta de um detalhe: esses sites não são indicados para crianças. Pelo menos, não para as que têm menos de 13 anos.

Muitos insistem que nossas crianças se mostram cada vez mais precoces. Apostam que elas sabem o que querem, que usam todos os recursos da informática de forma até melhor que os próprios pais e outros adultos da família, que têm vida social intensa etc.

Por outro lado, com a violência urbana, as crianças têm sido cada vez mais tuteladas em sua relação com o mundo real.

Os pais temem que seus filhos transitem pelo mundo público desacompanhados. Desse modo, crianças e adolescentes vão de casa para a escola sempre levados pelos pais ou por seus substitutos, assim como para festas e outros locais que frequentam. Mas, nesses locais, ficam sozinhos ou com seus grupos.

É comum vermos grupos de crianças entre nove e 12 anos nos shoppings sem a companhia de adultos, não é?

O mais provável é que seus pais as levem até lá e marquem uma hora para buscá-las depois que a programação planejada terminar.

Mas, nesse intervalo de tempo, as crianças ficam sozinhas. Como o local é fechado, os pais consideram a situação segura.

Da mesma maneira, consideram segura a relação dos filhos com a internet.

Mesmo com todos os alertas que têm sido dados, o mundo virtual parece bem menos ameaçador do que o real, para os pais.

Agora, vamos juntar algumas informações que temos.

Escolas têm tido dificuldade para contribuir positivamente com a socialização de seus alunos no espaço público. A explosão de pequenas violências entre eles no espaço escolar -fenômeno que tem sido chamado de bullying indiscriminadamente- é uma prova disso.

Além disso, a própria competição escolar por boas colocações, classificação etc. em nada ajuda na socialização dos mais novos.

Quanto aos pais, esses socializam seus filhos para o convívio no espaço privado, que é marcado pela afetividade. E, nas cidades, não há outro espaço além da escola que tenha a função de contribuir de maneira educativa com o processo de socialização dos mais novos.

Isso significa que eles têm crescido sem aprender, no conceito e na experiência, a conviver respeitosamente com o outro com quem não tenha vínculos afetivos.

E tem mais: também não aprendem a proteger a sua intimidade e a sua privacidade. Aliás, talvez nem aprendam o sentido disso.

E, quem não aprende a ter habilidade social no mundo real, como poderá ter habilidade no mundo virtual?

Precisamos pensar nisso antes de considerar os inúmeros e reais benefícios que as crianças podem colher no mundo da internet.

15) CAPRICHOS DE ADULTOS (8/11/2011)

Vídeos exibindo crianças em situações diversas, feitos e postados pelos pais, são o novo fenômeno. Uma leitora disse que gostaria de ler uma reflexão sobre as razões que movem essas mulheres capazes de tudo quando querem ter filhos. Ela assiste a uma novela na qual uma personagem vive tal situação, e ela mesma tem amigas dispostas a arriscar alto para ter filhos. "Por que chegam a tal ponto?", pergunta. Nossa leitora jogou uma boa isca.

Qual o significado dos filhos no mundo atual? Certamente não é o mesmo para todas as pessoas, mas, considerando as pistas que temos e os valores de nossa sociedade, é possível universalizar algumas ideias. Vamos, então, juntar algumas delas. A primeira, a leitora trouxe: hoje, com o avanço da medicina, é possível engravidar nas situações mais adversas. As clínicas de fertilização estão repletas de mulheres que podem pagar pelos tratamentos caríssimos e que lá se encontram buscando realizar um sonho: o de ter um filho para chamar de "seu".

Outra constatação que podemos fazer é a de que os filhos, hoje, são levados a trilhar caminhos - muitas vezes árduos para eles - em busca daquilo que, conforme consideram seus pais, lhes dará êxito na vida. Melhor prova desse fenômeno é a maneira como a vida escolar da criança é tratada pelos pais.

Começemos com as mais novas. Antes mesmo dos seis anos, os pais esperam que seus filhos aprendam a ler e a escrever na escola. Escolas, devidamente pressionadas pela sociedade, oferecem toda sorte de atividades que fazem crianças de dois ou três anos serem iniciadas nos mundos das letras e dos números. Isso, numa idade em que deveriam brincar.

Outro dia, uma criança de quatro anos reclamou com a mãe de uma maneira que esta ficou chocada e tomou a decisão de procurar uma outra escola, com um projeto diferente para seu filho. "Mãe, chego em casa com a mão doendo de tanto escrever." Uma outra mãe me contou que, na sala de espera do consultório do pediatra, percebeu a competição entre as mães, que vibravam quando seus filhos mostravam saber mais coisas que as outras crianças de mesma idade. Não é espantoso isso?

No ensino fundamental, as crianças já estão com as agendas lotadas de atividades e de aulas particulares. Tudo para garantir que sejam bons - ótimos, de preferência - alunos.

Isso faz bem aos pais e não importa que seus filhos fiquem sobrecarregados. Por fim, um fenômeno que ocorre na internet: vídeos que exibem crianças em situações diversas, feitos e postados por seus pais, se transformam em fenômenos de audiência.

Um dos últimos mostra a reação de uma garotinha quando seus pais dão a ela uma surpresa de aniversário: uma viagem à Disney. O que deveria ser um acontecimento íntimo entre pais e filha, olho no olho, com afeto e vínculo, ganhou a intermediação de uma câmera, já com o intuito de exibir ao mundo a reação da criança. Um espetáculo.

Há vários outros filmes de crianças na internet. Certamente, caro leitor, você já deve ter visto alguns deles. Será que os filhos, hoje, existem para satisfazer os caprichos de seus pais?

Parece que sim.

Os filhos sempre carregaram a missão de realizar desejos de seus pais. Mas, aos poucos, com maior ou menor dificuldade, os pais permitiam que o filho assumisse sua própria vida.

Hoje isso parece estar mais difícil porque o mundo adulto está infantilizado e, principalmente, porque o relacionamento afetivo entre pais e filhos ganhou contornos jamais vistos. Os pais criaram uma dependência afetiva em relação aos filhos - e isso não é bom para os mais novos.

Dessa maneira fica muito, muito, difícil para eles a conquista da própria vida.

16) COMO DESFAZER AMIGOS (22/11/2011)

Num mundo que dá extremo valor ao individualismo e ao prazer imediato, há lugar para a amizade?

Uma garota de 15 anos me encaminhou uma longa, triste e emocionante mensagem.

Usando uma linguagem própria de alguns grupos de adolescentes, ela questionou a amizade de uma maneira bem adulta, arrisco dizer.

Entre os casos que ela me contou para desenvolver seu raciocínio argumentativo, escolhi dois, porque parecem ser situações bastante comuns na convivência entre adolescentes. Vamos partir desses exemplos para nossa conversa de hoje.

Nossa jovem leitora tinha duas grandes amigas. Ou pelo menos era assim que as considerava: falavam-se sempre, trocavam segredos e honravam essa condição. Ofereciam apoio quando preciso, eram solidárias na tristeza e nas situações difíceis pelas quais passavam.

Um segredo que a jovem compartilhou com uma das amigas foi o afeto que nutria por um garoto da escola, mas que ela não tinha coragem de demonstrar. Pois numa festa a que foram juntas, essa amiga ficou com o tal garoto.

Você pode imaginar, caro leitor, a decepção que essa garota vivenciou? E a situação piorou quando, no dia seguinte, ela foi conversar com a amiga e esta justificou o ocorrido de um modo muito simples: "rolou".

"Então isso é amizade?", perguntou a garota em sua mensagem. Inconformada, cortou a relação de confiança e a intimidade com a outra menina.

Hoje, elas se cumprimentam de modo distante, apenas isso. E, pelo jeito que nossa leitora conta, seu sofrimento aumenta cada vez mais.

E que tal encontrar em uma rede social, ao ler a página de uma colega, a confissão pública daquela que também considerava uma amiga, de que ela só lhe fazia companhia por pura pena de nossa jovem leitora?

Vamos agora refletir um pouco a respeito da amizade no mundo atual e, para tanto, comecemos por essa última situação.

Franqueza e transparência são fundamentais para as relações de amizade. Sem tais características, o relacionamento amoroso que caracteriza a amizade não sobrevive. Aliás, nem sequer vive.

Outra característica básica de pessoas que querem ser amigas de outras é a maturidade para controlar os próprios impulsos em favor da amizade. Saber renunciar a prazeres imediatos para preservar o amigo é condição fundamental.

Na adolescência, o jovem amadurece e ganha, cada vez mais, a condição de ser e de ter amigo. É claro que, nessa trajetória, vai errar, vai experimentar o sabor amargo da perda de um amigo como consequência de um comportamento impensado, inconsequente, infantil e imaturo.

Por isso, não foram os comportamentos daquelas que um dia foram consideradas amigas por nossa leitora que chamaram a atenção.

O que causa estranhamento nessas histórias é o fato de nenhuma das garotas ter se sentido magoada por magoar. É o fato de nenhuma ter mostrado arrependimento por ter disposto de um relacionamento de amizade, e por tão pouco. E o pior: talvez elas nunca venham a saber disso.

Devemos nos perguntar se, num mundo que dá extremo valor ao individualismo, à realização de nossos caprichos e ao prazer imediato, há lugar para a amizade.

Deve haver. Afinal, são os amigos que dão sabor à nossa vida, que a iluminam, que fazem com que valha a pena viver, mesmo enfrentando as mazelas inevitáveis com as quais nos deparamos.

Podemos fazer algo para que os mais novos conheçam essa alegria?

17) SUCESSO EM UM PASSE DE MÁGICA (29/11/2011)

Estamos passando para os jovens a mensagem errada de que o esforço é desnecessário

Uma conhecida tem um filho de 16 anos que não quer saber de estudar e está indo muito mal na escola. Ela me pediu que falasse com ele para tentar entender a situação.

Segundo a mãe, ele é inteligente e sempre conseguiu dar conta dos estudos, mas, de repente, passou a implicar com a escola e com os trabalhos que lá ele precisa realizar. E, como ele não trabalha e "nem faz mais nada na vida a não ser ir para a escola", ela não consegue compreender o que se passa.

Logo de início ela preocupou-se, é claro. Já havia lidovárias reportagens informando que mudança de comportamento e queda no rendimento escolar podem ser indicativos de uso de drogas por parte do adolescente. Por causa disso, chegou a levantar essa hipótese.

Acompanhou de perto a vida social do garoto, conversou com ele. Juntos, assistiram a filmes sobre o assunto. Com tudo isso, a mãe não conseguiu qualquer pista para considerar que o jovem estivesse usando algum tipo de droga, lícita ou ilícita.

Então, ela chegou a uma conclusão simples: a de que o filho estava na "vagabundagem" mesmo.

Foi por isso que ela me fez o pedido, com um detalhe: não queria que o filho soubesse que eu iria procurá-lo por solicitação dela. Avisei a ela que ele saberia isso de pronto, mas ela insistiu para que, pelo menos, eu não fosse a primeira a tocar no assunto.

Em nosso encontro, a primeira coisa que o jovem me perguntou foi exatamente se a mãe havia pedido para que eu conversasse com ele.

Depois, falou longamente a respeito da sua falta de vontade para se dedicar aos estudos e da sua dificuldade em prestar atenção nas aulas.

Aproveite essa breve história para comentar dois pontos: um diz respeito aos pais, outro se refere aos jovens.

Primeiramente, eu quero lembrar a quem tem filhos -tenham eles a idade que for- que os mais novos não são bobos. Essa mãe, por exemplo, considerou a possibilidade de o filho nem sequer desconfiar do pedido que ela havia me feito. Ora, claro que ele saberia: crianças e jovens conhecem muito bem seus pais. Arrisco até dizer que eles os conhecem melhor do que os pais os conhecem.

Por isso, a melhor atitude a se ter com os filhos é a da transparência para, desse modo, manter a relação de confiança com eles. Não dá para enganá-los, certo? O mais provável, aliás, é que eles consigam enganar os pais em algumas situações.

Quanto aos jovens, é espantoso como eles se veem escravos de seus impulsos, impotentes para mudar de atitude. O jovem com quem eu conversei, por exemplo, espera ter vontade de estudar a qualquer momento. Acredita que algo externo a ele poderá interferir no estado de letargia em que se encontra em relação aos estudos.

Ele, como muitos de seus pares, não consegue perceber que é ele mesmo quem precisa tomar uma atitude e que, para tanto, vai precisar se esforçar. E muito.

Quando eu disse isso a ele, a reação que demonstrou foi de espanto. Tive a impressão de que esse menino nunca considerou essa possibilidade. Foi difícil fazer ele perceber que só dependia dele a mudança, porque ele insistia em repetir que os professores e a escola é que tinham a obrigação de motivá-lo.

É bem possível que seja essa a mensagem que estamos passando a jovens de uma geração que alcança quase tudo com um simples toque de dedos: a de que o esforço é desnecessário.

Pois cada vez é preciso mais esforço para resistir a tantas tentações, facilidades e distrações, para tentar realizar um projeto de vida, dar conta das responsabilidades e não desistir de construir uma utopia, não é verdade?

18) ANESTESIA PARA A ADOLESCÊNCIA (06/12/2011)

Antes, a culpa era da família. Hoje, o jovem experimenta drogas por uma simples razão: elas estão por aí.

Muitos pais de adolescentes têm me procurado para falar de seus receios a respeito da relação dos seus filhos com as drogas.

Há pais que temem que os filhos tenham contato com esse universo e há os que já descobriram que o filho usa alguma droga ilícita, não sabem como reagir nessa situação e têm receio de saber mais do que já sabem.

Há também aqueles pais que sabem que alguns amigos do filho usam drogas e esperam afastá-lo dessas "más influências".

Finalmente, há pais que não têm qualquer motivo especial para se preocupar com essa questão. Mesmo assim, se preocupam. Eles conhecem nosso mundo.

Entre tantos pais diferentes, uma dúvida em comum: o que leva tantos jovens ao encontro das drogas?

Antes, uma resposta a essa pergunta era dada de forma rápida e sem pestanejar: a família. Dificuldades no relacionamento, falta de diálogo, vínculos desfeitos, autoritarismo educacional, perdas precoces e toda uma gama de causas familiares poderiam explicar a busca do jovem pelas drogas.

Tínhamos um culpado ou um bode expiatório? Não sabemos ao certo, mas sabemos que essa resposta valeu por muito tempo. Até o final do século passado.

Hoje, essa resposta já não convence. Temos todo tipo de família, de educação, de vínculos, de rompimentos etc.

Família influencia? Sempre. Para o bem e para o mal, ela pode exercer qualquer tipo de influência sobre os mais novos. Mas tais influências não são, necessariamente, determinantes ou causais.

Agora, já não temos mais um único culpado. Mesmo assim, vale a pena pensar sobre esse assunto.

O primeiro ponto que me chama a atenção é o fato de que os jovens experimentam ou irão experimentar drogas por um motivo bem simples: elas existem, são oferecidas, estão por aí.

Como vivemos em uma sociedade que valoriza o consumo -e não importa de que tipo-, consumir drogas está dentro dessa expectativa.

E não podemos nos esquecer de uma coisa: desde pequenas, as crianças aprendem com os pais que, para fazer parte de um grupo, precisam consumir as mesmas coisas usadas por esse grupo.

Pais permitem que seus filhos com menos de 12 anos usem redes sociais para que estes não se sintam excluídos. E esse argumento serve para tudo: da compra de um tênis de determinada marca à comemoração do aniversário em determinado local.

Como explicar, na adolescência, que agora eles devem querer ficar de fora do grupo? Difícil, não é verdade?

E o segundo ponto que me salta aos olhos é a dificuldade dos mais novos para enfrentar situações difíceis, com obstáculos que exigem esforço e perseverança.

As crianças têm sido demasiadamente poupadas dos pequenos sofrimentos que fazem parte da vida.

Dessa forma, não desenvolvem recurso algum do qual possam lançar mão quando necessário. E tem alguma época na vida mais cheia de situações embaraçosas do que a adolescência?

É nessa fase que eles estão mais sujeitos às pressões sociais vindas de todos os lados, às quais nem sempre conseguem atender; é quando mais ficam excitados com as possibilidades que descobrem ter na vida e mais ficam temerosos ante às responsabilidades que chegam.

Poderiam se angustiar, sofrer, amadurecer, errar, mudar o rumo, experimentar. Mas o percurso mais fácil parece ser o de se anestesiarem.

E as drogas, além de oferecerem atrativos convincentes, têm essa serventia também: a de livrar de um sofrimento, de uma situação difícil. Por isso, hoje, qualquer jovem pode experimentar, usar ou abusar das drogas.

Talvez, se pudessem enfrentar os sofrimentos característicos da infância -uma rejeição, uma exclusão, uma frustração, um tropeço-, a escolha desse caminho na adolescência poderia não ser tão

óbvia, não é verdade?

19) QUEM É ESPECIALISTA NA SUA CRIANÇA? (13/12/2011)

Pais buscam fora de casa soluções mágicas para os conflitos, mas esquecem que o Google não tem filhos

"As crianças estão mais agressivas hoje em dia", me afirmou com convicção uma jovem mãe. Ela acabara de ter uma reunião com a coordenadora da escola que a filha frequenta justamente por esse motivo: a menina andava agredindo os colegas de classe com regularidade, tanto física quanto verbalmente. A idade? Cinco anos.

Segundo as palavras dessa mãe, ela não sabe como a garota desenvolveu essa estratégia na convivência com os colegas. "Em casa não costumamos ser agressivos uns com os outros e sempre ensinamos as crianças a fazerem o mesmo. E ainda assim ela briga com os irmãos, os primos e os colegas de classe."

Ah! E a garotinha também não é uma filha que essa mãe possa chamar de obediente ou educada em relação aos pais e a outros adultos.

Essa mãe disse que não sabia o que deveria fazer para ensinar a filha a ser mais obediente e educada. Ela terminou nossa conversa dizendo que iria insistir na estratégia que sempre usara com sua filha: conversar.

Qualquer pessoa que já ouviu pais com atenção sabe que a queixa da indisciplina tem sido bem frequente.

Pais com filhos de todas as idades reclamam de desobediência, de falta de limites, de agressividade exagerada da parte dos seus filhos.

Para começo de conversa, vamos lembrar da estratégia que a mãe de nosso exemplo de hoje usa para educar a filha para a boa convivência: conversar. Essa tem sido uma solução encontrada por muitos pais, não é verdade?

Pois aí temos uma contradição digna de ser refletida: por que, justamente quando a estratégia educativa usada é mais democrática, a agressividade e a desobediência andam tão em alta? Vamos levantar algumas hipóteses.

Conversando o tanto que converso com pais, fui tendo cada vez mais clareza a respeito de como eles se veem no exercício de sua tarefa educativa com os filhos.

E constatei uma questão que considero importante: muitos pais, hoje, duvidam de sua própria capacidade de educar os filhos para uma boa convivência.

A fala que eu mais costumo ouvir em conversas desse tipo foi dita pela mãe de nosso exemplo de hoje: "Eu não sei o que fazer".

E é por causa dessa impotência que muitos pais buscam fora do contexto familiar e da relação com a criança soluções quase mágicas para resolver aquilo que consideram um problema.

Diversos especialistas têm sido convocados a tratar de "crianças agressivas". A internet tem sido muito usada, também, na busca de orientações ou conselhos.

Aliás, recebi dias atrás uma mensagem de uma mãe que, nessa pesquisa na internet, encontrou um texto meu. Disse ela: "Gostei de seu texto, mas eu preciso de orientações mais claras sobre como fazer e você não escreveu nada disso".

A esses pais, vou repetir duas frases que vi em uma peça promocional feita por e dirigida a mães. A primeira: "Você é a especialista em seu filho". A segunda, uma advertência bem-humorada, eu adorei: "O Google não tem filhos". Ambas sintetizam a ideia de que os pais devem se sentir potentes para buscar e encontrar melhores soluções para dificuldades que enfrentam na educação dos filhos.

Outro fator que não podemos ignorar é o quanto as crianças estão expostas aos meios de comunicação.

Programas infantis -dos chamados educativos aos considerados violentos- mostram conflitos de todos os tipos e tratados com agressividade longamente. Já a solução do conflito ganha bem menos tempo, não é verdade?

E o que dizer dos programas para adultos aos quais os pequenos assistem? Isso só ensina a criança a refinar o uso de sua agressividade.

Precisamos de mais pais que não duvidem de seu potencial educativo nas situações difíceis e de mais civilidade na convivência adulta, já que esta serve de padrão aos mais novos.

20) EDUCAÇÃO AMBIENTAL É OUTRA COISA (20/12/2011)

Não são as crianças que devem cuidar da natureza e sim nós, adultos, para garantir a elas um bom futuro

As regras têm feito o maior sucesso neste nosso tempo, não é verdade?

Esse fato é mais uma evidência de que vivemos em um mundo infantilizado.

Criança pequena necessita de regras porque ainda não consegue compreender princípios. Mas, à medida que ela vai crescendo, precisa aprender os princípios que regem a vida, para que as regras se tornem desnecessárias ou sejam utilizadas com autonomia e liberdade.

Um bom exemplo são os cuidados com a saúde que precisamos ensinar aos menores, o que demonstra o amor à vida.

Inicialmente, os pais estabelecem regras: escovar os dentes após as refeições, tomar banho diariamente, lavar as mãos antes de se alimentar etc.

Entretanto, se essas regras iniciais não se transformarem em algum princípio -no caso, o autocuidado, que expressa respeito consigo mesmo-, logo elas podem ser descartadas.

Seguindo esse exemplo, temos várias pistas de que nós não estamos alcançando muito êxito com esses ensinamentos.

Na adolescência, época em que transgredir as regras é usual, não observamos muitos indícios de que os jovens aprenderam a amar a vida e a se respeitar, não é verdade?

Pois não podia ser diferente, portanto, com a educação ambiental.

Crianças precisam aprender desde cedo a amar a natureza e a entender o relacionamento do ser humano com ela. E a melhor maneira de começar esse processo é colocar a criança em contato com a natureza para que ela possa interagir, descobrir e reconstruir as relações entre natureza e cultura.

Com esse estilo de vida urbano que nós escolhemos, mesmo em cidades pequenas, é muito difícil haver espaço para que ocorra de verdade esse relacionamento entre criança e natureza.

As escolas de educação infantil, por exemplo, por pressão social e por convicção, são construídas para que o aluno fique muito tempo na sala e tenha pouco contato com a natureza.

E tem mais: como adoramos as regras, temos ensinado uma porção delas às crianças, na tentativa de praticar o que chamamos de "educação ambiental".

Não deixar a torneira aberta, não jogar lixo em local inadequado, separar o lixo, apagar as luzes quando elas não forem usadas etc.

Mas o que proporcionamos aos menores em relação a experiências que podem se transformar em conhecimento sobre a água, a eletricidade, a terra, o lixo etc.?

Quase nada.

O que resta às crianças, então, a não ser se apropriar das regras ensinadas?

E elas têm feito isso de uma maneira exemplar: invertendo a relação de autoridade com os adultos.

Transformaram-se em "fiscais da natureza" principalmente em casa, com pais e familiares, e em todos os lugares onde encontram espaço para tanto.

Isso não significa que as crianças estejam se apropriando dos princípios do respeito a si, ao outro e à vida. Não! Aprenderam algumas regras e as usam -apenas isso. Uma escuta atenta dessas crianças evidencia rapidamente isso.

O mais curioso é perceber quantos pais se orgulham do que os filhos fazem nesse sentido, tanto quanto escrever precocemente, por exemplo.

Não faz sentido achar bom a criança perder o seu lugar de criança e a sua infância.

Nós que devemos cuidar do ambiente para que nossas crianças tenham um bom futuro, não é verdade?

(Estarei em férias nas próximas edições. Desejo boas-festas e uma saudável convivência familiar neste fim de ano a você, leitor, e sua família. E agradeço a companhia durante todo este ano. Até breve!)

21) MENINAS QUE BEBEM 7/02/2012

Garotas entre 14 e 16 anos abusam do álcool para relaxar de toda a pressão que sofrem da família e da escola

Uma pesquisa sobre consumo de bebidas alcoólicas foi realizada em 16 Estados brasileiros pela Universidade Federal de Minas Gerais.

O resultado aponta um dado que devemos considerar alarmante: a partir dos 14 anos, meninas consomem mais álcool do que meninos.

Podemos creditar esse fato a um outro, de conhecimento de todos nós: a venda de bebidas alcoólicas, embora proibida para menores de 18 anos, acontece sem a menor cerimônia. Em qualquer bairro ou cidade do país, adolescentes compram o produto de sua preferência sem maiores problemas.

Se essa fosse a causa do problema, a responsabilidade pelo fato grave apontado no levantamento seria toda do Estado: a falta de fiscalização e de punição para os infratores é o que contribui para que a bebida role solta, não é verdade?

Ainda assim, não estaríamos livres de nossa responsabilidade: quantas vezes fomos testemunhas dessas vendas e não esboçamos reação alguma?

Entretanto, é um detalhe dessa pesquisa que quero colocar no centro de nossa conversa de hoje. Por que as meninas dessa idade têm usado e abusado do álcool mais do que os meninos?

Para essa pergunta não temos uma resposta certa, mas certamente podemos fazer algumas conjecturas.

Olhe para nossas crianças menores de seis anos. Você percebe que há uma diferença enorme entre meninos e meninas? Meninos são moleques: se vestem e se comportam como moleques, têm interesses de moleques e brincam como tal.

Já as meninas... Ah... Elas são pequenas mulheres. Vestem-se como mulheres, se interessam por assuntos de mulheres feitas e gostam de brincar de ser mulher.

Sem uma intervenção firme dos adultos, as meninas pulam a fase da infância com a maior facilidade.

E por falar em intervenção firme dos adultos, temos feito isso, sim, mas no sentido contrário ao que deveríamos fazer. Meninas de nove anos são levadas pelos pais -pelas mães em especial- a comemorar o aniversário em salões de beleza. Elas ganham roupas provocantes e sapatos de salto precocemente, têm seu próprio arsenal de maquiagem etc.

Queremos que as meninas sejam adultas logo. Para falar a verdade, nem consigo entender os motivos disso. Afinal, filho criado dá trabalho redobrado, não é isso o que diz o ditado popular?

O resultado da pesquisa pode nos fazer pensar nisso: as meninas, sob intensa pressão social que aponta para uma expectativa de crescimento rápido, estão respondendo a contento.

A bebida alcoólica pode funcionar como mediador social quando ingerida com parcimônia, não é mesmo? Mas há uma condição para que assim seja usada: a autonomia e a maturidade de quem a consome.

Garotas entre os 14 e os 16 anos ainda estão em pleno processo de conquista de autonomia e vivendo ainda o seu tempo de amadurecer. Com a ajuda da família e da escola, elas poderão chegar lá. Mas muitas garotas -um número enorme- que vivem essa fase não conta com essa ajuda. Contam é com muita pressão de ambas.

Família e escola têm expectativa muito semelhante: a de que os jovens se empenhem na conquista do êxito escolar como se isso fosse sinalizador de alguma coisa.

Sabemos que não é, mas insistimos nisso.

Uma das maneiras que as garotas têm encontrado para relaxar do estresse a que estão submetidas parece ser, então, a ingestão de bebidas alcoólicas.

Realmente, não temos motivo algum para brindar.

22) QUERER É UMA COISA, PRECISAR É OUTRA (14/02/2012)

Por que a pressa em satisfazer os pedidos dos filhos? Encaramos seus desejos como se fossem necessidades

Você já reparou, caro leitor, na confusão que temos feito entre dois conceitos que são tão diferentes, mas que estamos usando, principalmente na linguagem coloquial, como se fossem sinônimos?

Eu me refiro aos verbos "querer" e "precisar". Vamos, então, retomar o significado dessas duas palavras, para começar.

Precisar diz respeito a uma necessidade, a uma carência que exige satisfação. Por exemplo: temos fome e sede, por isso precisamos de líquido e de alimento para a satisfação dessas necessidades.

E, como dá para perceber, a necessidade sempre tem um alvo certo. Quando nós temos sede precisamos de água e quando temos fome precisamos de comida.

"Bebida é água!/Comida é pasto!/Você tem sede de quê?/Você tem fome de quê?" são os versos iniciais de uma música interpretada pelos Titãs que trata dessa questão.

E o querer? O querer diz respeito a uma intenção, a uma aspiração. O querer é algo que nos move, mas não é uma necessidade. Um querer pode encontrar satisfação em diversos alvos diferentes.

A letra da música referida acima continua assim: "A gente não quer só comida/A gente quer comida/Diversão e arte"...

Precisamos e queremos, portanto. Precisar é algo muito diferente de querer.

É um problema tratar essas duas palavras de forma indiferenciada.

Recentemente, vi uma jovem mulher conversar com sua amiga e manifestar que precisava urgentemente de um determinado aparelho celular. Ela tinha um em sua mão, moderno, mas o problema é que não era aquele a que ela fazia menção. Um querer é transformado em um precisar e, certamente, essa mulher iria tratá-lo como tal.

O problema fica muito maior quando transferimos esse estilo de falar e de pensar para as crianças.

Você pode observar: muitas -mas muitas mesmo- crianças já trocam o verbo querer pelo precisar.

Crianças precisam de festa de aniversário em determinado local, precisam de um certo jogo de videogame, precisam de um tipo especial de comida etc. E muitos adultos tratam esses querereres realmente como necessidades.

Não será também por isso que tantos pais fazem o maior sacrifício para dar algo ao filho ou até mesmo permitem algo a contragosto só porque ele declarou insistentemente que "precisa" daquilo?

Diante dos desejos das crianças temos nos comportado, muitas vezes, como se elas estivessem manifestando necessidades reais.

Afinal, por que ficamos tão afobados e tão apressados em satisfazer o que elas pedem? Qualquer querer pode não ser satisfeito sem problema algum.

Quem quer pode esperar, pode trocar o objeto do querer para que se torne mais acessível e pode, inclusive, perceber que terá de abdicar desse querer.

Já quem precisa... Quem precisa pode esperar por pouco tempo, não pode trocar o objeto da necessidade e tampouco pode abdicar dele.

Claro que não podemos nos esquecer de que essa confusão é muito bem alimentada pelo consumismo. Mas será que é bom nos submetermos a isso de forma acrítica?

Certamente não é bom. Podemos querer à vontade, inclusive o que o mercado de consumo nos sugere.

A jovem mulher pode querer o aparelho de telefone que é a novidade do momento, a criança pode querer hambúrguer e batata frita bem na hora do jantar.

Mas todos precisam saber com clareza que querer não é precisar. E querer, muitas vezes, também não é poder.

23) OS JOVENS E SEUS UNIFORMES (27/02/2012)

O professor precisa de muito foco para não se perder na visão da aluna sentada ali com roupas mínimas

A garota que eu observava deveria ter entre 14 e 16 anos. Bonita como só os jovens dessa idade conseguem ser, vestia shorts mínimos. Mínimos mesmo. E brancos. Usava sandália de salto alto e uma blusa tomara-que-caia.

O garotão que a acompanhava também usava shorts, mas não tão curtos quanto o da garota. A diferença entre a roupa dos dois era a largura da perna da vestimenta. Os shorts da menina eram bem justos. Os do garoto eram bem largos. Largos o suficiente para deixar à mostra a parte mais íntima de seu corpo, quando ele se sentava no chão.

Eles poderiam estar no Carnaval, em um clube, em uma balada. Mas estavam na escola. Isso mesmo: os dois personagens são alunos do ensino médio e estavam no ambiente escolar para assistir às aulas do dia. Não muito longe deles -e no espaço da mesma escola-, crianças pequenas brincavam na areia usando uniforme.

Sabemos que a informalidade é uma marca forte do mundo contemporâneo. Quase todos os rituais sociais foram extintos, a polidez nas relações já não faz o menor sentido, a moda usada no cotidiano não precisa se adaptar ao corpo de quem a usa tampouco à situação ou ao local em que a pessoa está.

O que manda nessas situações todas e em outras semelhantes é o gosto da pessoa, os imperativos do mercado, a erotização infantilizada das relações sociais e do corpo e, finalmente, a busca de visibilidade. "Ver e ser visto" é o que importa, nada mais.

Podemos pensar que o resultado disso tudo é apenas a perda dos bons modos, do recato e das etiquetas, questões lamentadas pelos caretas, pelos mais velhos e saudosistas.

Entretanto, podemos pensar que essa faceta de nosso estilo de viver vai além. Vamos refletir a esse respeito usando o exemplo citado logo no início como um guia de nossos pensamentos.

As roupas usadas pelos jovens caíam muito bem neles; só não caíam bem no local em que estavam. Aliás, para quem não sabe, informo: os professores de ensino médio, principalmente, comentam muito entre si a dificuldade que é dar aulas para a moçada atualmente.

Outro dia mesmo um deles me dizia que precisa de atenção e foco redobrados para dar suas aulas sem se perder na visão das meninas sentadas à sua frente com suas roupas maravilhosamente mínimas. E vale dizer que, no mundo da juventude eterna, diferença de idade alguma faz sentido nessa questão.

Os professores sabem que isso não está certo e a escola reclama das roupas que as mães deixam suas filhas vestirem para frequentar as aulas, mas ninguém faz nada.

Por exemplo: por que as crianças pequenas devem usar uniforme na maioria das escolas e os adolescentes, não? Receio que essa pergunta fique sem uma boa resposta por parte das escolas.

Mas o bordão da "educação para a cidadania" vale para todas elas, certamente. O problema é que ninguém vê -ou não quer ver- a ligação entre os dois assuntos.

Os jovens são os mais vulneráveis às pressões do mercado da aparência, das etiquetas (de marca) e das tendências adotadas por seus pares porque eles ainda não têm senso crítico. Estão na escola justamente para adquirir ou sofisticar esse tipo de análise.

Por que não fazemos nada além de observar, criticar sussurrando ou furtivamente? Talvez porque nós mesmos estejamos enredados nesse problema.

Enquanto isso, está cada vez mais difícil identificar, nos locais de trabalho, quem lá está a exercer sua profissão e quem está lá em busca de um profissional.

24) CRECHE DE MARMANJO (12/03/2012)

Cheias de atividades, escolas se tornaram depósitos de filhos usados por pais ocupados demais

Se há um tipo de estabelecimento que cresce nas cidades é o depósito. Há depósitos para aquilo que não queremos mais por perto, que não usamos mais. Poderiam ser chamados de depósitos de lixo, mas nem sempre é lixo o que eles guardam.

O mundo do consumo fez crescer vertiginosamente o descarte: descartamos o aparelho de telefone celular quase novo porque saiu um outro com novíssimas funções.

Descartamos o computador recente e em pleno funcionamento porque saiu um modelo menor e mais leve; descartamos o sofá da sala que já tem o nosso cheiro e se adaptou ao formato de nosso corpo porque a linha em uso agora é de outro estilo; e o aparelho de TV porque já está ultrapassado etc.

Queremos descartar para poder consumir mais. E isso transformou-se em um problema, já que o que não usamos mais atrapalha nossa vida, dá uma aparência a ela que rejeitamos, recusamos.

Há um outro tipo de estabelecimento que também cresce nas cidades, não tanto em quantidade, e sim na ampliação dos serviços que oferece: a escola.

Até poucos anos atrás, a escola era o lugar para onde os mais novos eram encaminhados com o objetivo de estudar e/ou aprender a conviver com outros.

Hoje, a escola transformou-se em um local que serve para muitas outras coisas.

Ela serve, por exemplo, para abrigar crianças (falo de crianças integrantes de famílias de classe média para cima) cujos pais trabalham tanto que não podem ir buscar seus filhos no horário que as aulas terminam. Dessa maneira, a escola permanece aberta até altas horas, até que os pais sejam liberados de seus afazeres e possam ir buscar seus rebentos.

Há também as escolas que tentam satisfazer necessidades das famílias de seus alunos: montam pequenas lojas de conveniência e até academias de ginástica para que os pais aproveitem e já façam por lá mesmo o que querem e precisam enquanto os filhos ficam por lá, seguros.

Ah! E não podemos esquecer dos restaurantes escolares: para que os pais possam ter a oportunidade de fazer as refeições com seus filhos, por que não oferecer lá mesmo, dentro da escola, um local adequado para tanto?

E o que dizer da indústria das chamadas "atividades extracurriculares"? Elas servem mesmo é para que os mais novos tenham mais o que fazer no espaço escolar.

Pois agora surgiu uma nova moda: o ensino médio em tempo integral. Os adolescentes podem passar o dia todo na escola, pagando mais caro por isso, é lógico.

Além do período das aulas regulares, eles têm todo o outro período para dormir, descansar, fazer seus deveres "de casa", realizar projetos diferenciados, fazer as refeições do dia etc. E etc. E tudo com a supervisão direta de professores, tutores, orientadores, coordenadores de projetos.

A vida deles vai se resumir à escola. Quando vão namorar? Quando vão ficar horas no ócio, trancados no quarto, só tentando entender seu novo corpo, esse mundo, seus pensamentos?

Como disse um desses jovens, ele não queria frequentar o que ele chama -de modo brilhante- de "creche de marmanjo". Ele quer ter o direito de ter a sua própria vida, mas o problema é que seus pais acharam isso uma excelente ideia. E ele já está frequentando a tal creche.

A escola privada está cada vez mais parecida com os depósitos de nossos descartes, não é verdade?

25) MADUROS ATÉ A PÁGINA DOIS (19/03/2012)

Os jovens precisam de ajuda para enfrentar um mundo que começam a descobrir com o próprio olhar

Uma jovem de 17 anos me escreveu contando que namora um garoto de 15 anos, seu colega de escola. Segundo ela, os dois se gostam, estão juntos desde o ano passado, têm vida sexual ativa e pretendem permanecer namorando.

O problema, conta a garota, é que os pais dele são contra o namoro por causa da diferença de idade entre eles. "Eles dizem que sou muito velha para namorar o filho deles", reclama. Já a mãe dela não coloca empecilho algum em relação a isso.

O que me surpreendeu foi o pedido dela dirigido a mim: que eu conversasse com os pais do namorado para resolver o problema dela.

Isso me fez pensar em muitas outras situações da vida de nossos jovens. Eles parecem ter autonomia de vida bem cedo: frequentam festas nas madrugadas, ingerem bebidas alcoólicas, viajam sem a companhia de adultos, residem temporariamente em outros países etc.

Os jovens têm vida de gente grande desde o início da adolescência. Vida social, pelo menos. Mas será que na vida pessoal eles amadurecem? Temos indícios de que não.

Um desses indícios está no exemplo de nossa leitora de hoje. Ela não encontra outra maneira de resolver o que considera um problema em sua vida a não ser pedir para que um adulto resolva a questão por ela. Não é estranho que uma jovem de 17 anos, que faz tudo o que ela me conta que faz, peça tal coisa?

Depois de conversar com vários jovens dessa idade, constatei um ponto interessante para a nossa reflexão de hoje: os jovens manifestam uma dificuldade de dialogar com os adultos.

Eles falam com os adultos: expõem suas polêmicas opiniões a respeito dos assuntos em pauta, têm sempre bons argumentos para convencer os mais velhos a aceitarem seus pedidos, sabem comunicar o que querem.

Entretanto, em situações de conflito, principalmente quando essas envolvem algum aspecto de suas vidas, não sabem como se comportar, não conseguem enfrentar a situação, perdem toda a segurança que tentam mostrar que têm.

Os jovens acham que não são levados a sério pelos adultos nessas circunstâncias. Pode ser que eles tenham razão.

Conversei também com pais de adolescentes. Muitos deles acreditam que os problemas enfrentados pelos filhos são pequenos ou não significam nada.

Os pais fazem pouco dos altos e baixos emocionais que os filhos sofrem e acham que problema sério mesmo é a escolha do curso universitário que eles farão, o futuro que terão etc.

Essa é uma boa maneira de dificultar o diálogo com os mais jovens: eles percebem, mesmo que não seja expressamente dito, as avaliações dos adultos frente às questões de suas vidas.

Nossos jovens precisam de nós, adultos. Precisam de nossa ajuda para amadurecer, para encontrar coragem na busca de boas soluções para seus problemas, para enfrentar um mundo que começam a descobrir com seu próprio olhar, para enfrentar as vicissitudes da vida.

Só seremos boa companhia para eles nessa jornada se tivermos paciência para dialogar, conflitar, bancar junto a eles o lugar que logo ocuparão: o de adultos maduros que fazem escolhas e arcam com as consequências delas.

Nossa jovem leitora precisa saber que ela pode, sim, continuar a namorar o garoto mais novo - apesar da opinião contrária manifestada pelos pais dele. Sim, é possível. Mas ela precisa saber também que o possível pode ser difícil de enfrentar.

Isso é amadurecer.

26) MEU TÊNIS É MAIS CARO QUE O SEU (27/03/2012)

O valor que damos ao consumo serve para que os mais novos criem preconceitos e desprezem seus pares

Uma criança é xingada porque não usa a mesma pulseira que as colegas e outra recebe poucos colegas para a festa de aniversário porque a comemoração não foi feita no bufê da moda.

Situações como essas, que são apenas exemplos, estão se tornando cada vez mais frequentes na convivência entre os mais novos.

O consumo valorizado e exagerado que adotamos e os modismos lançados por esse mercado estão caindo diretamente sobre os ombros das crianças. Elas estão sem proteção em relação a isso.

Até agora, uma significativa quantidade de pais que se preocupam em defender a infância dos filhos estava preocupada com a quantidade de presentes (brinquedos e geringonças tecnológicas) que as crianças ganham.

Os motivos das preocupações que eles tinham até então são legítimos. Quanto mais brinquedos tem uma criança, menos ela brinca. Quanto mais aparelhos com mil e uma utilidades têm as crianças e os adolescentes, menos eles conseguem se concentrar no que é preciso e mais deixam sua atenção flutuar entre diversas coisas.

Agora, esses pais e outros que queiram refletir sobre o que se passa com seus filhos quando eles convivem no mundo público (escola, clube, área comum dos condomínios) precisam considerar uma outra questão.

Eles precisam considerar também que o imenso valor que estamos dedicando ao consumo tem servido para que os mais novos criem preconceitos e estereótipos que servem para excluir, segregar, desprezar seus pares.

E antes que você pense que seu filho pode ser alvo ou vítima dessa situação, considere principalmente que ele pode ser um agente dela.

Sim, caro leitor, o fato de você impedir que seu filho tenha mais do que precisa, que valorize marcas em vez de objetos e que manifeste soberba, por exemplo, hoje já não é mais suficiente para livrar seu filho de julgar os colegas e os outros pelo que eles têm ou deixam de ter.

Lembre-se que seu filho vive neste mundo que o bombardeia com informações que o direcionam a fazer isso. "Quer ser popular? Compre tal objeto." "Quer ser convidado para todas as festas? Use tal roupa." "Quer ter sucesso? Tenha tal carro."

Frases desse tipo repetidas como mantras colam em seu filho. Por isso, você terá de fazer mais por ele.

Uma boa atitude pode ser a de analisar criticamente as propagandas bonitas, vistosas e bem-humoradas que seduzem seu filho. Com sua ajuda, seu filho pode entender que a única coisa verdadeira nesse tipo de propaganda é o objetivo de vender.

Além disso, você pode também expressar a ele, com veemência, sua opinião a respeito de quem usa bens de consumo para julgar o outro. Sinalizar seu posicionamento é uma ótima referência na formação de seu filho.

Finalmente: que tal cultivar, com persistência e cotidianamente, algumas virtudes que podem ajudar seu filho a ser uma pessoa de bem?

|

27) INVASÃO DE ESPECIALISTAS (03/04/2012)

Na escola, o mau uso de princípios teóricos da psicologia deu um aspecto moralista a essa disciplina

No princípio, era a escola com seus alunos e professores. Uniformes impecáveis, comportamentos idem, disciplina militar, regras de todos os tipos, alunos em geral obedientes, passivos, temerosos.

Quando o aluno cometia alguma falta, era imediatamente penalizado: era obrigado a escrever muitas vezes alguma frase, ficar no canto da sala, levar puxão de orelha etc. A suspensão e a expulsão também eram punições aplicadas de modo exemplar.

Há quem sinta uma certa nostalgia dessa escola, que assim permaneceu pelo menos até o início dos anos 60. O que não se costuma considerar é que essa escola era para poucos, bem poucos. Para os alunos que não precisavam que a escola, de fato, exercesse seu papel.

Para bem funcionar, essa escola distribuíra vereditos: alunos que não aprendiam como a média dos colegas eram simplesmente considerados inaptos para o estudo escolar. E ponto final.

Na década de 60 surgiram novas teorias da educação que traziam o anseio de alunos mais participativos em seu processo escolar e condenavam muitos dos castigos até então aplicados. Novos ares tomaram conta da escola. Nos anos 70, a instituição se abriu para muitos alunos novos que, antes, não tinham lugar na escola.

Mudou muita coisa, mas quero chamar a atenção para uma nova presença no espaço escolar: a dos psicólogos. A proposta da entrada desses profissionais na escola era bem interessante: colaborar para que o ensino fosse democrático, ou seja, garantir que todo tipo de aluno pudesse aprender.

Mas essa proposta não vingou. Diagnósticos "psi", atendimentos clínicos na escola e o mau uso de princípios teóricos da psicologia deram um ar moralista a essa disciplina do conhecimento no espaço escolar. Logo depois chegaram também os fonoaudiólogos, os fisioterapeutas, os psicopedagogos....

Não parou aí. Na sequência, os médicos foram convidados e/ou se convidaram a entrar na escola também e os diagnósticos médicos explicando e justificando as mais diversas questões dos alunos passaram a ter presença regular na instituição.

No princípio, era a escola com seus alunos e seus professores; agora temos alunos, professores, psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicopedagogos e médicos das mais diferentes especialidades. São os chamados especialistas.

Você pensa, caro leitor, que vamos parar por aí? Nem pensar. Agora há outro profissional entrando pela porta da frente da escola e interferindo nela: os advogados.

Atualmente, muitos pais têm procurado advogados para que eles garantam o que consideram um direito do filho ou para que processem a escola por ter agido mal ou por não ter agido em situações bem diversas, como notas, relacionamento com colegas, relacionamento com professores, aprovações, retenções, fatos que repercutem nas redes sociais e envolvem alunos da mesma escola etc.

Estamos vendo a inauguração de uma cultura escolar.

No princípio, era a escola com seus alunos e professores; agora temos a relação entre aluno e professor com a interferência de vários outros especialistas, inclusive médicos e advogados.

Deveríamos nos interessar em saber como fica a relação que deveria ser a mais preciosa -entre professor e aluno- com a intervenção de tantos outros profissionais alheios à educação escolar.

28) SOMOS TODOS DIFERENTES (10/04/2012)

Voltar a juntar alunos com necessidades próprias em 'escolas especializadas' é um grande retrocesso

O mundo contemporâneo é o mundo que celebra a diversidade. Construimos famílias com diferentes configurações, educamos filhos e alunos de todas as maneiras, temos escolas que praticam quase todos os métodos conhecidos (e outros nem tanto), a moda atende a todo o tipo de corpo e gosto etc.

Mas a diversidade nos incomoda tanto que acabamos escolhendo o semelhante. Mesmo sem perceber, nós procuramos o semelhante, o conhecido, o mediano. Evitamos o que escapa à média. Queremos ser diferentes, mas como a maioria.

Os mais novos, que já nasceram no mundo da diversidade, sabem conviver melhor com ela. Mas são impregnados com nossos preconceitos e estereótipos.

O fenômeno do bullying, que tem destaque enorme e por isso mesmo foi banalizado, é uma evidência da recusa da diferença. Intimidar aquele que escancara uma diferença é uma maneira de recusá-la, não é verdade?

No dia 28 de março a Folha publicou o depoimento de uma mãe que tem um filho de 16 anos com necessidades especiais. Um filho diferente da maioria. O depoimento dela deveria tocar a todos nós.

Ela nos conta sobre sua dificuldade em encontrar uma escola que aceite o seu filho como aluno.

Já conversei com várias mães que vivem a mesma situação. Seja porque o filho apresenta comportamentos que a escola não sabe como trabalhar, seja por ter um estilo de aprendizagem que exige um ensino diferente, essas mães são orientadas a procurar o que chamam de "escola especializada".

Isso quer dizer que vamos juntar os diferentes para que eles não incomodem os que aparentemente -e só aparentemente- são iguais?

E ainda temos a coragem de afirmar que praticamos uma educação que é para todos e que nossas escolas educam para a cidadania?

Em pleno século 21, estamos retrocedendo no que diz respeito à educação escolar. Voltamos a uma prática que existiu pelo menos até os anos 1960. Até aquela época, alunos diferentes eram, obrigatoriamente, encaminhados para as consideradas escolas especializadas.

Você pode ver uma bela narrativa a esse respeito no filme "Vermelho Como o Céu". Esse filme conta a vida de um garoto que ficou cego aos 10 anos e, por isso, foi encaminhado a uma escola que só atendia alunos com deficiências visuais.

Munido de muita indignação e coragem, o garoto recusou a segregação e construiu uma trajetória nessa escola que a obrigou a ver o que o garoto, cego, conseguia enxergar. Quando olhamos para o diferente e só conseguimos localizar a diferença, acabamos por anular todo um potencial. De convivência, inclusive.

Esse filme foi baseado na história real de vida de uma pessoa que se tornou um renomado profissional de som do cinema italiano. Imaginem o que teria sido a vida dele se ele tivesse se conformado com a escola especializada...

Precisamos ter a mesma indignação e a mesma coragem mostrada pelo protagonista do filme para que nossas crianças e nossos jovens que são diferentes, ou melhor, que mostram de imediato uma diferença, possam ter a mesma oportunidade que seus pares.

Eles precisam viver no mundo como ele é, viver nos mesmos espaços públicos que todos, inclusive o espaço escolar, e conviver com todo tipo de pessoa, não apenas com aqueles que também portam diferenças aparentes.

Todos somos diferentes. Se não respeitarmos as diferenças, se não aprendermos a conviver com a diferença, isso recairá, uma hora ou outra, contra nós e contra nossos filhos.

29) FILHO PRA QUÊ? (17/04/2012)

Até delivery para atender desejos de grávida chega à porta de quem quer ter filho sem ter trabalho

Às vezes, dá para lamentar as coisas bizarras que acontecem no mundo contemporâneo e o modo como as pessoas embarcam nelas quase que mecanicamente, sem nenhuma avaliação crítica. Mas, de vez em quando, o lamento só vem após boas gargalhadas. Que, aliás, fazem um bem danado em meio a tanta correria e insanidades.

Será que você já descobriu, caro leitor, a existência de um tipo de serviço especialíssimo para casais grávidos? Eu conheci esse serviço por indicação de pessoas que ficaram abismadas com a existência dele. E, claro, se há oferta é porque há mercado, não é verdade?

Então vamos começar a história bem pelo início. Uma pessoa antenada com o mundo contemporâneo consome um sonho realizável: o de fazer uma família e de ter filhos.

Há coisa mais sedutora do que a ideia de uma família feliz? Não há, tanto que os adesivos "felizes" se proliferam nas traseiras dos carros, como já comentei aqui. Mas não é com imagens ideais que se constrói uma família e que se cria filhos, não é verdade?

A realidade é bem diferente: desde a fase do encontro amoroso, passando pelo casamento e pela gravidez, tudo dá um trabalho danado. E o que dizer, então, da lida com as crianças depois que elas nascem?

Relacionar-se amorosamente está difícil, casar está caro porque todo mundo quer um casamento pomposo, o período da gravidez não é apenas essa maravilha que pintam, tem seus percalços...

Superados todos esses obstáculos para a realização do sonho, chegamos finalmente ao ponto da gravidez. A mulher -ou o casal- precisa pensar em tanta coisa... São médicos e consultas, exames laboratoriais, alimentação balanceada, exercícios físicos adequados etc. E tudo isso é só para buscar a saúde física da gestante e do bebê.

Há muito mais a ser providenciado: vestuário para a mulher e para o bebê, maternidade, acessórios necessários, adequação da casa para a chegada de uma criança etc. etc. Ah! Há também o registro das imagens de todo o desenvolvimento da gravidez, do nascimento, da chegada do bebê em casa. E os eventos que costumam acontecer precisam ser planejados, afinal.

Agora os casais que podem -e isso significa ter posses para tanto- não precisam de mais nada: apenas da contratação desse serviço de planejamento e acompanhamento da gravidez e do nascimento do filho. Pronto: um telefonema e tudo se resolve como num passe de mágica.

Até mesmo, caro leitor, aquele desejo de uma fruta no meio da madrugada que a mulher manifesta caprichosa e desesperadamente se resolve só com um telefonema.

Isso significa que todos podem dormir tranquilos porque o sonho de ter um filho não mais dará trabalho algum. Não exigirá mais, para os casais que contratarem tal serviço, compromisso, disponibilidade, tomada de decisões, tempo, dedicação. Só exigirá mesmo dinheiro.

Sair de madrugada para comprar um medicamento ou procurar uma fruta? Esqueça. O serviço funciona 24 horas. O gesto amoroso de o marido sair em busca de algo para acalmar sua mulher grávida será substituído por um simples telefonema.

Ainda não consegui sair da fase das gargalhadas ao imaginar a cena do delivery de desejos de grávidas... Mas sei que vai durar pouco, por isso vou aproveitar e sugerir, caro leitor, que você faça a mesma coisa: ria.

É que será inevitável logo mais chegarmos ao ponto de ter de encarar a pergunta: "Por que mesmo as pessoas querem ter filhos?".

30) LANCHEIRAS AMOROSAS, POR FAVOR (24/04/2012)

Qual educação alimentar temos praticado? A educação das refeições rápidas compradas prontas

Eu estava fazendo compras em um supermercado quando uma consumidora chamou minha atenção. Era uma jovem mulher acompanhada de sua filha de mais ou menos cinco anos.

O que despertou meu interesse foi o fato de a mãe dialogar com a filha o tempo todo. Falavam sobre as compras, a filha fazia perguntas e a mãe respondia de bom grado e com uma linguagem bem adequada para a criança. Todas as respostas fornecidas pela mãe continham informações corretas, mas eram adaptadas ao universo da criança dessa idade.

Não é mais tão comum assim vermos pais e filhos conversarem quando fazem um passeio juntos ou compras, como era o caso.

Quase toda a comunicação que vejo nessas situações se restringe a ordens, proibições, reclamações e pedidos.

A partir daquele momento eu me esqueci da tarefa que precisava realizar e passei a acompanhar tanto as compras quanto os diálogos travados entre mãe e filha.

Com toda a atenção voltada para as duas, notei que a cada alimento comprado a mãe repetia a mesma frase: "Esse vamos levar porque é saudável".

Como a garota não perguntou o significado dessa palavra, presumi que "saudável" já fazia parte de seu cotidiano.

Meu passeio estava delicioso, mas chegou um momento em que ele se transformou em uma maravilha. Foi quando a garota pediu à mãe que ela comprasse um pacote de biscoitos -o que foi de pronto negado.

Sem expressar nenhuma reação mais forte perante uma vontade sua que não seria satisfeita, a menina perguntou: "Esse nós não vamos comprar porque ele é doente?".

Pronto: depois de ouvir isso eu já podia seguir com minhas compras, e fiz isso. Mas é claro que a cena que eu testemunhara me faria pensar.

Lembrei-me logo de uma notícia que lera no mesmo dia segundo a qual quase metade da população brasileira apresenta excesso de peso. Essa notícia, fruto de uma pesquisa realizada no país todo, teve grande repercussão e muitos especialistas -médicos e nutricionistas, em especial- foram convocados a opinar e a orientar a população a respeito da boa alimentação, ou melhor, da alimentação saudável.

Dias depois, recebi a mensagem de uma leitora que, preocupada com a obesidade infantil, me perguntava se não seria interessante que as escolas adotassem em sua prática uma disciplina chamada educação alimentar.

Qual educação alimentar temos praticado com as crianças e os jovens? A educação do chamado "fastfood", ou seja, refeições rápidas, compradas prontas ou ingeridas em lanchonetes, por exemplo. Observar as lancheiras das crianças nas escolas nos permite essa constatação: algumas levam lanches caseiros, mas uma grande parte leva merendas industrializadas. Ou "doentes", como diria a garota de cinco anos que encontrei no supermercado.

Creio que todos que têm filhos devem se lembrar de uma refeição simples, mas muito gostosa, feita por mãe, avó, tia, pai ou todos juntos. Não era preciso ter preocupação se o alimento era ou não saudável: o fato de a refeição ter sido feita em casa, com afeto, já era um sinal de que só poderia fazer bem. Fazia. E, além de tudo, era muito gostosa.

Mas parece que o estilo de vida que adotamos não mais comporta mãe fazendo comida para os filhos, lanche para levar à escola, bolo para a festa de aniversário etc. Se há quem faça, por que deveríamos fazer?

O resultado disso é que quem responde pela tal da educação alimentar dos mais novos é o mercado do consumo. O excesso de peso, inclusive de crianças, é fruto desse fato.

Poderíamos fazer uma campanha pela alimentação gostosa, em todos os sentidos. Lancheiras amorosas, por favor! As crianças agradecem.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (Publifolha)

31) MADRASTAS E PADRASTOS (01/05/2012)

Todo adulto deve aceitar sua responsabilidade em relação às crianças que convivem com ele

A família passou do singular ao plural.

Antes, havia "a família". Quando nos referíamos a essa instituição todos compartilhavam da mesma ideia: um homem e uma mulher unidos pelo casamento, seus filhos e mais os parentes ascendentes, descendentes e horizontais. E, como os filhos eram vários, a família era bem grande, constituída por adultos de todas as idades e mais novos também.

Pai, mãe, filhos, tios e tias, primos e primas, avós etc. eram palavras íntimas de todos, já que sempre se pertence a uma família. Quando as palavras "madrasta" ou "padrasto" ou mesmo "enteado" precisavam ser usadas para designar um papel em um grupo familiar, o fato sempre provocava um sentimento de pena. É que na época da família no singular isso só podia ter um significado: a morte de um dos progenitores.

E o que dizer, então, da expressão "filho de casal separado"? Nossa, isso só podia ser um mau sinal.

Mas essa ideia de família só sobreviveu intacta até os anos 60. Daí em diante "a família" se transformou em "as famílias". Os grupos familiares mudaram, as configurações se multiplicaram. Hoje, são tantas as formações que, creio eu, não conseguiríamos elencá-las.

O tamanho da família diminuiu -e não apenas por uma redução no número de filhos, mas também porque papéis antes tão íntimos tornaram-se distantes. Tios e tias ou mesmo primos e primas passaram a nomear antes pessoas próximas do que parentes de fato.

Aliás, as palavras tio e tia passaram a servir para os mais novos nomearem qualquer adulto: professora, médico, pai do colega, entre outros. E, às vezes, essas palavras até são usadas de forma pejorativa: quem não conhece uma propaganda de carro afirmando que o modelo não é para um "tioção"?

Por outro lado, palavras antes distantes e temidas, como madrasta e padrasto, tornaram-se íntimas de muitas crianças e muitos jovens no tempo da família no plural. Um grande ganho no tempo da diversidade.

Mas há alguns problemas que precisamos enfrentar nesse contexto. O primeiro deles: qual é a responsabilidade das pessoas que assumem tais papéis perante os mais novos?

Conheço crianças que se referem a essas pessoas como "a namorada de meu pai" ou "o marido de minha mãe". Outras chamam as pessoas que ocupam esse lugar de tia ou tio. Poucas nomeiam essas pessoas de madrastras ou padrastras. O que isso pode significar?

Pode apontar, por exemplo, que nós ainda não conseguimos superar a antiga concepção dessas figuras, quando substituía o lugar de alguém que havia morrido. Como hoje as pessoas estão bem vivas e exercendo ativamente seu papel de mãe ou pai, resta um constrangimento social com a palavra, não é?

Mas pode também significar que os adultos não aceitam sua responsabilidade no convívio com essas crianças. E essa recusa não se limita ao novo marido ou à nova mulher, mas também aos ex.

Compreensível, já que vivemos na era da posse absoluta dos filhos. Outro dia ouvi várias mães dizerem: "Na educação do MEU filho, ninguém se mete". Quem vai querer comprar essa briga?

Os mais novos perdem muito com essa nossa postura. Perdem oportunidades de uma relação educativa diferente e rica, por exemplo. E perdem o referencial de que todo adulto é responsável pelas crianças que com ele convivem. Ou não?

32) FILHOS NATIVOS, PAIS ESTRANGEIROS (08/05/2012)

Precisamos orientar os mais novos em seu mundo virtual, mesmo com o nosso sotaque de forasteiro

Crianças e jovens nasceram em um mundo diferente dos que já têm mais de 30 anos. Eles vivem em um contexto que não apresenta muitas semelhanças com aquele contexto que seus pais conheceram antes da idade adulta.

Quem tem filhos, hoje, não tem intimidade com o mundo de seus rebentos porque não experimentou nada parecido.

Os mais novos manejam com a maior facilidade todo tipo de traquitana tecnológica. É realmente incrível como eles são exímios no teclado quando jogam, por exemplo.

Às vezes, é difícil acompanhar os movimentos de seus dedos, de tão impressionante que é a velocidade impressa nesses gestos. Aliás, são poucos os adultos que podem, no mesmo tempo em que os mais novos conseguem, vencer os desafios apresentados por esses jogos.

Isso significa que crianças e adolescentes é que são os nativos deste mundo. Nós somos os estrangeiros, no máximo naturalizados.

Essa terminologia criada para apontar as diferenças no mundo atual entre a nova geração e as outras é perfeita, não é verdade?

Há adultos que conseguem lidar com todos esses aparelhos novos e seus recursos com muita destreza também. Mas, uma hora ou outra, aparece um sotaque que denuncia sua origem.

Tal fato deixa muitos adultos constrangidos. Isso porque precisam educar os mais novos e, muitas vezes, as situações que os filhos experimentam têm características que são grandes novidades para os pais.

Vamos analisar o uso da internet como exemplo.

É grande o número de pais que considera normal a criança ou o adolescente participar de redes sociais de todos os tipos sem qualquer acompanhamento ou tutela.

Já ouvi mães dizerem que não é possível fazer esse acompanhamento e nem sequer orientar porque os filhos têm mais experiência e conhecimento do assunto do que elas -e também porque faz parte da vida deles estarem conectados o tempo todo.

É esse o tipo de pensamento que deixa crianças e jovens à deriva no mundo virtual. E os acontecimentos que envolvem os mais novos na internet têm nos mostrado que não podemos deixá-los por sua conta e risco na rede. Eles precisam de nós para aprender a viver no mundo da internet.

Crianças e jovens são ainda escravos de seus impulsos e podem escrever o que pensam sem nenhuma regulação. Podem se arrepender depois. O problema é que tudo, absolutamente tudo que é colocado na internet é permanente.

Experimente, caro leitor, dar ao seu filho uma folha de papel e uma caneta de tinta permanente. Depois que ele desenhar ou escrever algo, peça que ele apague. Impossível. Para fazer outro desenho ou texto será preciso uma folha sobreposta. Mas a que fica embaixo permanece lá.

Assim é tudo na rede: postou, ficou. Mesmo que algo seja apagado, alguém pode ter copiado e é por isso que permanece indefinidamente.

É principalmente por isso, mas também pela falta de domínio sobre o que pode ser compartilhado publicamente e o que deve permanecer na intimidade, que os mais novos precisam de nós.

Uma palavra dita pode ser esquecida. Uma foto pode ser rasgada, queimada. As palavras escritas na rede sempre podem voltar. As imagens registradas na internet, lá ou alhures, permanecerão.

Essa é uma característica do mundo virtual que é um perigo para os mais novos porque eles nem percebem os riscos que correm postando um comentário ou uma foto.

Por isso -insisto- eles precisam de nós no mundo onde vivem, mesmo com nosso sotaque de estrangeiros naturalizados.

33) SEPARADOS PELOS PAIS (15/05/2012)

Toda criança tem o direito de conviver igualmente com seus pais, estejam eles juntos ou não

Nos últimos dias, vários leitores pediram esclarecimentos a respeito da síndrome de alienação parental. O tema foi introduzido pelas notícias que a imprensa publicou a respeito do garoto Sean Goldman.

Só para lembrar o caso: o garoto, filho da união de uma brasileira com um norte-americano, morou nos Estados Unidos com os pais até que a mãe o trouxe para o Brasil e aqui ficou com ele, decidida a se separar do pai do menino. Aqui, ela construiu um novo relacionamento, engravidou e morreu quando sua filha nasceu.

O pai do garoto iniciou um movimento nos Estados Unidos para ter a guarda do filho e conseguiu. Agora com 11 anos, Sean mora com o pai. A irmã por parte de mãe e avós maternos moram no Brasil e estão sem contato com o menino desde sua partida.

Recentemente, o garoto deu uma entrevista a uma emissora de televisão dos Estados Unidos. Sua participação teve repercussões em nosso país e a expressão voltou a ser tema de conversas.

Síndrome de alienação parental é um termo que passou a ser usado a partir dos anos 80 para identificar a situação vivenciada pela criança que, por interferência da mãe ou do pai, sofre prejuízo no relacionamento com um deles. Isso acontece principalmente após o rompimento da união que gerou essa criança. No Brasil, a síndrome de alienação parental foi regulada pela lei número 12.318 de 26 de agosto de 2010.

Precisamos reconhecer: essa situação não é incomum. Aliás, é cada vez mais frequente em um mundo em que os casamentos, os rompimentos e os recasamentos ocorrem em intervalos de tempo cada vez menores.

Por que será que é tão difícil para dois adultos que um dia se relacionaram com intimidade permitir que o filho, fruto desse relacionamento, se relacione com seus dois pais igualmente?

Um dos motivos pode ser a imaturidade. Crescemos o suficiente para escolher ter um filho sem ter de manter a união que gerou a criança, mas ainda não crescemos o suficiente para arcar com todas as consequências dessa nossa escolha.

Ter um filho é para sempre. O filho cresce, assume sua própria vida, mas será para sempre o filho de alguém. E isso significa que, para sempre, carregaremos as consequências dessa nossa escolha. E hoje é difícil, muito difícil, reconhecer o significado dessa expressão "para sempre", não é verdade?

Outro motivo pode ser nosso egoísmo. Ficamos tão envolvidos com nossos sentimentos, mágoas e ressentimentos que somos guiados por eles e isso nos leva a esquecer totalmente da criança. Temos pouca -quando não nenhuma- disponibilidade para renunciar ao que sentimos para priorizar a criança que nada tem a ver com o rompimento da relação de seus pais.

Toda criança tem o direito de conviver com seus pais e as famílias de origem deles, estejam seus pais juntos ou não. Toda criança deve ter a oportunidade de, ela mesma, construir, aos poucos, a imagem de seu pai e de sua mãe como consequência de sua relação direta com ambos.

Toda criança deve ter garantido os direitos de construir sua identidade familiar, de aprender a conviver com famílias diferentes, de não ser levada, sob pressão emocional, a tomar o partido de um de seus pais.

São raros, bem raros, os casos em que o pai ou a mãe não deve ter contato com o filho para a segurança e a proteção dele. Por isso, devemos nos lembrar de que o que protege e dá segurança a uma criança é ela saber que pode contar sempre com seus pais, mesmo que eles estejam separados.

34) QUESTÃO DE ESCOLHA (22/05/2012)

Num mundo em que o que conta é aderir a comportamentos, jovens nem sabem que escolhem correr perigo

De vez em quando, reorganizo minha correspondência e anotações para identificar o que há de comum entre elas. Dessa vez, ao realizar essa tarefa, o que me chamou a atenção foram algumas correspondências de pais de adolescentes que relataram seus temores em relação à segurança dos filhos.

Quase todos os pais comentaram os estilos de vida que os filhos levavam, ressaltando as possíveis consequências que poderiam ocorrer em função do que faziam.

Alguns falaram das baladas nas madrugadas e outros levantaram a questão da ingestão desmedida de bebida alcoólica nas festas e/ou do uso de algumas drogas ilícitas. Em minhas anotações, que faço após conversas que tenho em reuniões com pais, agrupei várias questões que trataram da falta de medo dos filhos frente à violência urbana e também em relação à prática de alguns esportes considerados radicais, ou seja, perigosos.

Notei também um tom de resignação desses pais em relação à vida dos filhos. É como se eles nada mais pudessem fazer pelos filhos, a não ser sofrer a dor de saber que eles estavam, permanentemente, em situações de risco. Vale a pena, portanto, pensarmos a esse respeito.

Viver o período da adolescência provoca um intenso encantamento no jovem e, ao mesmo tempo, um grande temor. O mundo que descobrem, agora com o próprio olhar e com a possibilidade concreta de se relacionar diretamente, sem a mediação dos pais o tempo inteiro, é excitante e ameaçador.

Excitante porque é um mundo novo: onde os pais veem problemas, eles enxergam desafios; onde os pais identificam dificuldades, eles podem antever superações, por exemplo. E por que ameaçador? Porque eles sabem, ou intuem, que se relacionar diretamente com esse mundo significa ter de bancar as consequências das escolhas que fazem.

Mas parece que eles não têm feito todas as escolhas que podem. Pelo menos, não escolhas que mostrem amadurecimento ou o uso de alguns conhecimentos que, em tese, já têm.

Será que os jovens sabem que, quando seguem o curso da vida do modo como ela se apresenta a eles, abdicam da liberdade de escolha?

Pelo jeito, os jovens não se dão conta disso, tampouco seus pais. Num mundo em que o que conta é aderir a comportamentos, concepções e estilos de diversão e lazer, entre outras coisas que o grupo a que se pertence ou se quer pertencer valoriza, escolher não é uma questão.

Acontece que a vida que temos é, em grande parte, fruto das escolhas que fizemos e fazemos. Viver é, cada vez mais, escolher.

Desde que acordamos até o final do dia, fazemos -e por vezes somos obrigados a fazer- muitas escolhas. Por isso, é importante saber que realizamos tais escolhas, que devemos ter conhecimento das escolhas que fazemos e, principalmente, que só não escolhemos quando é impossível escolher ou quando alguém já escolheu por nós. E esse alguém não significa, necessariamente, uma pessoa.

E é nesse ponto que entra a participação dos pais na vida dos filhos jovens. Eles podem colaborar muito ainda na formação dos filhos apontando as escolhas que eles fazem, mesmo sem saber.

Saber que realizamos escolhas é o primeiro passo no trajeto que leva à realização de uma escolha bem informada. E, ressaltado, muitos jovens nem sabem que escolhem correr perigo, entrar em situações de risco ou mesmo que escolhem não escolher.

Praticar a liberdade de escolha na vida não é uma opção fácil, mas não praticar é muito, muito mais difícil. Os jovens precisam saber disso.

